

SÉRIE DAMAS PERFEITAS

A MARQUESA



NAHRA MESTRE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

SÉRIE DAMAS PERFEITAS

A MARQUESA



Copyright © 2018 Nahra Mestre

Capa: Paulo E. V. Carmo

Revisão: Deborah A. A. Ratton

Editora Portal

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Esta obra segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Todos os direitos reservados.

São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora.

Criado no Brasil.

A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº. 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Prólogo

Dezembro de 1850.

Pela janela da carruagem, Thomas avistou o imponente jardim de Lilleshall. Não havia flores como de costume, as belas rosas e narcisos deram lugar a uma paisagem em tons de ocre. O caminho estava coberto por folhas de matizes avermelhados, a brisa fria anunciava o fim do outono, enquanto o sol se despedia tingindo o céu com várias nuances de dourado. Encontrou um momento de paz se entorpecendo com o cheiro de terra molhada, ao som harmônico dos cascos dos cavalos triturando o folhiço.

A longa viagem de Suffolk a Sutherland fora inquietante, estar em uma diligência com a família durante dois dias era desesperador. O breve momento de silêncio era saboreado como uma torta de amora recém-saída do forno.

Seu pai, lorde George Hervey, o segundo marquês de Bristol, parecia fatigado pelo próprio discurso sobre as responsabilidades de um herdeiro. Depois de passar quase toda a viagem enumerando as futuras obrigações de Thomas, recostava-se ao assento de couro, mantendo os olhos fechados. Sua mãe, Lady Joana Hervey, bordava algo indecifrável, absorta nos próprios pensamentos. O irmão um ano mais novo, David, parecia contemplar a paisagem tanto quanto ele.

Thomas Hervey, o herdeiro do marquesado de Bristol, havia desistido de contrariar as vontades do pai, estava a caminho de fechar o acordo que determinaria seu futuro. Passaria vinte dias na casa do tio Augustus, duque de Sutherland, para selar o compromisso com a prima.

Sarah Granville Anson, a filha mais nova da tia falecida de Thomas, era a escolhida, aquela com quem ele concretizaria uma das maiores responsabilidades de um aristocrata: casar-se e gerar um herdeiro. *Sarah! Se ao menos fosse Ann*, pensou.

À medida que os anos se passavam, o fardo de ser o primeiro filho se tornava cada vez mais pesado. Além do título que herdaria, Thomas fora designado para dar continuidade à carreira política de seus ancestrais no Parlamento.

O avô materno, a quem considerava como pai, era o único que compreendia suas angústias. Lorde Granville era seu mentor, conselheiro e quem lhe ensinara a apreciar a vida parlamentar. Suspirou lamentando não ter a companhia do ancião naquela diligência, mas nada podia fazer a esse respeito; o velho, desde o falecimento da filha mais nova, cortara qualquer contato com o duque de Sutherland e seus filhos.

Thomas também lamentava os entraves que antevia na própria carreira política. Seus pensamentos liberais eram uma verdadeira afronta ao marquês, que se orgulhava dos antepassados conservadores. Este embate ele desejava postergar o quanto conseguisse.

— Eu amo este lugar — assobiou David com meio tronco para fora da carruagem.

— Tenha modos, David — esbravejou o marquês enquanto puxava o filho mais novo pelo braço, para que se sentasse novamente.

— Disse que deveria tê-lo deixado em Cambridge — rosnou Thomas, certo de que não era boa ideia se ausentarem nos últimos dias de aula na universidade, antes do recesso de Natal.

— Não vou discutir novamente com você, Thomas — o marquês franziu o cenho, encarando o herdeiro com os olhos em chamas —, é muito importante que toda a família visite sua futura noiva e, além do mais, David é mais afável do que você. Precisamos impressionar o duque de Sutherland, você irá precisar do apoio de seu tio.

— Não consegue perceber o quanto tudo isso é ... — Thomas desistiu de encontrar uma palavra que definisse tamanho absurdo. — Ela é uma criança!

— Ela tem treze anos, e fui informada de que parece já estar apta para gerar um herdeiro — sua mãe, que permanecera calada por quase toda a viagem, discursava com naturalidade sobre as regras de sua pequena sobrinha, que haviam começado. — Não

precisa fazer essa cara, Sarah só debutará aos dezesseis. Você terá tempo suficiente para terminar os estudos e se preparar para a sucessão. — Colocou o bordado dentro de uma bolsa de couro. — Você precisa aproveitar todo o tempo livre que tem para se aproximar de sua futura noiva, só assim poderão ter um casamento feliz e com muitos filhos.

— Não existe casamento feliz — murmurou o pai em tom desdenhoso.

Antes que começassem uma nova discussão, Thomas se levantou, quase batendo a cabeça no teto da carruagem. Saltou com o veículo ainda em movimento, repetindo a traquinagem do irmão, que já havia feito o mesmo, assim que a mãe começou a falar.

Estava farto do discurso da mãe sobre a importância da harmonia no casamento. Também já não suportava a palestra do pai acerca das responsabilidades de se carregar um título e dos relatos sobre os feitos dos antepassados no Parlamento.

Quando seus pés tocaram as folhas secas, apertou o passo, sentindo a umidade atingir a barra das calças. Correu em direção ao irmão, sentindo-se como um cervo fugindo da mira de uma carabina. A sensação de ardor nos pulmões era revigorante. Desacelerou o ritmo à medida que se aproximava de David e, caminhando ao lado do irmão, tentou controlar a respiração.

— Sarah é uma menina doce — David rompeu o silêncio.

— Você enxerga doçura em um limão.

— Deveria tirar um tempo para se distrair, Thomas. Anda intragável.

— Tenho vinte e um anos, deveria estar em Cambridge para os exames finais, assim como você.

— Não sei quanto a você, mas fiquei muito feliz em conseguir uma dispensa especial dos exames finais. Vou aproveitar minha breve temporada em Lilleshall e você deveria fazer o mesmo.

O herdeiro estreitou os olhos, David parecia alheio a toda pressão que Thomas sofria. Para o irmão mais novo tudo era mais fácil. Não que fosse um *bon vivant* irresponsável; com apenas vinte anos, o filho mais novo do marquês tinha planos de multiplicar suas rendas investindo em livrarias e confeitarias em Londres.

David era dono do próprio futuro. Thomas invejava a liberdade que o irmão gozava, liberdade esta que ele mesmo não tinha. *Se ao menos pudesse escolher a própria esposa...* bufou conformado. Passaria os próximos dias acompanhado da prima irritante, o consolo seria a presença angelical da doce e frágil Ann.

Sarah examinava o próprio reflexo no espelho da penteadeira. Seus seios começavam a mostrar um discreto volume. Pensou se um dia seriam do tamanho dos de Ann ou dos de Lucy, que eram fartos e moldavam o espartilho de maneira elegante. Ainda se sentia tão menina e agora...

Tentou controlar as emoções, um nó formou-se em sua garganta; respirou fundo, tentando esquecer o turbilhão por que passara nos últimos dias. A fragilidade da saúde da irmã, informada pelo médico da família recentemente, roubara-lhe o chão. Como se não bastasse tamanha angústia, acabava de saber pela governanta, Sra. Lucy Turner, que estava prometida para o primo mais velho.

Ao saber que se casaria com Thomas, foi inevitável sentir-se decepcionada. Nunca estivera em seus planos casar-se, tinha outras aspirações.

Sra. Turner escovava-lhe os cabelos em silêncio, enquanto Sarah, de cabeça baixa, brincava com os grampos entre os dedos. Lucy sempre fora mais do que uma governanta. Cuidava dos assuntos domésticos, das contas e era uma mãe para os filhos do duque de Sutherland. Era a senhora daquela casa, mesmo que para muitos não passasse de uma reles criada.

Sarah não se lembrava da mãe, a duquesa falecera quando a filha ainda era bem pequena. E pouco se falava dela naquela casa.

— Você está tão quieta — a governanta acariciou-lhe o rosto antes de começar a trançar seus cabelos.

Lucy sentia as mãos trêmulas, deveria ter sido mais cuidadosa ao dar a notícia à menina. O duque a incumbira de informar sobre a

intenção de unir duas das maiores famílias do Reino Unido, mas Sarah era apenas uma criança. Apesar de possuir uma inteligência fora dos padrões, ainda assim, era muito jovem. A menina havia ficado introspectiva ao saber sobre o acordo de casamento e que toda a família Hervey estava a caminho de Lilleshall para as festividades de fim de ano.

— Não gostaria de me casar, quero ser uma parlamentar.

A governanta se agachou diante de Sarah e ergueu-lhe o queixo com delicadeza.

— Já conversamos sobre isso, querida. Mulheres não se envolvem em política.

— Mas não quero me casar agora.

— Não será agora, minha menina. — Lucy acariciou seus joelhos com carinho. — Irá se casar em três ou quatro anos. Seu pai e o marquês de Bristol concordaram que deve se aproximar de Thomas para estreitarem os laços o quanto antes. O duque quer vê-la feliz, Sarah.

— Eu tenho mesmo que me casar?

— É o que se espera. — A governanta se levantou e continuou o trabalho nos cabelos da menina.

— Por que não se casou?

Lucy suspirou, inclinando a cabeça para o lado de maneira maternal; podiam se ver através do espelho.

— Governantas se casam com o próprio trabalho, Sarah.

— Mas você não é uma governanta, deveria se casar com o papai. Adoraria tê-la como mãe.

Sarah viu Lucy engolir seco e cobrir os olhos. A governanta se virou, caminhando em direção à cômoda, a fim de disfarçar a emoção.

— Não vamos falar novamente sobre esse assunto — com a voz ainda embargada, colocou uma delicada coroa de flores no cabelo da menina. — Agora se apresse, seu pai quer vê-la antes do jantar.

— Vai jantar conosco?

— Hoje não, querida. Temos convidados e sabe como são os protocolos. Irá se sentar ao lado de seu pai, ele faz questão. O médico aconselhou que sua irmã permanecesse de repouso.

— Acho que lorde Thomas Hervey deveria se casar com Ann, eles têm quase a mesma idade.

— Sua irmã tem uma saúde muito frágil. Lorde Thomas precisa de uma esposa que possa gerar um herdeiro. — Lucy prendeu alguns fios que haviam se soltado. — Irá precisar de uma criada para ajudá-la com os cabelos, não sou muito boa nisso, e você agora é uma mocinha.

A menina deu um beijo em Lucy e a abraçou com carinho. Nunca se imaginara casada. Tinha consciência de que nunca poderia ter uma carreira política, era uma mulher, mas gostava de se imaginar no parlamento. Naquela tarde seus sonhos foram esmagados pela realidade cruel da sociedade inglesa; “devo me casar e me tornar uma égua parideira”. Pelo menos se casaria com um futuro parlamentar, talvez Thomas permitisse que ela o ajudasse em sua carreira.

Enquanto caminhava pelo corredor, observava a ponta dos sapatos tocarem a parte azulada da passadeira do corredor. Sentiu as pernas se desequilibrarem quando se chocou em alguém. Instintivamente, ergueu os olhos e o encontrou: *Thomas*. Não se lembrava do quanto o primo era alto. Deixou que os olhos contemplassem o porte atlético, os ombros largos, os cabelos desalinhados... Fechou os olhos, aspirando o aroma de cedro e limão. Ele a encarou com uma expressão indecifrável. *Surpresa? Curiosidade? Exasperação?* Em menos de um segundo, ela percebeu o misto de emoções que atravessara a face angulada, as covinhas... *Como é bonito!* Sorriu involuntariamente quando ele se inclinou para fazer uma breve reverência. Antes que ele pudesse dizer alguma coisa, Sarah beijou-lhe a face e saiu correndo.

Iria se casar com ele! Seria a esposa do parlamentar mais bonito de todo o Reino Unido!

Capítulo I

4 anos depois

Sarah nunca se esquecera daquele dia, da visão dos olhos marcantes, da boca rígida, do tom austero; ficaram impregnados em sua mente. Não se encontrou com Thomas muitas vezes depois daquele Natal em Lilleshall. Foram seis ou sete as vezes que o vira desde que fora prometida.

Apesar da distância entre eles, dedicara-se a aprender tudo sobre o que ele gostava. Não que Thomas houvesse lhe falado de suas preferências, não era dado a muita conversa. Na realidade, Sarah tivera David como um grande aliado para extrair informações sobre o noivo. Muitas vezes, quase sempre, era uma tarefa exaustiva.

A ideia do duque de Sutherland e do marquês de Bristol de fazer com que seus filhos se aproximassem não acontecera como esperavam. Sarah, nos últimos anos, trocara apenas cumprimentos e meia dúzia de palavras com o futuro marido.

Thomas pouco frequentava a casa do duque e, durante as raras visitas, dedicava seu tempo a Ann. Contrariando as expectativas da família, fora David a se aproximar de Sarah. Ele era muito amigo de John, o irmão dela.

Sarah desconfiava que Thomas permanecia afastado a pedido do avô. Este, depois que a filha falecera, passara a ignorar os filhos do duque de Sutherland. Com exceção de Ann. A neta mais velha contava com toda a atenção do lorde Granville. Ele lhe escrevia cartas e a visitava pelo menos três vezes ao ano. Os encontros aconteciam no jardim, o conde de Snowdon nunca rompia a porta das residências dos Anson.

Em contrapartida, a família de tia Joana, os Hervey, tinha toda a atenção de Willian Granville; pelo menos era o que parecia.

Recentemente o lorde, um dos maiores banqueiros da Inglaterra, havia definido o destino de sua fortuna. Não tivera herdeiros homens e, antes que um parente distante assumisse o título com sua morte, repartira quase tudo o que possuía entre os herdeiros, Thomas, David e Ann, mas negligenciara deliberadamente John e Sarah.

Não que ficara decepcionada por ser esquecida, mas se ressentia pelo irmão, que tinha o mesmo direito que os outros primos. Seu pai a proibira de proferir qualquer comentário sobre o assunto. O duque de Sutherland fora categórico ao afirmar que os filhos não precisariam daqueles recursos.

Já não mais se iludia com as esperanças de se tornar a primeira parlamentar mulher do Reino Unido. Conhecia de política o suficiente para saber que demoraria muitas décadas, talvez séculos, para que uma mulher ocupasse uma cadeira na Câmara, mas isso não a desanimara de estudar a Constituição e de entender a política.

Ela se casaria com um futuro parlamentar e teria a oportunidade de ajudar o marido em sua carreira. Achou pertinente aprender alemão, afinal era uma língua muito usada no Palácio de Buckingham, embora muitos ingleses torcessem o nariz para o idioma. Sarah dedicava seu tempo a cuidar da irmã e a estudar tudo que julgava necessário para que fosse a esposa perfeita para Thomas.

Havia chegado em Londres naquela semana, para sua primeira temporada, que deveria ter ocorrido no ano anterior. A pedido de Thomas, o debute fora adiado. Mas Sarah desconfiava que aquilo era ideia do avô, *aquele velho intrometido*.

A diligência havia chegado sem a irmã mais velha, o novo médico de Ann, o jovem e renomado Dr. Anthony, aconselhara a jovem a desfrutar um pouco mais os ares do campo, considerando imprudente uma viagem naquele momento. Mas em breve ela estaria junto à família, pois em vinte dias Sarah debutaria e ficaria noiva logo em seguida.

Livre por um tempo dos cuidados com a irmã, ela se dedicou aos estudos e em encontrar artigos e manuscritos raros. Naquele momento traduzia os documentos de um jovem revolucionário na biblioteca do duque. Fazia anotações enquanto ponderava entre a

lucidez e o radicalismo de Karl Marx. Estava concentrada quando o pai, o irmão e o primo David entraram no cômodo.

— Não sei se acho apropriado você estudar mais sobre política do que qualquer outro cavalheiro presente nesta sala — John a recriminou enquanto se sentava em uma das poltronas perto da lareira.

— Não diga bobagem, David é um grande estudioso, certamente sabe mais do que você.

Sarah colocou as anotações por cima dos manuscritos, seu pai não ficaria feliz em conhecer o conteúdo daqueles estudos.

— Lorde David Hervey — corrigiu o duque com um sorriso zombeteiro. — Ele é seu futuro cunhado, e tamanha intimidade em público não é decoroso. — Serviu um cálice de *brandy*. — E qualquer um sabe mais sobre política do que seu irmão.

David pensou em amainar o sermão do duque, afinal eram primos e ele nunca se incomodara de que Sarah o chamasse pelo nome de batismo, mas se conteve.

— Perdão, papai — balançou a mão no ar —, quer dizer, Vossa Graça. — Sarah afastou a atenção dos papéis e ofereceu um olhar mortal ao irmão. — Lorde Thomas Hervey, meu futuro marido, está se preparando para ser um parlamentar e eu preciso me preparar também. Não quero ser uma mulher frívola, que não se interessa pelos assuntos do marido.

— Seu empenho em agradar meu irmão é encantador, lady Sarah. — David lhe ofereceu um meio sorriso.

— Não pensa em seguir carreira parlamentar, lorde David Hervey? — questionou o duque, sorrindo irônico ante a formalidade com que se dirigia ao sobrinho.

— Prefiro administrar meus negócios, Vossa Graça — adotou o mesmo tom que o tio —, sou o segundo filho e não um herdeiro, acredito que posso fazer mais por meus funcionários do que os parlamentares, pelo povo.

O duque deu um meio sorriso.

John se divertia com a formalidade com que se tratavam, não era habitual naquela casa tamanha reverência.

— É uma posição instigante, tenho certeza de que Sua Alteza Real aprovaria tal pensamento.

— Admiro muito o príncipe Albert e seus ideais.

— Acho muito prudente da parte de Sua Alteza orientar Sua Majestade a ser menos partidária em suas relações com o [Parlamento](#) — completou Sarah entretida na conversa.

John olhou para irmã, intrigado.

— Você me surpreende, Sarah, mas receio que mexericos reais não sejam assunto para uma dama, principalmente uma tão jovem. Deveria estar aprendendo bordado e piano.

— Sarah é uma menina inteligente, John — defendeu o pai —, é muito dedicada em tudo, mas temo que acabe iniciando uma discussão política num chá com as damas da sociedade.

— Não se preocupe, papai, tenho estudado etiqueta e boas maneiras com o mesmo afinco que estudo política. Além do mais, sei que não se deve falar sobre política na frente dos convidados. — Fez uma careta para o irmão.

— Perdão? — questionou John em tom zombeteiro. — Lorde David Hervey é um convidado.

— David é meu primo, um amigo estimado, temos ideais parecidos e em breve será meu irmão, assim como você. — Olhou para o primo com carinho. — Preciso manter as formalidades porque papai assim insiste.

— Eu me questiono sobre que tipo de ideais tem uma criança — provocou John.

— Bem, enquanto discutem ideais, já que Sarah se apoderou da biblioteca, verei meus livros contábeis no escritório — o duque falou em tom brincalhão.

Antes que lorde Anson deixasse o cômodo, David se adiantou:

— Vossa Graça, gostaria de levar a lady Sarah para tomar um pouco de ar no Hyde Park, se me permite.

O duque ponderou por alguns instantes e assentiu, lembrando a filha que fosse acompanhada de Lucy.

Caminhando pelo Hyde Park, Sarah se mantinha a uma distância apropriada do primo. Lucy havia parado em uma das lojas, permitindo que os dois caminhassem sozinhos por dez minutos. Sarah se concentrava em manter o tom de voz baixo, temendo exceder-se em alguma discussão acalorada. Conservar uma postura socialmente aceita era enfadonho, um conjunto de regras ridículas que faziam as pessoas esconderem a própria identidade. Bufou enquanto observava um trio de senhoritas aparentemente felizes com a condição de dama adequada.

— O que há de interessante nas senhoritas? — David perguntou, intrigado ao ver a careta de Sarah.

— Ah, meu Deus! Dei tão na cara assim? Preciso policiar meus modos.

— Você é uma dama perfeita, Sarah. Eu que a conheço muito bem e, quando torce o nariz assim... — tentou imitá-la, rindo da brincadeira.

— Deve ser angustiante viver assim como elas. Falando sobre bordados, temporadas e bailes.

— Mas não é assim que uma dama deve ser?

— Fora de casa — falou incisiva. — Dentro podiam fazer algo mais proveitoso do que frequentar modistas. Ler algo instigante, quem sabe?

David achou graça.

— Suponho que esteja falando do Sr. Marx. Espero que tenha gostado dos artigos, lady Anson.

— Por favor, David, somos quase irmãos, não concordo com essa formalidade em que meu pai insiste. E sim, apesar de um pouco radical, o Sr. Marx é bem instigante.

— Hoje o duque de Sutherland fez algumas insinuações sobre nossa proximidade.

— Isso é tolice, somos amigos, e eu sou apaixonada por seu irmão.

— Como pode afirmar isso, Sarah? Vocês mal se falam, mal o conhece.

— Isso não é verdade. — Sarah parou e se sentou em um dos bancos, perto de um canteiro de gerânios. — Sei muito sobre Thomas, você me dá informações valiosas. — Deu uma piscadinha discreta. — E, além do mais, ele me mandou flores duas vezes depois que cheguei a Londres. — Suspirou com ar sonhador. — Foi muito encantador da parte dele.

David se sentou ao lado dela, a uma distância respeitável, e engoliu em seco. A ideia das flores fora dele, ele providenciara tudo, praticamente obrigando o irmão a assinar os cartões; e só havia conseguido tal feito pedindo a interferência do avô.

— Sei que ele é tímido e um pouco introspectivo, mas acredito que, quando me conhecer melhor, vai apreciar meu empenho e minha afeição.

Quando desviou os olhos, Sarah avistou Thomas, junto do avô, ambos caminhando, entretidos em uma conversa. Sentiu que o coração saltaria pela boca.

— Somente um tolo não enxergaria isso, lady Sarah. — David acompanhou seu olhar.

Tudo o que mais queria, pensou Sarah, era passar um tempo com Thomas no Hyde Park, mas as próprias reservas em relação ao avô eram grandes. Lorde Granville nunca fizera questão da companhia dela e, por mais que negasse, isso a magoava. Não queria encontrá-lo, era desconfortável estar com alguém que a renegara.

— Sinto muito, David, preciso estudar piano e fazer a prova do vestido de debutante. — Levantou-se e alisou a saia do vestido. — Precisamos nos encontrar com a Sra. Turner.

David percebeu o desconforto da prima. Olhou para trás, Thomas parecia entretido demais para notar a presença deles. Mesmo que não fosse apropriado, ofereceu o braço a Sarah, que aceitou sem hesitar. Apressou o passo, aumentando a distância entre eles.

— Vamos, a Sra. Turner já deve estar nos esperando.

Enquanto caminhava ao lado do avô, Thomas viu o irmão acompanhado de uma dama. Era esguia, os cabelos fartos presos em um coque frouxo, e andava graciosamente. Quando pôde ver o perfil da bela moça, não teve dúvidas de que era Sarah.

Assim como ele, lorde Granville parecia tê-los percebido, pois coçava o queixo pensativo, enquanto os acompanhava com o olhar.

— Pobre Sarah — murmurou o velho em tom quase inaudível.

— Não tem vontade de falar com ela? — Thomas deixou escapar a pergunta que sempre quis fazer.

— Não conseguiria — parou por um instante —, durante muitos anos quis contar-lhe toda a verdade, mas não cabe a mim, e sim ao pai dela. Não acho justo que seja enganada dessa maneira. — O velho parou e se sentou no banco que há poucos minutos era ocupado por Sarah. — Isso faz-me lembrar a pauta da nossa conversa. Precisa tomar uma decisão, Thomas, não é certo iludir uma pobre inocente. Aconselhei que sugerisse a ela o adiamento do debute para que você pudesse pensar melhor, mas já se passou muito tempo.

— Um ano parece tão pouco... — divagou brincando com a aba da cartola.

— Pouco para quem pensa, mas muito para quem espera. Já tomou uma decisão?

— O senhor parece meu pai me pressionando.

— Não me compare com aquele patife. — Bufou batendo a bengala no chão. — Não estou pressionando, só tentando poupar mais desgraças na minha família — falou se levantando. — Vá para casa e coloque os pensamentos no lugar. Vou para o clube desfrutar de um bom *brandy* e ouvir velhos decrépitos como eu relatarem suas aventuras sexuais. Não precisa me acompanhar.

E, antes que o neto pudesse contrariá-lo, o conde já estava caminhando em direção à saída do parque.

Lorde William Granville era robusto e gozava de excelente saúde. Thomas desconfiava que a bengala que o avô usava era desnecessária.

O ancião era o bálsamo de sensatez inexistente na família Hervey, refletiu Thomas. Era seu conselheiro, o ombro amigo com que podia contar em todas as horas, ao contrário do pai, que rosnava cobranças a todo tempo. Estava farto, sentia-se cansado de fingir acatar as ordens do marquês. A situação era exasperante a agora ainda tinha que lidar com aquele assunto; Sarah.

Enquanto caminhava para casa, perguntou-se por que ele e o irmão ainda não haviam saído da casa dos pais. No meio do inferno que viviam, já passara da hora de tomarem o próprio rumo. Talvez David estivesse esperando que ele se casasse para sair. Sempre foram unidos, muito próximos, apesar de muito diferentes e pouco conversarem sobre assuntos pessoais. O irmão mais novo sempre fora um prodígio, iniciara mais cedo na escola e, apesar do ano de diferença entre eles, estudaram na mesma classe em Eton e em Cambridge.

Quando chegou a casa, Thomas encontrou o irmão na biblioteca. Viu as próprias anotações sobre a escrivanhinha, David debruçado sobre elas.

— Também faz anotações de suas leituras? — David deu um sorriso irônico ao perceber o quanto Thomas e Sarah eram parecidos.

Os dois passavam as tardes debruçados em livros e artigos sobre política, filosofia e economia. Se Thomas desse uma chance a Sarah, refletiu, perceberia como poderiam se dar bem juntos. Esse pensamento trouxe um gosto amargo, lembrava os motivos pelos quais o irmão permanecia irredutível em se aproximar da futura esposa.

Sarah era uma mulher encantadora e graciosa. Ainda que muito jovem, dedicava-se com entusiasmo, preparando-se para ser a marquesa de Bristol. Era uma mulher astuta, que envolvia todos em seus planos; ele mesmo a ajudava sem ao menos saber como fora convencido.

Era uma jovem que sabia conseguir o que queria, não por ser mimada, mas com argumentos contundentes e uma perspicácia invejável. Se fosse o herdeiro de seu pai, David teria muito orgulho

em tê-la ao lado. Mas nascera livre daquele fardo e, se um dia se casasse, poderia fazê-lo por amor.

— Conseguiu mais algum manuscrito? — Thomas perguntou ao irmão, enquanto se sentava em uma poltrona.

— Sarah pagou uma pequena fortuna pelos manuscritos. Ela tem se dedicado a traduzi-los.

— Vendeu todos para ela? Mercenário! — resmungou.

— Ela pode ser bem persuasiva, ofereceu algumas libras e ainda vai me ajudar com os livros de contas da livraria. — Levantou e caminhou até o aparador.

— Não entendo o que ela quer com esses artigos, uma menina que mal saiu dos cueiros. Uma insanidade oferecer libras por documentos que valem xelins.

— Sarah não é mais uma criança, querido irmão. É uma mulher muito atraente. — Serviu um *brandy* e continuou. — Suas curvas são encantadoras e tem se empenhado muito para ser uma boa esposa.

— Deveria se casar com ela e esquecer essa loucura de cortesã francesa.

— Se eu fosse o herdeiro, certamente não hesitaria. Ela é encantadora, mas você, mais do que eu, precisa de uma esposa de boa família.

— Não acredito que colocou sua amante dentro da casa do duque de Sutherland. Ainda mais como camareira de Sarah.

— Marie já está lá há meses e você nunca se incomodou com isso. — Virou o cálice em um gole. — Em vez de se preocupar com a minha vida, deveria cuidar da sua. Vá visitar Sarah, passe algum tempo com ela e verá que não é tão tola quanto você presume.

— Acha que tenho tempo para tomar chá e conversar amenidades? Tenho responsabilidades.

— Só porque Ann ainda está em Lilleshall, não significa que não tenha que visitar sua noiva, Thomas. Já passou da hora de se aproximar de Sarah. Tenho certeza de que será a esposa perfeita.

— E para que mais serve uma esposa, senão para gerar um herdeiro e dar credibilidade perante a sociedade?

— Isso depende da mulher com que se case.

— Não sou dado a romances como você. O amor é traiçoeiro, David. Um sentimento egoísta que amaldiçoa as pessoas.

— Longe de mim acreditar no seu talento para romances.

— Preciso que consiga as traduções de Sarah. Posso pagar por elas.

— Não acredito que estejam à venda, mas, se for pessoalmente pedir, tenho certeza de que ela não negará.

— Vou pensar! Agora me deixe quieto, preciso me dedicar à leitura.

— Leve-a para tomar sorvete de amora, é o preferido dela.

Thomas balançou a mão, dispensando-o.

David sorriu. Como eram parecidos apesar de tão distantes. Sarah e Thomas tinham os mesmos hábitos, eram os clientes mais assíduos de sua livraria, e quase sempre procuravam os mesmos títulos.

Quando se viu sozinho, Thomas se recostou à cadeira. Sentia-se pressionado com o casamento, a candidatura no parlamento, as cobranças do pai. Sentia-se prestes a explodir. Não teria como postergar o inevitável, estava se aproximando do dia em que revelaria ao marquês de Bristol sua vertente política.

Pensou na conversa que tivera com o avô; Sarah poderia ser uma poderosa aliada em sua carreira. Com ela ao seu lado, seria mais fácil enfrentar o pai. Não podia mais adiar, assim como não podia adiar... Sarah! O que a filha de um duque poderia querer com [Karl Marx](#)? Tal literatura não era bem-vista pela sociedade britânica. Decidiu que veria a noiva no dia seguinte e lhe pediria os documentos que tanto desejava, seria muito oportuno convidá-la para ir à ópera. Ir ao espetáculo com a possível futura noiva seria a ocasião perfeita para satisfazer os próprios interesses políticos e sociais. Assim ficaria mais fácil tomar uma decisão, já que adiar era quase impossível.

Capítulo II

O duque de Sutherland, Augustus Anson, aguardava a filha mais nova no escritório, enquanto saboreava um autêntico escocês. Volteava o líquido dourado no cálice para sentir os aromas da bebida.

Mais que ninguém, Augustus conhecia o peso de carregar um título. Dentre todas as obrigações e responsabilidades, um casamento mal feito poderia causar a enfermidade da alma. Não se casara por amor, naquela época duvidava que tal sentimento pudesse existir. Descobrira a sensibilidade de sua amarga alma no dia em que pusera os olhos em Lucy.

Passara o casamento dividido entre duas mulheres; Juliet, a duquesa de Sutherland, era a dama que desfilava ao seu lado na sociedade inglesa, e Lucy, a bela governanta de seios fartos, olhos amendoados e sorriso encantador, aquela com a qual compartilhava a vida.

Não se sentia culpado pelo triângulo amoroso que vivera, fora ideia da própria duquesa que Augustus tivesse uma amante dentro de casa. Sua aversão ao marido era indisfarçável. Ele vira a esposa definhando às sombras de uma doença traiçoeira, seu espírito perdia um pouco de luz a cada dia em que passava naquela casa.

O conde de Snowdon havia sugerido o acordo de casamento logo que recebera o título de cortesia. Willian, um banqueiro importante, era um homem de fortuna e o casamento de sua filha mais nova com o herdeiro de um ducado concederia à sua família a abertura de portas para a sociedade.

E agora se via culpado por ter sucumbido mais uma vez a um acordo como aquele com lorde Granville, que insistira que Sarah se casasse com Thomas.

Augustus exalou um suspiro. Seus filhos tinham sido deserdados e ignorados pelo pai da duquesa após a morte dela. Apesar de se manter distante, Willian, que parecia disposto a manter todos os

segredos da família às sombras, nunca havia desistido do casamento.

Sarah aos poucos florescia, mostrando-se uma menina forte e inteligente. Ela era seu tesouro; se tivesse nascido homem, faria história como primeiro-ministro do Reino Unido.

— Augustus — Lucy o chamou ainda na porta do escritório. — Sarah está terminando de se banhar, descerá em um instante.

O rosto do duque se iluminou ao vê-la. Apesar das roupas sóbrias, mas de corte elegante, Lucy tinha uma beleza quase mágica, que se aprimorava com o passar dos anos. Com um breve aceno, um comunicado silencioso que os dois conheciam bem, ela se aproximou.

— A cada dia está mais formosa — sussurrou contra o pescoço de Lucy, quando ela se abaixou. — Senti sua falta hoje de manhã.

— Precisava preparar tudo para a chegada de Ann. Estou muito feliz com o novo médico, milorde. Agradeço muito que tenha ouvido minhas súplicas.

— Faça tudo por você, meu amor — recostou-se à cadeira com os dedos entrelaçados ao dela.

Lucy percebeu a tensão no rosto do amante e se colocou atrás dele para massagear-lhe os ombros.

— Anda tão angustiado. — Beijou-lhe o topo da cabeça, enquanto os dedos habilidosos continuavam a friccionar os músculos enrijecidos.

— Temo pelo casamento de Sarah. — Soltou um gemido de prazer enquanto sentia a mágica que os dedos de Lucy faziam.

— Ela parece realmente apaixonada. — Afastou as mãos e se sentou no colo do duque, acariciando-lhe a face.

— Mas seus sentimentos não parecem ser correspondidos.

O duque apertou o pequeno corpo de Lucy contra o seu, deslizando os lábios pelo pescoço pálido. A governanta fechou os olhos deliciando-se com a carícia, estavam juntos há tantos anos e a chama da paixão nunca diminuiria. Desejava-o. Apesar de todos os empecilhos naquele relacionamento, era feliz e se sentia amada.

Tentou se afastar quando ouviu a porta se abrir, mas o duque a impediu. Ficava extremamente constrangida com aquela

demonstração de intimidade que ele nunca escondera dos filhos.

— Mandou me chamar, papai? — Sarah abriu um sorriso ao ver Lucy, corada, levantando-se do colo do duque.

— Sente-se, Sarah. — O lorde tomou mais um gole e segurou a mão de Lucy. — Fique, querida, precisamos conversar com Sarah.

Lucy se sentou ao lado da jovem lady e avaliou a expressão de Augustus. Algo o preocupava e, por mais que soubesse que o casamento com o futuro marquês de Bristol era algo realmente favorável para famílias tão importantes do Reino Unido, ele, assim como ela, parecia temer pela felicidade de Sarah.

— Lorde Thomas Hervey mandou um cartão informando que virá vê-la amanhã. Também pediu minha permissão para levá-la à ópera. — O duque tamborilava os dedos sobre a mesa de cerejeira.

O coração de Sarah parecia saltar pela boca, seria a primeira vez que sairia em público com o futuro marido e também a primeira vez que ele a visitaria, depois da chegada dela para a primeira temporada em Londres. *Tantas primeiras vezes...* Sentiu um formigamento interior e retirou as luvas para conter o suor das mãos.

— Sarah, gostaria de saber se nutre alguma admiração por David — o duque continuou.

— Lorde David Hervey — corrigiu ela o pai, com tom de brincadeira.

O duque deu uma gargalhada, entrando no clima descontraído da filha.

— Você tem um incrível senso de humor e uma capacidade fora do comum de me desarmar, minha filha. Com a fragilidade da saúde de sua irmã, acabei me rendendo aos seus encantos. Faço todas as suas vontades.

— Isso não é verdade, papai.

— Todos fazemos suas vontades, minha querida. — Lucy colocou as mãos de forma protetora sobre as da jovem.

— Sabe que quero sua felicidade — observou Augustus. — Não me casei por amor e acredito que casamento com afeição seja um luxo para poucos, mas tenho visto a maneira como se dedica ao seu

futuro marido, sem ao menos vê-lo... — Parou por um instante e olhou para Lucy. — Você merece ser amada, Sarah.

Ela não disse nada, pois, por mais que se esforçasse, não saberia se um dia Thomas poderia amá-la. Seria o amor dela suficiente para manter o casal? Se contentaria com um casamento como o da tia Joana? Sarah suspirou, ninguém parecia acreditar que Thomas pudesse nutrir algum sentimento por ela.

— David acha que Thomas não me aceita como futura esposa — confessou ao pai.

— Ele disse isso?

— Não com essas palavras, mas eu sei o que quis dar a entender.

— E o que disse a ele? — perguntou Lucy.

— Não permito que ninguém fale do meu futuro marido. Lorde Thomas Hervey é um homem reservado, e tenho certeza de que com o tempo nos entenderemos.

Coçando o queixo, o duque pensou que talvez fosse melhor ser direto e questionar a filha, saber se ela desejava se casar com David em vez de Thomas.

— E se pudesse escolher entre os dois irmãos?

— Isso não é uma possibilidade, amo Thomas.

— Como pode amá-lo se mal o conhece?

Sarah riu com amargura.

— Foi a mesma frase que David usou. — Balançou a mão no ar com desdém. — Fui prometida para lorde Thomas Hervey, serei a marquesa de Bristol e, desde que tomei ciência desse acordo, tenho me empenhado para cumprir meu papel da melhor maneira possível.

— Não foi isso o que perguntei, Sarah. Estou falando do que sente, como pode saber?

— O amor não se explica, papai, se sente. Não questiono seus sentimentos por Lucy e gostaria que me tratasse com a mesma discrição.

— Acho que deveríamos adiar seu debute por mais um ano, vocês precisam se conhecer melhor.

— Acredito que só iremos nos conhecer de fato depois que nos casarmos.

— Milorde, acho melhor deixar Sarah descansar, tenho certeza de que ela vai querer estar descansada para receber Ann esta noite — a governanta interveio temendo pelo rumo da discussão. Virou-se para Sarah com um sorriso contido. — Dr. Anthony informou que Ann tem se sentido disposta e se alimentado bem, ela faz questão de vir ao seu debute.

Sarah deu um amplo sorriso com a notícia de que a irmã chegaria ainda naquela noite. Augustus entendeu a estratégia de Lucy, aquela conversa não os levaria a lugar algum, e ele precisava pensar em uma maneira de dissuadir a filha.

— Tudo bem, Sarah. Vou dar um tempo para você pensar melhor — anunciou Augustus, colocando o cálice sobre a mesa.

O duque se levantou quando a filha fez menção de se retirar. Acompanhou Sarah até a porta do escritório e, enquanto a observava subir pelas escadas, sentiu as delicadas mãos de Lucy na cintura.

Sarah não podia se conter com tantas boas notícias, sua irmã viria, Thomas a visitaria e a convidaria para ir à ópera. Chegou a seus aposentos e viu que a criada organizava os vestidos que haviam chegado da modista para a temporada.

— *Mademoiselle* será a debutante mais graciosa da temporada. — Marie, a camareira, contemplava os vestidos maravilhada.

Sarah escolheu aquele que usaria no passeio com Thomas, sentia as bochechas dormentes devido ao amplo sorriso que se instalara em seu rosto. Ouviu uma leve batida à porta e viu Lucy entrando.

— Marie, pode pegar o embrulho com as fitas lá em baixo, por favor? Acabaram de entregar.

A governanta se sentou ao lado de Sarah, logo que a camareira deixou o quarto.

— Precisamos providenciar o enxoval — lembrou Sarah.

— Para que tanta pressa, minha querida?

— Lucy, é a única chance que tenho de me aproximar de Thomas. Preciso me casar.

— Terá a vida toda ao lado de seu marido, Sarah. Não apresse as coisas. — Lucy acariciou-lhe o braço. — Acho que David seria um

marido mais amoroso.

— Não posso me casar com David, meu coração pertence a Thomas. E, além do mais, desconfio que o coração de David já esteja comprometido. — Lucy suspirou e voltou a atenção para os vestidos. — Lucy, por favor, preciso que me ajude a convencer papai a não adiar. São os meus sentimentos. — Sarah sabia que precisaria pisar em um terreno arenoso para convencê-la. — Sei que você e papai se amam, dormem juntos, são confidentes, mas sei também da decisão de vocês em não contrariar a sociedade e respeito. Preciso que entendam meus sentimentos por Thomas da mesma maneira que os compreendo. — Tocou a mão de Lucy com carinho. — Desde que soube que me casaria com ele, fui aprendendo a amá-lo e a tolerar sua ausência, sua indiferença. Sei que ele pode me amar um dia.

Lucy paralisou diante da declaração, Sarah estava usando todas as armas para conseguir o que queria, e a governanta não tinha dúvidas de que em breve todos estariam curvados às suas vontades. Mas temia pela felicidade dela.

— Você é muito jovem, Sarah, só queremos o seu bem. Não quero que sofra, está acostumada e ter tudo que deseja. — Parou por um instante, tomando coragem para continuar. — Tememos que Thomas tenha uma amante depois do casamento. — Enrubesceu, olhando para baixo.

Assim como você foi amante do papai, pensou Sarah.

Lucy deu um beijo na cabeça da jovem e saiu. Logo em seguida Marie entrou com um embrulho nas mãos. Sarah esperou a porta se fechar e sussurrou:

— Marie, gostaria de contar com sua discrição.

— Estou aqui para servi-la, *mademoiselle*.

Sarah correu até a porta e verificou se havia alguém no corredor. Depois de se certificar de que não seriam interrompidas, foi direto ao ponto.

— O que faz uma amante?

Marie engasgou com a pergunta e Sarah a ajudou dando pequenos tapinhas em suas costas.

— Acredito que não seja um assunto apropriado para uma dama.

— Esse assunto torna-se apropriado a partir do momento que meu marido pode ter uma amante. — Colocou as mãos na cintura, exasperada. — Não acho justo ser enganada sem nem ao menos saber o que acontece de fato.

— Acredito que, depois de sua noite de núpcias, saberá o que acontece entre um homem e uma mulher.

— Acha que posso esperar todo esse tempo para saber? Suponho que o que está dizendo se refere à mesma coisa que a senhorita e David fazem nos jardins à noite.

A camareira ficou pálida e levou as mãos à boca, sua respiração falhou. Sarah a sentou e a abanou com um leque.

— *Mademoiselle* viu alguma coisa? — a criada perguntou num suspiro.

— Não. — Sarah se levantou abanando uma das mãos. — Ouvi David conversando com John, mas eles não sabiam que eu estava ouvindo. Disseram que a senhorita foi uma cortesã em Paris.

Marie empalideceu ainda mais.

— Eu lamento, milady. Posso juntar minhas coisas agora mesmo...

— Não irá a lugar algum. Preciso que me conte o que acontece entre um homem e uma mulher; quero saber também o que faz uma amante

— A Sra. Turner não me perdoaria, milady.

— Assim como não perdoaria seus passeios noturnos.

— *Mademoiselle* é muito perspicaz, se me permite a insolência.

— Tive que aprender desde cedo a conseguir o que quero, Marie; não é fácil ter credibilidade sendo praticamente a única mulher da casa. — Pensou em Lucy, que estivera com ela desde sempre, ainda que às sombras, escondida, assim como Ann, que passava quase todo o tempo acamada.

Sarah sempre esteve na companhia do pai, mesmo na presença de amigos importantes do duque. Muitas vezes se esqueciam de que ela estava por perto e deixavam assuntos inapropriados escaparem. Sua casa não era o exemplo de decoro na sociedade inglesa, mas

também não era alvo de fofocas e escândalos. Aprendera desde cedo que existiam duas vidas, uma dentro de casa e outra fora dela.

— As amantes satisfazem os homens infelizes no casamento, assim como as cortesãs — Marie rompeu o silêncio.

— Seja mais específica.

Marie explicou as diferenças físicas entre homem e mulher, contou também como se concebia filhos. No início parecia encabulada com o assunto, mas aos poucos a conversa fluía naturalmente, como se estivesse passando uma receita de bordado. Sarah ouvia atentamente a explicação.

— ..., mas, para o homem, sexo não é só para conceber filhos, milady. Eles sentem muito prazer.

— As mulheres sentem prazer? — Sarah perguntou curiosa.

— Algumas, sim.

— As cortesãs e amantes?

— Nem todas, milady. Mas, quanto mais uma mulher sente prazer, mais o homem fica desejoso.

— Era mesmo uma cortesã? Pergunto-me como conseguiu o cargo de camareira na casa de um duque.

Marie empalideceu mais uma vez, temendo que lady Anson descobrisse seus segredos. Não poderia perder aquele emprego, não naquele momento. Precisava de dinheiro e de um teto até que pudesse colocar em prática seus planos.

— Não precisa responder, tenho certeza de que David se encarregou disso. — Balançou a mão. — Quero aprender a sentir prazer e quero aprender a satisfazer meu marido.

— Não poderia...

— Não me olhe com essa cara, posso pagar pelas aulas. Iremos à modista e poderá escolher três vestidos.

— Não preciso de vestidos novos, milady. — Olhou para baixo encabulada; precisava do dinheiro, mas não podia cobrar por aquilo.

— Uma libra por aula e mais três vestidos — propôs e o rosto de Marie se iluminou. — Começamos as aulas depois do jantar, David pode esperar.

Capítulo III

Sarah estava na cozinha enrolando biscoitos, as saias do vestido brancas de farinha. Com sua ajuda a cozinheira, Sra. Pia Pattel, havia preparado os pães e os biscoitos preferidos de Thomas. A jovem pediu que fizessem café além do chá, queria agradá-lo.

Enquanto as mãos hábeis se dedicavam aos biscoitos, ela conferia e opinava sobre a montagem da bandeja. Foi quando Lucy entrou à sua procura.

— O que está fazendo aqui, Sarah? Já não conversamos sobre isso? — recriminou Lucy tentando limpar o vestido da jovem com um pano úmido. — Olhe suas roupas, precisa se trocar.

— Não entendo por que tenho que saber costurar e não posso cozinhar. — Bateu as mãos nas saias, sujando-as ainda mais. — Gostaria de voltar a ter aulas de culinária com a Sra. Pattel.

— Isso não é apropriado, certamente terá quem cozinhe por você.

— Gosto do aroma da comida, a cozinha é meu lugar preferido.

Lucy suspirou conformada, sabia que a filha mais nova do duque não desistiria e não precisaria de muito esforço para convencer o pai.

Sarah deu uma piscadela para a cozinheira e seguiu para o quarto, com a Sra. Turner.

— Ann ainda está descansando?

— Está sim, a viagem foi cansativa para ela.

— Assim que lorde Thomas partir, ficarei com ela. — Parou pensativa e continuou. — Não diga a ele que minha irmã já chegou.

— Sarah... — a governanta ponderou as palavras.

— Não me recrimine, sei o que estou fazendo. — Lavou o rosto e a governanta lhe entregou uma toalha. — Algum conselho para impressionar Thomas?

— Sei que não é dada a ouvir conselhos — Lucy desabotoou o vestido sujo —, mas é bom se lembrar de que um homem não gosta

quando uma mulher mostra muita sabedoria — sussurrou junto ao ouvido dela. — Não ofusque o brilho de seu noivo.

— Obrigada, Lucy, farei tudo para agradá-lo.

Quando Sarah chegou ao salão azul, seu pai fazia companhia a lorde Thomas. Ela cumprimentou o noivo educadamente e se sentou na ponta da cadeira, com as mãos no colo. Ficou encantada ao perceber que ele apreciara os biscoitos que ela tinha feito. A pequena mudança na receita fazia sucesso entre os cavalheiros. Ponderou que talvez pudesse dedicar um pouco mais de seu tempo na cozinha.

Lorde Thomas se deliciava com o biscoito, ela o viu fechando os olhos de maneira sutil e desejou que ele sentisse o mesmo prazer quando a tocasse. As palavras de Marie ecoaram em sua mente, sentiu-se inquieta ao reparar no movimento lento dos lábios dele, que se comprazia com a iguaria. Seria amante do futuro marido de muito bom grado, divagou enquanto se remexia na cadeira.

Percebendo o rumo de seus pensamentos, concentrou-se em comportar-se como mandava a etiqueta. Manteve-se quieta, respondendo somente o necessário, queria impressioná-lo. Mas deixar de observá-lo era como privar-se de folhear um livro novo. Tentando manter o decoro, contemplava Thomas. Como sempre, ele trajava roupas sob medida que ressaltavam os ombros largos, e calças justas que moldavam as longas pernas. Sua pele era alva e os cabelos, negros como a noite; o oposto de David, que tinha os cabelos claros como o sol.

— Como vão os preparativos para o debute, milady?

— Por favor, lorde Hervey, não vejo motivos para tamanha formalidade. Ficaria encantada se me chamasse de Sarah. Tenho certeza de que papai não irá se importar. — Virou-se para o pai e sorriu brevemente.

— Em absoluto, vocês são praticamente noivos. Além do mais, David e Sarah se tratam com bastante intimidade. — Augustus colocou o chapéu, levantou-se e fez uma pequena reverência. — Por favor, não se apresse, Thomas. Preciso me retirar, mas chamarei a criada de Sarah para que os acompanhe.

O duque deixou a porta entreaberta quando partiu. Desconfortável com o silêncio, Thomas deixou escapar a primeira coisa que lhe veio à mente:

— Soube que vê David com frequência.

— Ele é um estimado amigo. Espero que isso não seja um inconveniente para o senhor.

— Em absoluto.

— Papai, receia que isso influencie em nosso acordo. — Pensou em dizer casamento, mas achou mais prudente deixar a conversa num tom mais formal.

— Não compreendo.

— Ele sugeriu que talvez eu preferisse me casar com seu irmão, já que ele sempre faz questão de desfrutar de minha companhia.

Thomas inclinou o torso para mais perto e a respiração de Sarah falhou por um instante.

— Estou intrigado para saber o que pensa sobre isso... — Ele parou por um momento. — Sarah.

Ela fechou os olhos saboreando o próprio nome na voz do amado. Era um sedutor; ainda que a um metro de distância ela sentia o aroma pungente que invadia-lhe os sentidos.

Thomas sentiu uma tensão que não sabia explicar. Talvez fosse por se dirigir à jovem de maneira tão informal, ou pela forma com que os lábios dela ficaram entreabertos enquanto ela respirava. Recuou assustado com a reação de seu corpo, ao estar tão próximo da prima.

— Fui prometida ao senhor desde muito nova, lorde Hervey, não me casaria com mais ninguém senão o senhor.

Endireitando o tronco, ele pigarreou e desviou os olhos para a lareira.

— Acredito que seu pai não aprovaria que se casasse com meu irmão. Apesar de ter negócios em expansão, David não é um herdeiro.

— Meu pai acredita que mereço ser amada, milorde, e aprovaria qualquer escolha que eu fizesse.

— Um pouco contraditório para quem arranjou um casamento com a senhorita tão jovem.

Sarah olhou para porta, desconfiando que o pai havia lhe deixado a sós com o noivo de propósito. Tomou coragem para dar a resposta que gostaria e disse:

— Receio que lorde Granville tenha pressionado por um acordo — fez uma pausa, ajeitando na cadeira. — Se me permite a observação, lorde Harvey, sua atenção para com sua noiva é um tanto quanto... — balançou a mão no ar buscando palavras — negligente. Nossos familiares parecem profundamente incomodados com sua indiferença e, para mim, sua postura é ultrajante. Acredito que, tendo em vista a carreira no Parlamento que o senhor pleiteia, seria pertinente demonstrar um pouco mais de estima por sua noiva. Afinal um dos valores impostos por Sua Majestade é um lar repleto de harmonia, moral e bons costumes.

— Vejo que minha conduta tem sido discutida em minha ausência, mas desconheço tal regra nos manuais de bons costumes.

— Não posso impedir os comentários maldosos, mas saiba que desaprovo. Não permito que denigrem sua imagem, lorde Hervey; como sua futura esposa, tenho o dever de resguardar seu nome e de sua família.

— Fico lisonjeado com tamanha devoção.

Sarah meneou a cabeça tentando controlar a pulsação do coração. Apesar das emoções latentes e dos nervos à flor da pele, precisava manter certa impassibilidade no tom da conversa. Se fraquejasse poderia colocar tudo a perder, e revelar os verdadeiros sentimentos poderia afastá-lo. Serviu uma xícara de chá tentando manter a compostura.

— Gostaria de levá-la à ópera amanhã. Mandarei uma carruagem para buscá-la — Thomas tentou mudar o tom da conversa.

— Não precisa se incomodar, lorde Hervey, o duque de Sutherland tem suas próprias carruagens, alguns diriam que é uma coleção invejável. E como estará indisponível para buscar sua futura noiva, alimentando ainda mais os comentários degradantes, não precisa se incomodar com meu transporte. As ruas já se encontram sujas o suficiente. Considere como uma contribuição para que Londres tenha um pouco menos de dejetos de cavalos.

— Virei pessoalmente buscá-la. — Levantou e se inclinou para beijar-lhe a mão.

— Ficarei encantada.

Assim que Thomas saiu, Sarah se jogou no sofá, exausta, mas satisfeita por não sucumbir à arrogância do noivo. Por mais impenetrável que ele parecesse, ela conseguira ver uma pequena fresta em seu coração rochoso. Precisaria de tempo, sabia que não seria fácil, mas havia algo naquele homem que lhe dava esperanças.

— O que foi aquilo, exatamente? — questionou Lucy, entrando na sala, logo depois que lorde Hervey partiu.

— Fui instruída a ter pulso firme e impor respeito. Disseram-me que, uma vez que a princípio não me fizesse respeitar, dificilmente conseguiria tal feito em uma segunda oportunidade.

— Sarah, esse tratamento é para os criados, e não para seu noivo.

— Ele é um tolo, deu o tom da conversa e eu valsei. Além do mais, tenho dificuldades em entender regras que se aplicam a uns e não a outros; tais preceitos deveriam ser universais. Não sei se percebeu, acabei conseguindo o que desejava.

— Como sempre, milady. — Lucy fez uma pequena reverência.

— Meu pai mandou você ouvir atrás da porta?

Lucy não respondeu, mas Sarah sabia a resposta. O duque a estava testando e não estava convencido de que ela não tinha a intenção de se casar com David. Evitar o assunto seria o melhor a fazer, precisava concentrar todos os esforços em atrair a atenção e a admiração de Thomas.

Ao deixar a casa do duque de Sutherland, Thomas seguiu direto para a casa do avô, que, por ironia, ficava a apenas três quarteirões de distância. Preferiu caminhar para tentar dissipar a tensão da conversa com Sarah. *Que menina irritante!* No entanto, apesar de não medir as palavras, de ser manipuladora e de ter a língua afiada

como uma navalha, não podia negar que Sarah era uma bonita visão. As palavras de David não haviam feito jus às formas escondidas pelas camadas de roupa. Um rubor desconcertante aparecia constantemente no rosto dela.

Determinado, caminhou a passos largos e firmes, sentir-se atraído por ela o deixava ainda mais enfurecido. Quando chegou à casa do avô, dispensou formalidades e seguiu direto para o escritório do conde de Snowdon. O mordomo já havia se acostumado com o livre acesso dos netos a casa.

Willian preparava alguns documentos naquela manhã. Avaliando o perfil de alguns novos clientes, virou-se para a porta quando ela se abriu bruscamente.

— Ela é mimada, exasperante, intragável... — Thomas se jogou na poltrona, passando as mãos pelos cabelos e, antes que pudesse continuar, o conde o interrompeu.

— Vejo que seguiu o conselho de seu irmão e foi visitar Sarah.

— Maldito seja, não deveria ter ido! — bufou enquanto o avô acendia o charuto.

— Vejo também que a pequena Sarah conseguiu despertar alguma emoção nesse coração duro.

— Só se for profunda irritação. Ela é...

— Bonita? Inteligente? Formo...

— IRRITANTE! — Bateu as mãos na mesa e se abaixou sobre ela. — Teve o desplante de insinuar que o duque faz gosto de que ela se case com David.

— E você não? Decerto, Sarah é muito mais apropriada do que aquela camareira com quem ele tem se deitado.

Thomas ergueu os olhos, perplexo, o conde parecia achar graça da desgraça do neto.

— Não devia ter vindo. — Recompôs-se e fez menção de se levantar.

— Thomas, o primeiro sinal do afeto é a irritabilidade. Pensa como seria enfadonho passar a vida ao lado de uma mulher frívola e desinteressante.

— Não vou passar o resto da minha vida ao lado dela.

Willian coçou o queixo, pensativo, e se ajeitou na cadeira.

— Vejo que tomou sua decisão. Acho que seria no mínimo respeitável informar a Augustus seu desinteresse nesse matrimônio. Assim, Sarah poderá encontrar um marido adequado.

— Não disse que tomei minha decisão — retrucou Thomas.

O ancião permaneceu em silêncio, esperando que o neto continuasse. — Sarah seria a mulher perfeita para me apoiar em minha decisão, em algum momento terei que informar meu pai sobre minhas intenções de concorrer na Câmara dos Comuns.

— Sabe que podemos tentar uma licença para que atue na Câmara dos Lordes antes do falecimento de seu pai, tenho certeza de que George não se oporia. Não fará diferença a cadeira que ocupe, e sim os ideais que defenda.

— Penso em fazer isso por meus próprios méritos, não quero nada que venha daquela família...

— Sei que falhei. Achei que escolhendo os casamentos de minhas filhas poderia estar fazendo a coisa certa, mas falhei...

— E agora acha que pode escolher o meu casamento.

Willian se levantou exasperado.

— Nunca impus o casamento a você. Impedi que cometesse uma insanidade se interessando por Ann, mas mostrei-lhe que Sarah seria a única mulher capaz de estar ao lado de um homem com pensamentos tão radicais. Acha que vai muito longe com tamanha rebeldia? — Os olhos azuis do conde estavam quase cristalinos. — Eu o criei como filho, Thomas. Respeito cada insanidade que diz desmerecendo a aristocracia e sua importância, mas a filha mais nova do duque de Sutherland é a única que pode trazer um pouco de sensatez aos seus ideais revolucionários. — Com os punhos cerrados continuou. — É muito fácil defender o povo pedindo igualdade quando se tem a mesa farta e criados para servi-lo, mas o homem o qual você pretende representar está nas fábricas, perdendo os dedos e a saúde para alimentar a família. — Suavizando a expressão e a voz, continuou. — Não pode ignorar a importância da aristocracia inglesa, bem ou mal é ela quem mantém as ruínas desse país em pé.

— Uma aristocracia falida, que se nega a se render aos avanços da ciência — resmungou Thomas.

— Exatamente, e é esse o seu papel. Ser o exemplo de um homem moderno e humano que não consegui ser. Você tem as novas invenções a seu favor e, ao lado de Sarah, poderão fazer muito pela Inglaterra.

— Por que ela?

— Porque ela é como sua avó, uma mulher à frente de seu tempo, uma dama leal e que honrará seu nome. Sarah é uma mulher inteligente, admirada por parlamentares importantes e, acima de tudo, dará todo afeto de que você precisa.

— Quem precisa de afeto?

— Todos nós, meu filho. Sua mãe conseguiu macular e trazer desgraça para nossa família, mas antes disso fui feliz ao lado de minha esposa e de minhas filhas. Sua avó morreu de desgosto e eu sobrevivi para tentar consertar toda essa baderna. — O velho serviu dois cálices de vinho do Porto e entregou um ao neto. — Foi o meu afeto o que o acalentou, meu filho. Não estou pedindo gratidão, só quero que saiba que afeto é tão importante quanto fundamental.

— Vou me casar com ela, mas nunca vou amá-la.

— Algumas coisas são incontrolláveis. Quando perceber que só tem a ela e ela a você, o afeto florescerá e o amor estará lá, mesmo que você negue.

A serenidade e a certeza com que lorde Granville pronunciava cada palavra eram ainda mais exasperantes do que o irritante encontro com Sarah. Se tivesse imaginado que a conversa terminaria em divagações sobre o amor, jamais teria ido para a casa do avô. Mas, apesar da impaciência, o fato de ter decidido se casar com Sarah trouxera-lhe certo alívio.

Postergaria aquele casamento o quanto pudesse, mas se casaria. Não levaria para aquela união nada que pertencesse aos antepassados, construiria uma nova história na família Granville e na família Hervey. Thomas se libertaria de todas as desgraças, mas nunca permitiria que o amor habitasse sua casa. Era ele o disseminador do pecado e da discórdia, e um sentimento tão traiçoeiro não podia fazer parte de sua vida.

Capítulo IV

Sarah passou o resto da tarde lendo para a irmã. Depois do jantar, ela se concentrou nas aulas de Marie. Aprender técnicas de sedução com uma ex-cortesã era uma complicada tarefa, precisava ponderar entre o decoro socialmente aceito e a vulgaridade que encantava os homens. Sobre as lições de beijos e exposição de pele nua, achou melhor guardar os ensinamentos para um momento apropriado, teria que utilizá-los somente depois do casamento.

— *Mademoiselle* precisa pensar que o que um homem procura em uma amante é exatamente o que não encontra em casa, com uma dama de respeito. Quando estiver a sós com lorde Hervey, tente ser desinibida, mas não muito, pois os homens apreciam certo recato.

— Penso no que posso fazer amanhã à noite na ópera. — Sarah estava tamborilando os dedos nas têmporas. — Algo que combine o recato de uma dama e a eloquência de uma amante.

— Talvez algumas carícias discretas — Marie apontou para a virilha da lady, por cima das saias. — Aí, algo que pareça inocente. Será uma boa maneira de avaliar se ele a deseja.

— Como saberei?

— Ah, *mademoiselle* saberá. As calças dele ficarão mais justas e haverá certo volume entre as pernas... — Parou pensativa. — Talvez pudesse acariciar lá também, mas só uma vez; logo depois retire a mão demonstrando um misto de recato e diversão.

— Acho que pode funcionar. — Estava entusiasmada com a possibilidade de tocá-lo.

Na manhã seguinte, foi à modista com Marie. Escolheu os tecidos para o enxoval e pagou à camareira os três vestidos prometidos. Levá-la foi providencial, não imaginava o quanto roupas de baixo e camisolas poderiam ser escandalosamente ousadas. A francesa tinha ideias inovadoras, sobrepunha rendas à seda, dando um toque elegante e ousado. Quando a criada sugeriu considerável

alteração no tamanho das calças, a modista empolgou-se levando-as para uma sala reservada.

Garantiu que muitos nobres encomendavam peças extravagantes para suas amantes, mas confessou nunca ter visto nada com aqueles cortes. Diante da revelação do talento da criada, Sarah foi generosa e encomendou um novo enxoval de roupas de baixo para Marie também.

Em casa, Lucy pareceu ofendida por não acompanhar Sarah até a modista; embora a governanta não dissesse nada, a jovem pôde perceber sua quietude e os olhos tristes. Sem saber como agir, resolveu fingir que não notara, afinal não poderia levá-la para uma missão tão indecorosa; certamente Sra. Turner não aprovaria o enxoval.

No fim da tarde enquanto se trocava, Sarah refletia sobre como ir à ópera com a família do noivo a favoreceria; poderia ser uma grande oportunidade para encantar Thomas. Não só para seduzi-lo e avaliar se ele a desejava, mas para colocar em prática as enfadonhas aulas de etiqueta e boas maneiras. Precisava ser perfeita, nada poderia dar errado naquela noite.

Por mais que tentasse negar a si mesma, estava ansiosa e temia que o encontro com o futuro noivo fosse tão exasperante quanto a conversa da tarde anterior.

Marie pegou a escova para pentear os cabelos da lady, quando Lucy entrou no quarto.

— Faça algo diferente, não quero parecer uma menina, e sim uma mulher desejável.

— Sarah! — Lucy censurou.

— Lucy, preciso que meu noivo me veja como uma mulher e, se outros homens me desejarem, ele também desejará.

— Onde aprendeu uma coisa dessas? — A governanta colocou uma mão no coração e se sentou enquanto Marie tentava disfarçar uma risadinha.

A camareira trabalhava com habilidade e Sarah contemplava a própria imagem refletida no espelho. Sentia-se diferente, como se algo estivesse mudando em sua vida. Aplicou perfume enquanto examinava o trabalho da criada, os cabelos caíam em cachos bem

formados e o espartilho apertado realçava as curvas de seu corpo. A francesa era uma mulher de muitos talentos.

No camarote do pai, Sarah cumprimentou o marquês e a marquesa de Bristol, que, apesar de possuírem um camarote, fizeram questão de ir cumprimentá-la. Sua tia e sogra era uma mulher elegante. Tinha cabelos claros como os do filho mais novo, mas os olhos refletiam amargura e certo tom de crueldade.

— Estou muito feliz em vê-la novamente, Sarah.

— Está muito elegante, lady Hervey — tentou soar o mais agradável que conseguia, mas a presença da tia provocava-lhe náuseas.

— Por favor, chame-me de Joana — falou dando pequenos tapinhas na mão da jovem. — Você está linda, sua mãe ficaria orgulhosa. — Thomas olhou para a mãe e para a futura noiva logo em seguida. — Já decidiram em que propriedade irão morar? Creio que será necessário alugar uma casa em Londres, assim Thomas poderá se dedicar melhor ao Parlamento.

— Lorde Hervey e eu ainda não conversamos sobre isso.

— Acredito que ele está esperando somente o momento apropriado. — Joana cutucou o filho discretamente.

— Ficaria grato se não interferisse em um assunto que só interessa a mim e a lady Anson — falou em tom ríspido.

— Deveria ir tomar chá comigo amanhã, Sarah. — A marquesa pareceu ignorar a austeridade do filho. — Podemos conversar sobre os preparativos do noivado e do casamento. Você precisa de um pouco de contato com damas apropriadas.

— Ficarei encantada, lady Hervey. — Sarah manteve toda a educação, não gostava da forma como a tia tratava Lucy, mas isso não era algo a ser discutido em público.

A marquesa já havia deixado claro que não aprovava a amante do duque, assim como não considerava adequada a forma como o

lorde criava os filhos. Sarah poderia tratar a tia com a mesma rispidez de Thomas — se fosse sincera consigo mesma, era exatamente o que desejava —, mas se conteve. Naquela noite, estava empenhada em impressionar lorde Hervey e nada a perturbaria.

John e David chegaram assim que os pais de Thomas deixaram o camarote.

— Está excepcionalmente linda esta noite, lady Anson. — David beijou a mão de Sarah e fez uma reverência exagerada.

— Digo o mesmo, lorde David Hervey.

Thomas se sentiu desconfortável com o flerte e tomou a mão de Sarah.

— Tenho certeza de que meu querido irmão está orgulhoso por estar acompanhado pela mais bela das damas. — David piscou para Thomas e tomou assento no fundo do camarote.

John escondeu o sorriso tossindo discretamente, sentando-se ao lado do pai.

O primeiro ato começou. Sarah sentia-se atordoada com a proximidade de Thomas, seu braço roçava levemente o dele e o cheiro da colônia masculina era inebriante. Enrubesceu ao pensar que passaria toda a vida ao lado daquele homem. *Dedicaria cada instante a fazê-lo feliz.* Sentiu um arrepio ao pensar em como seria fazer todas aquelas coisas que Marie descrevia e remexeu-se na cadeira, desconfortável. Antes que pudesse se arrepender, colocou a mão por cima da de Thomas, a qual descansava por cima da calça, bem próximo ao local que a francesa havia descrito.

— Você está bem? — Thomas perguntou em um sussurro bem próximo à orelha dela.

Sarah corou com o breve contato e assentiu.

Ela estava exuberante, pensou Thomas. Tentou se controlar, mas a proximidade o deixava por um fio e, quando sentiu a mão delicada e macia pousando sobre a sua, não resistiu.

— Está encantadora esta noite.

Sarah aproximou os lábios dos ouvidos de Thomas e, com os dedos deslizando suavemente pelo colo dele, sussurrou docemente.

— Está sempre encantador, lorde Hervey.

Thomas prendeu a respiração, Sarah estava diferente naquela noite, lembrava Ann. Condenou-se pelo pensamento e desviou o olhar para o discreto decote ornado pelo colar de diamantes que pertencera à avó.

Passara toda a tarde ouvindo o irmão mais novo descrever as qualidades de Sarah. David discursava sobre o quanto ela se esforçava. Diante de tamanha beleza e devoção, o mínimo que Thomas poderia fazer para retribuir era dar à futura esposa a atenção que ela tanto almejava. A jovem lady despertava-lhe reações ambíguas, era ativa, tinha a língua afiada, mas em público era graciosa e atraente. Era impossível não se lembrar da tarde em que ficaram a sós. Ela usara a língua ferina para conseguir o que queria, mas ali, em meio a toda sociedade londrina, era a dama perfeita. Ele perdeu o ar por um instante quando percebeu que os tímidos dedos continuavam a acariciar inocentemente bem próximo de sua intimidade. Foi invadido por uma onda de luxúria, que não conseguiu controlar. Teve vontade de seduzi-la e mostrar as consequências daquele carinho.

— Está flertando comigo, lady Anson?

— Sarah... — pediu num sussurro enquanto retirava o dedo, corando após sentir a prova de que ele não era imune aos seus encantos. — Gosto de ouvir meu nome em sua voz.

— Vou considerar a resposta como um sim.

Sarah não respondeu, somente sorriu discretamente, ainda corada. Ele teve vontade de beijá-la. *Controle-se, Thomas!*, pensou. Precisava manter-se alerta, Sarah era uma mulher envolvente, perigosa. Ele jamais poderia se render aos seus encantos. Novamente desviou o olhar para o decote tentador. Era isso! Somente desejo por uma bela e inocente dama. Tranquilizou-se ao saber que não havia encantamento entre eles, somente luxúria. Conhecia as consequências do afeto desmedido. As insanidades de sua mãe eram o exemplo perfeito da degradação.

Thomas percebeu que Sarah não contemplava o espetáculo, e sim Sua Majestade, a Rainha Vitória, e o Príncipe Albert. No fim do primeiro ato, ela permaneceu sentada, enquanto todos se

levantaram para conversar ou ir ao toalete. Ele permaneceu ao lado dela.

— O que há de tão interessante no casal real? — perguntou curioso.

— O amor.

Surpreendido com a resposta, Thomas estendeu a mão para ajudá-la a se levantar; precisava desviá-la dos devaneios românticos o quanto antes.

— Creio que seria vantajoso para minha carreira circularmos juntos pelos corredores, na companhia de seu pai.

— Será um prazer, lorde Hervey. Estou aqui para servi-lo.

Ele não esperava que ela fosse ser tão amável e graciosa. A forma como ela pronunciara aquelas palavras despertara algo dentro dele

— Como poderei retribuir tamanha devoção?

— Tenho alguns pedidos a fazer antes do casamento, compromissos que devemos firmar.

— Estou ansioso para saber quais são esses pedidos. — Estava mais preocupado do que curioso.

— Depois que marcarmos a data, conversaremos sobre isso. — Sarah se levantou. — Por ora sua companhia seria a melhor retribuição.

Ainda encantado com a elegância de Sarah, ele passeou os olhos pelo corpo esguio e provocativo. Ela sorria graciosamente para os amigos do duque de Sutherland, a maioria parlamentares e nobres.

Embora não fosse usual, muito menos apropriado, a pequena órfã sempre estava na biblioteca ou no escritório do pai, onde ele recebia os amigos. Quase sempre falavam de política, e lá Sarah aprendera, fascinada, sobre o governo de seu país. Alguns torciam o nariz e recriminavam o duque por permitir que a filha estivesse presente, mas a grande maioria se admirava da garota encantadora que os ouvia atentamente e fazia perguntas inteligentes.

Thomas contemplou a desenvoltura de Sarah, que a todo momento o colocava sob o foco da conversa, não o deixando em esquecimento um só momento, apesar de toda bajulação que

recebia. Não era somente uma mulher inteligente, era muito bonita. Sem dúvidas seria a peça fundamental para a vida política dele. Com o apoio dela, conseguiria driblar o pai.

O velho lorde Baldwin, um dos parlamentares conservadores, tratava-a com reverência e um carinho paternal. Já o duque não escondia o orgulho que sentia da filha.

— Se algum dia a Câmara aceitar uma mulher, tenho certeza de que lady Anson será a primeira a ocupar a cadeira — lorde Baldwin falou baixo para que somente o duque, Thomas e Sarah ouvissem.

— Vindo de um Tory, é mais que um elogio, lorde Baldwin.

O parlamentar se inclinou discretamente e sussurrou, tomando cuidado para que somente o casal ouvisse:

— Você tem uma joia nas mãos, lorde Hervey. Depois do casamento, tem meu apoio à sua candidatura. — Olhou para os lados, certificando-se de que o duque não estava ouvindo. — Mas, caso não tenha interesse nessa preciosa dama, eu teria a maior felicidade em tê-la como nora.

Depois do irreverente comentário, lorde Baldwin se juntou ao duque de Sutherland e a outros cavalheiros que conversavam, animados, sobre negócios.

Ainda desconfortável com o último comentário que ouvira, Thomas convidou Sarah para voltar ao camarote. Ela pareceu surpresa e ele logo se justificou.

— Não se preocupe, há muitas pessoas nos observando, não será comprometedor. — Ele se afastou. — Como conseguiu o apoio de lorde Baldwin?

— Ele é um grande amigo da família, lorde Hervey, deveria estar feliz por conseguir o apoio de um conservador.

— Mas sou um liberal, Sarah.

— Presumo que seu pai não saiba disso — constatou e ele pareceu apreensivo. — Somos pessoas sensatas com ideais liberais, Thomas, um partido não pode determinar o que somos. Se algum dia não concordar com um ideal whig, votará a favor dos tories?

— Não sei.

— Um parlamentar defende os interesses do país, e não de um partido.

— Você não entende...

— Vejo que está mais empenhado em ir contra as vontades de seu pai do que em defender o interesse de uma nação.

— Você é uma menina, não sabe o que está dizendo.

Sarah deixou Thomas sozinho e voltou para o camarote. Respirou fundo e tentou se concentrar novamente num comportamento socialmente aceitável, sua vontade era estapeá-lo. *Como podia ser tão estúpido e tolo. Será que ele a via como uma menina, e não como uma mulher? Mas e...*

— Desculpe-me, não quis ofendê-la. — Thomas se sentou ao seu lado.

— Não é a primeira vez que age dessa maneira. A essa altura, já deveria ter me acostumado.

— Sinto muito, não consegue imaginar a pressão que sofro.

— Então me diga, deixe-me ajudá-lo.

Ele titubeou, ela parecia sincera. Precisava dela, mais do que podia admitir.

— Meus antepassados eram todos conservadores...

Sarah tocou-lhe a mão.

— Não é apropriado discutirmos política em um teatro. — Ela olhou para o marquês, que estava parado junto à porta do camarote e parecia interessado na conversa. — Se me fizesse a corte como deveria, poderíamos discutir o que quisesse tomando chá e comendo biscoitos.

— É isso o que quer, Sarah? Deus me ajude! Não posso lhe fazer a corte, você nem sequer debutou.

— Faltam poucos dias. Se isso tem tanta importância para você, acho que pode aguardar; embora em minha opinião não seja inapropriado, uma vez que já somos prometidos um ao outro. Além do mais, Ann chegou a Londres e tenho certeza de que você vai querer visitá-la.

Thomas respirou fundo e tentou se acalmar.

— Você me deixou sozinho no corredor, as pessoas vão pensar que nem bem noivamos e já estamos discutindo.

— Peço perdão por isso, meu senhor, prometo pensar em alguma maneira de contornar a situação, para que as pessoas não

interpretem mal um simples desentendimento de ideais.

Thomas se inclinou e sussurrou-lhe ao ouvido:

— As damas não costumam ter divergências de ideais com seus maridos, querida.

— Lamento que as damas sejam tão enfadonhas e sem opinião própria, querido.

No dia seguinte enquanto tomavam o café da manhã, Lucy informou que Ann pedira para passar o dia com a família. Sarah, então, decidiu mandar um recado para a tia inventando algum infortúnio e se desculpando por não poder comparecer para o chá. Sentia-se aliviada por conseguir escapar da presença da futura sogra. A maneira como a observava, os olhos frios a avaliando, era assustadora.

Quando chegou para tomar o desjejum, encontrou o pai e John conversando:

— Quero que vá comigo à [Lilleshall Hall](#), logo depois do debute de Sarah. Dr. Anthony acha que o ar de Londres não faz bem a Ann. Você precisa estar a par das coisas por lá, será o duque um dia. — Augustus anunciou ao filho e John assentiu.

— Terei que ir também? — Sara perguntou enquanto se servia de presunto.

— Você ficará com Lucy, vão precisar resolver os preparativos do casamento, a menos que tenha decidido seguir meu conselho e adiar o debute.

— Não adiarei o debute, papai, também não acho apropriado que me deixe sozinha com lorde Hervey, como fez aqui em casa e no teatro.

— Ele precisa saber onde está se enfiando — falou em tom zombeteiro e todos riram. — Lucy! Não vai tomar café? — o duque chamou a governanta.

— Já tomei, Vossa Graça — Lucy se justificou e saiu.

— O que ela tem? — John perguntou.
— Está preocupada com Ann.
— O senhor deveria se casar com Lucy, papai.
— Eu concordo com Sarah — declarou John.
— Como dei tanta liberdade aos meus filhos? Onde foi que errei?

— O senhor não errou, papai. Somos uma família que se ama e se respeita; mesmo fora dos padrões da moral e dos bons costumes, encena o melhor espetáculo na sociedade londrina.

— De onde ela tira essas coisas? — questionou John, enfiando uma fatia de pão na boca.

— Essa é uma pergunta cuja resposta não sei se gostaria — bufou o duque.

— Converse com Sua Alteza, papai. O príncipe Albert o tem em tão alta conta que poderia interceder junto a Sua Majestade, em favor de um título de cortesia para Lucy. Assim poderiam se casar.

— Não posso envolver nossa família num escândalo como esse, Sarah, não antes de você se casar e de Ann... — O duque não completou a frase, apoiando-se nos cotovelos, com a cabeça baixa.

John fez um aceno silencioso para irmã. Sabia que aquele era um assunto doloroso em demasia para o pai. Não desistiria daquele casamento, na hora certa faria tudo o que tivesse ao alcance para que o pai pudesse ser feliz por completo.

Entre os canteiros de gerânios, atrás das sebes do modesto jardim de Anson House, Sarah folheava um romance tolo, que naquela tarde já lhe havia arrancado lágrimas o suficiente. *Por que se sentia tão sentimental?* Talvez fosse a hora de voltar aos estudos com afinco, abandonando ilusões românticas que só a corroíam e lembravam Thomas.

Um som de passos e o farfalhar das sebes chamou sua atenção. David caminhava pensativo e se aproximou rapidamente.

— Veio ver Ann? — perguntou, fechando o livro e o colocando no banco.

— Vim ver você. — Deu um beijo no rosto da prima. — Não acredito que esteja lendo romances tolos. — David pegou um livro de Austen e viu a capa. — Não sabia que gostava.

— Trouxe os livros contábeis da livraria para eu dar uma olhada? — desconversou, agradecida pela distração que a presença do primo oferecia.

— Como iria esquecer? Não existe ninguém que os entenda melhor do que você.

— Thomas veio com você?

— Está com Ann e minha mãe.

— Ah! Claro! — Baixou a cabeça e pegou o livro involuntariamente.

— Seu pai conversou comigo. — David declarou e Sarah voltou a atenção a ele. — Perguntou se eu tinha interesse em lhe fazer a corte.

— E o que disse?

— Que falaria com você. — David tomou as mãos de Sarah. — Gostaria de saber se acha mesmo que pode ter um casamento feliz ao lado de Thomas. Se acredita que não pode ser feliz ao lado dele, eu...

— Onde está querendo chegar, David? Assim como meu pai, também acha que seria um melhor marido do que seu irmão?

— Sarah...

— Não, David, não é certo!

— Não percebe que Thomas se encantou por Ann? — ele declarou com o rosto coberto de dor, não queria causar sofrimentos a Sarah.

— E você se encantou por Marie. Ann nunca se casaria com Thomas — disse firme, tentando controlar as emoções.

— Você se contentaria em se casar com um homem que nunca lhe entregaria o coração?

— Você também não me entregaria, sei que existe algo entre você e Marie e não parece algo passageiro ou tolo, posso ver o quanto ela fica desconcertada quando seu nome é pronunciado.

David sorriu abertamente, nunca imaginara que os sentimentos que surgiam por Marie pudessem ser correspondidos; ela sempre se mantinha distante. Conteve a felicidade e tentou levar os pensamentos para o lado racional.

— Abriria mão de Marie para fazer você feliz. Não permitiria sua infelicidade.

— Assim como eu não permitiria a sua. Se me casar com você, estarei afastando-o da mulher que ama. Se acha que eu poderia viver um casamento sem ser amada ao seu lado, por que eu não poderia viver um do mesmo modo com seu irmão?

— *Touché.* — David se levantou.

O primo começou a caminhar em direção a casa. Não perderia tempo, Sarah parecia determinada e, conhecendo-a, sabia que nada a faria mudar de ideia.

— Aonde vai? — perguntou perturbada, sem entender por que ele se afastara.

— Responder ao seu pai.

Enquanto via David sumir entre as sebes, pensava no quanto era absurdo o pensamento de se casar com ele. Do mesmo modo era impossível que Ann se encantasse pelo irmão dele. Sentiu os olhos arderem, imaginou-se casada com Thomas e a irmã vivendo na casa deles, como amante dele, assim como Lucy. Nunca tinha pensado no que a mãe sofrera, não como algo possível, mas aquele poderia ser o seu destino. Amar um homem que amava outra. *Será que minha mãe amava papai?*

Inquieta e cansada de divagações, voltou para dentro de casa e foi até o quarto da irmã. Ainda na porta, sem ser notada, viu que Thomas lia para a prima. Ele parecia calmo, sua voz era um veludo que recitava poesias. Ann parecia gostar. Esmagada pelo desespero, pela ideia de que talvez nunca tivesse a atenção dele, Sarah resolveu voltar para o jardim.

Sentiu inveja da irmã. Desejava para si o carinho e a atenção que Ann recebia. Pela primeira vez levou em consideração que se casaria com um homem que poderia jamais a amar. Se ao menos ele a desejasse... se não a considerasse tão infantil. Deixou que as

lágrimas banhassem seu rosto, mergulhada em um vazio profundo, como se tivessem arrancado algo dentro dela.

Observou o jardim, jardim a que um dia sua mãe se dedicara, e que agora estava sob o cuidado de Lucy. Fechou os olhos tentando impedir as lágrimas, mas não tinha controle. O amor que sentia era irracional, e o desespero, palpável. Passou a enxergar o primo com tanto carinho e, mesmo que ele fizesse tudo para se manter distante, era o rosto dele que ela via quando fechava os olhos.

Admirava Thomas por sua coragem de ir contra os valores do pai. Por mais cabeça-dura que fosse, estava disposto a ir contra a tradição da família Hervey. Ergueu os olhos quando viu um par de sapatos masculinos junto aos seus.

— Thomas!

— Você está bem? — perguntou preocupado, sentando-se ao lado de Sarah, enquanto lhe estendia o lenço. — Estava chorando...

— Não é nada. — Ela se recompôs da melhor maneira que conseguiu. — Veio ver Ann?

— Vim fazer a corte a minha futura noiva — declarou, tocando sua mão, mas parecia abatido.

— Seu avô mandou que viesse até mim, certamente.

Ele não negou, mas também não confirmou.

— Soube que tem artigos de Marx.

— Ah! Então é isso — ela falou com desdém.

— Gostaria que me emprestasse.

— Ainda não terminei a tradução, mas posso lhe emprestar minhas anotações.

— Faz anotações do que lê?

— Quase sempre, a menos que seja um romance.

— Não sabia que lia romances.

— Mais do que deveria — ela deixou escapar em voz alta.

Thomas não soube o que dizer e achou melhor não render a conversa.

— Se tivesse a chance de escolher entre mim e Ann, quem escolheria?

— Isso não é uma possibilidade, Sarah — respondeu por impulso, atropelando as palavras, surpreso.

— Acha que pode ser feliz ao meu lado?
— Vou me empenhar para ser um bom marido.
— Isso não responde a minha pergunta.
— Nem sempre temos respostas para nossas perguntas — falou com o olhar perdido e continuou. — Vamos, estão nos esperando para o chá.

Sarah acompanhou Thomas, sua mente era um grande vazio. Um vale de perguntas sem respostas e incertezas. Naquele dia, a simples presença dele não a confortara, estava inquieta demais para se permitir iludir ou se contentar com migalhas. Queria mais, queria-o por inteiro.

Capítulo V

Os dias se passaram como um borrão. Depois da última visita de Thomas, Sarah se desligou do mundo, abandonara as leituras, dispensara as aulas de Marie. A única atividade que prendia sua atenção eram as aulas com a cozinheira, a Sra. Pia Pattel, uma anciã de cabelos grisalhos e que trabalhava para a família Anson desde o casamento do duque.

Ao lado de Pia, sentia-se mais próxima da mãe. E, mesmo que ainda não a tivesse sabatinado sobre a história da família, sabia que podia extrair dela algumas respostas que procurava. Mas lhe faltava forças, não se sentia preparada para saber.

Faltava apenas um dia para seu debute, e as certezas que construía nos últimos anos ruíam a cada badalada do relógio.

— Precisa se trocar antes do jantar, milady. — Pia retirou o avental de Sarah.

— Não vou jantar, Pia. Peça a alguém que me sirva um chá na biblioteca, por favor.

Pia assentiu, e Sarah deixou a cozinha, indo para a biblioteca. Não tinha ânimo para muita coisa, mas estava sem sono e, talvez, encontrasse algo para se distrair.

Perdida num livro de poesias, recostou-se ao sofá, esquecendo qualquer regra tola de etiqueta. Percebeu um movimento na porta, mas não olhou. Estava certa de que seria algum criado trazendo o chá, mas sentiu um leve arrepio ao inspirar o aroma de cedro e limão que a anestesiava. Ergueu os olhos e encontrou Thomas elegantemente trajado. Faltou-lhe voz para saudá-lo.

— Sarah... — Ele se sentou ao seu lado e tocou-lhe a face. — Está doente? Parece tão abatida.

Ela fechou os olhos e inclinou a cabeça para desfrutar do carinho bem-vindo.

— Por favor, fale comigo — pediu em um sussurro, e Sarah sentiu as pernas formigarem.

— Não estou doente... — Abriu os olhos para encará-lo. — Um pouco melancólica, talvez.

A profundidade do olhar de Thomas era hipnotizante. Num lapso de lucidez, ela se deu conta de que aquela era a primeira vez que olhava nos olhos dele. *Tantos anos... tão distantes.*

— Seu pai me desobrigou do acordo — ele declarou, cessando o carinho.

— Ele me desobrigou também.

— Então desistiu do casamento? — Seus olhos pareciam aflitos.

— Não sei o que fazer. — Um soluço involuntário atravessou-lhe a garganta e no mesmo momento ela sentiu as lágrimas banharem o rosto. — Não quero ter o mesmo destino que minha mãe, Thomas.

— Do que está falando? — Entregou-lhe o lenço e segurou sua mão.

— Já deixou clara a sua descrença em nossa união, e eu... — respirou fundo e secou os olhos —, eu não quero dividir meu marido com uma amante.

Thomas a tomou nos braços e beijou sua cabeça. Sarah fechou os olhos desfrutando o pequeno momento de intimidade. Ele a apertou contra o peito, tomado pela vontade de protegê-la. Nunca a vira daquela maneira, tão frágil.

— Sarah — Thomas lhe ergueu o queixo, analisando a face meiga —, eu jamais teria uma amante. Sei muito bem a desgraça que isso pode causar, nunca permitiria que nos acontecesse o mesmo.

— Não será capaz de me amar — declarou sinceramente.

— Mas a respeitarei e honrarei nossa família. Amor no casamento não é algo primordial, Sarah. Existem valores mais importantes.

— Amor não é um valor, Thomas, é um sentimento.

— Um sentimento egoísta, que fere e deixa marcas — disse e ela sentiu como se uma faca tivesse sido cravada em seu peito. — Se estiver de acordo, ainda tenho interesse em me casar com você.

— Acha que sou importante para sua carreira política ou vê vantagens na união das duas famílias?

— Acho que não encontraria esposa mais adequada. Admiro sua devoção.

— Não compreendo, não precisa se candidatar na Câmara dos Comuns; quando se tornar herdeiro, terá uma cadeira na Câmara dos Lordes.

— David me disse que você se preparou para se casar comigo desde o dia em que tomou conhecimento do acordo. Assim como você, tenho me preparado para fazer diferença no Parlamento. Passei toda a vida ouvindo os ditames de meu pai; o que fazer, como me portar, como pensar... — Thomas parou por um momento, perguntava-se por que revelava tanto a ela, mas algo o impulsionava a continuar. — Esta é a única decisão que tomarei por conta própria. Quero que o marquês de Bristol veja o filho ocupando uma cadeira na Câmara dos Comuns, pois acredito que ela um dia terá maior representatividade.

— É um plano ambicioso, admiro sua coragem.

— Quero que esteja do meu lado. Preciso de você para enfrentar a tempestade que virá. Não posso lhe prometer amor, mas serei fiel e me dedicarei a você e a nossa família.

Sarah o olhou intensamente, a garantia de que não haveria amantes foi um alívio ao seu coração. Sentia ainda o afago na mão, poderia se acostumar com aquele carinho... Ele não acreditava no amor, mas poderia ser atencioso e carinhoso, pensou a jovem.

— Pense em minha proposta, seria uma honra me casar com você. — Parecia ansioso por uma resposta.

— Eu me casarei.

A sombra de um sorriso brotou nos olhos de Thomas. Ele não sabia o que fazer com as mãos, mas não se afastou. O silêncio foi constrangedor, e lá estava novamente, aquele olhar marcante sobre Sarah. Ela fechou os olhos e sentiu os lábios do noivo tocando-a brevemente.

— Fez-me um homem feliz esta tarde.

Ela sorriu brevemente.

— Tenho alguns pedidos a fazer — anunciou.

Thomas sentiu um arrepio na espinha, mas continuou fitando-a, curioso.

— Quero que prometa fidelidade — Sarah continuou.

— Tem a minha palavra. — Começou a respirar novamente e a encorajou a continuar.

— Não dormirei debaixo do mesmo teto que sua mãe um só dia.

— Respeitarei suas reservas sobre minha mãe, também não tenho interesse em continuar vivendo muito mais tempo ao lado dela.

— Gostaria de ajudá-lo em sua vida política e preciso de um terço do meu dote.

— O que quer com tanto dinheiro? Terá uma mesada respeitável.

— Meus materiais de estudo podem custar muitas libras no mercado negro. E não quero abrir mão de tal privilégio.

— Terá uma renda para isso, contanto que traduza os escritos em alemão.

Ela sorriu.

— Quero ajudar na administração das propriedades e fazer investimentos.

— Ouvirei seus conselhos. Sei que tem talento para isso.

— E quanto ao apoio em sua carreira política?

Thomas desviou o olhar e, quando voltou a fitá-la, Sarah pôde ver que lutava contra algo dentro de si.

— Não posso permitir que influencie em minhas decisões políticas, passei a vida sendo direcionado por meu pai, não me prive do pouco de liberdade que me resta. — Tocou as mãos dela com carinho. — Mas prometo ouvi-la.

— Certo.

Ela selou o acordo com um beijo no rosto do prometido e, num ímpeto de coragem, aproximou-se e sussurrou ao seu ouvido:

— Se fôssemos apaixonados, neste momento você seguraria meu queixo, mordiscaria meus lábios e me tomaria em um beijo que nos deixaria sem fôlego. — Escutou um pequeno gemido e isso a encorajou. — Seu desejo por mim seria tão grande, que me deitaria neste sofá — deslizou a mão para o colo dele —, desabotoaria meu vestido e me beijaria do pescoço até os seios — sua voz estava macia e ofegante.

Thomas paralisou quando percebeu a mão de Sarah no meio das pernas, acariciando-o, e não conseguiu se segurar. Tomou-a em um beijo cheio de desejo. Os lábios dela eram doces como baunilha, deixou-se levar pela menina inexperiente e de mãos trêmulas mas que sabiam os caminhos a percorrer.

— Sarah! — Tomou fôlego tentando se recompor, com a testa colada na dela. — O que está fazendo?

Sarah parecia anestesiada, o ar lhe faltava e a vontade de permanecer com a boca colada a dele era incontrollável. Thomas a beijou novamente. Com o tronco pressionando-a, deslizou uma mão pela lateral de seu corpo, enquanto a outra segurava os cabelos, que caíam em cachos na nuca. Mordiscou-lhe os lábios com o coração acelerado e a vontade de tomá-la ali.

Sarah respirava com dificuldade, fora muito melhor do que imaginava, poderia sentir prazer e isso daria prazer a Thomas. Deu um sorriso doce.

— Não fiz nada, pelo que me lembro o senhor que me beijou, eu apenas descrevi o que aconteceria se nos desejássemos e o senhor se inspirou. — Deu um sorrisinho maldoso, ajustando o vestido.

— Onde aprendeu essas coisas? — Ele ajustava o paletó arfando, mas não saiu do lado dela.

— Como disse, informações valiosas podem custar muito dinheiro. — Tocou-lhe a face com carinho. — Tenho me empenhado em aprender tudo para servir ao meu marido.

— Isso é coisa de... — Parou por um instante. — É a sua camareira, não é? Está subornando a francesa?

— Que palavra mais deselegante — brincou. — Gosto de pensar que estou pagando por aulas muito instrutivas.

Thomas fechou a cara e se levantou. Sarah caminhou até a escrivaninha, pegou os manuscritos que Marx publicava no *New York Daily Tribune* e entregou ao primo.

— Pode ficar com os artigos. Estão todos em francês e alemão. Pelo que pude perceber, nosso amigo não é um grande admirador da língua inglesa. Tenho as traduções e algumas anotações pessoais, estou certa de que quando nos casarmos terei acesso a esses

artigos e muitos outros na nossa biblioteca. — Fez uma obsequiosa mesura.

— Gostaria de ler suas traduções e anotações.

— Terá tempo para isso, faço questão de discutir com você minhas impressões sobre as ideias revolucionárias de Marx. — Inclinou-se na ponta dos pés e deu-lhe um beijo no rosto. — Até amanhã, lorde Hervey — sussurrou ao seu ouvido, despertando-lhe um desejo avassalador.

Thomas não respondeu por si, ela o estava novamente provocando e ele não resistiria em provar mais uma vez aqueles lábios macios. Puxou-a contra si e a beijou, deliciando-se com o contato de seus corpos. Ela afagou-lhe os cabelos e ele gemeu de satisfação. A língua de Thomas conduzia a valsa, e Sarah bailava com maestria. Num momento de lucidez, a lady lembrou-se de uma lição importante em suas aulas com Marie; precisava dar motivos para que ele quisesse voltar. Afastou-se, avaliando o quanto o futuro noivo a desejava e sussurrou-lhe ao ouvido.

— Sei que não me prometeu amor, mas não pode negar que me deseja.

Ele ficou parado por um instante, analisando a mulher a sua frente, corada, com os cabelos se soltando. Linda! Sedutora! Não seria um sacrifício assim tão grande viver ao lado daquela mulher. Beijou a mão de Sarah e saiu para avisar o marquês de suas intenções.

Toda a movimentação na casa do duque de Sutherland deixara Sarah agitada. A todo tempo lembrava-se dos beijos de Thomas, sentia o rosto esquentar sempre que imaginava tudo o que fizeram e o que poderiam fazer. Ele havia lhe mandado flores, lírios brancos, que jaziam em seu quarto para que pudesse contemplá-las. Lucy havia dito que não fazia bem mantê-las tão perto, mas ela não permitiu que as tirasse dali.

Estava na porta do quarto de Ann, aguardando o fim da consulta de Dr. Anthony. Tão logo o médico saiu, ela entrou. Sua irmã, apesar dos vinte e sete anos, era linda e, naquela tarde, parecia ainda mais encantadora; as bochechas coradas, os olhos brilhantes e o sorriso radiante davam esperanças de uma vida longa e próspera.

— Vejo que está se sentindo bem.

— É o novo tratamento... — falou um pouco envergonhada. — Você parece feliz.

— Você também. Devo atribuir esse sorriso ao novo médico?

Ann sorriu timidamente e corou.

— Não precisa responder. — Sarah balançou a mão no ar. — Vim aqui perguntar se nutre algum sentimento por Thomas, mas vejo que seu coração já foi tomado.

— Não seja tola, Sarah, Thomas se preocupa comigo. — Ann parecia procurar palavras para tranquilizar a irmã. — Somos primos...

— Eu sei, é que...

— Sarah, eu e Thomas não temos nada um com o outro.

— Fico feliz. — Ajeitou os travesseiros da irmã. — Bem, vou deixar você descansar.

Sarah deixou o quarto, e uma onda de alívio a tomou. Não precisava se preocupar; mesmo que Thomas tivesse algum encantamento por Ann, esta não demonstrava nenhum interesse. Tocou os lábios, lembrando-se dos beijos que trocara com o futuro noivo. Em breve o teria e, se tivesse sorte, o pedido seria feito ainda naquela noite.

Vestida e penteada para ser apresentada à sociedade, Sarah não conseguia controlar a felicidade que a acometia. Em poucos minutos desceria até o salão de baile e mostraria a todos que já

estava pronta para se casar. Era como um sonho, um sonho do qual não queria acordar.

Ao se virar, encontrou Lucy e reparou em seus olhos marejados. A governanta a acompanhou com as mãos trêmulas. Antes de descer, Sarah beijou-lhe o rosto e sussurrou um “Obrigada”.

À medida que descia os degraus cobertos por um tapete azul, sentiu o aroma das rosas que ornavam o grande salão. Fechou as pálpebras, saboreou aquele momento e, quando as abriu, viu que olhares curiosos a observavam. Ouviu algumas exclamações discretas e sorriu amplamente ao notar que o pai a aguardava no fim da escada.

O duque a conduziu até o centro do salão e a orquestra tocou os primeiros acordes de uma valsa.

— Você está linda, minha filha, radiante — falou quando outros casais se juntaram a eles.

— Estou feliz, papai.

— Nada me deixa mais satisfeito do que a felicidade dos meus filhos.

Anson House estava cheia de convidados importantes. As damas da sociedade pareciam ansiosas para conhecer a filha mais nova do duque. Lucy havia preparado tudo com muito esmero e o pai da jovem gastara uma pequena fortuna com o debute.

Logo que a valsa terminou, John a reivindicou para a segunda dança, e o marquês de Bristol, tio e futuro sogro de Sarah, conduziu-a na terceira. Ao final Thomas se aproximou.

— Concede-me a honra?

Um minueto, Händel. Mesmo que quisessem, por causa dos passos, não conseguiriam conversar. Sarah se concentrou em dançar com elegância e, embora sem quase se tocarem, sentia-se bem ao lado de Thomas. Quando suas mãos se encostavam, um sorriso contagiante brotava dos lábios dela. Censurou-se por estar agindo de maneira tão inadequada. Quando a música terminou, ele fez uma mesura e beijou-lhe a mão.

— Gostaria de um refresco?

— Ficarei encantada.

Caminharam juntos até a mesa de ponche.

— Dança divinamente bem — Sarah rompeu o silêncio antes de tomar um gole de sua taça.

— Gosto do minueto, não sou um apreciador da valsa.

— Alguns homens diriam que a valsa é uma dança sensual.

E, antes que Thomas pudesse responder à altura a provocação de sua noiva subversiva, David se aproximou.

— Srta. Anson, sei que pareço repetitivo, mas está ainda mais linda esta noite, se é que isso é possível. — Beijou sua mão enluvada. — Concede-me a honra da próxima valsa?

— Ficarei encantada — Sarah fez um discreto aceno para Thomas —, é a minha dança favorita, embora alguns cavalheiros não apreciem.

— Tem permissão para valsar, Sarah? — Thomas perguntou furioso.

— Ora, meu querido futuro marido, papai não é o exemplo do decoro, e eu não debutaria se não tivesse sido autorizada a aproveitar a melhor parte do baile.

Sarah aceitou a mão de David, que a conduziu até o centro do salão.

— Deveria tentar conter o sorriso, as pessoas estão reparando — David a provocou em tom zombeteiro.

— Às vezes é quase impossível disfarçar a felicidade, caro primo.

— Algum avanço com meu intragável irmãozinho?

— Não fale assim de seu irmão. — Deu um tapa discreto no ombro de David, mas se arrependeu. — Fique quieto, está me desconcentrando.

David, sorriu e ao longe viu o irmão, que não desgrudava os olhos da pista de dança. Girou Sarah graciosamente e deu uma piscadela para Thomas. Encontrou os olhos da marquesa de Bristol fuzilando-o e resolveu se comportar.

Sarah foi tomada por uma euforia que jamais imaginara possível. Seu baile estava perfeito, os convidados pareciam aprovar cada detalhe. Ann havia valsado com o pai e com John, parecia surpreendentemente bem-disposta.

A debutante estava ao lado de David e Thomas, quando John se aproximou.

— Papai pediu que não se recolha quando os convidados forem embora. Ele pedirá à orquestra que fique. Teremos um baile da criadagem. — John deu um sorriso para irmã.

— Adoro o baile da criadagem! Vocês poderiam ficar também — sugeriu Sarah.

— Os famosos bailes da criadagem do duque de Sutherland — recitou David. — Quem recusaria um convite desses?

— Sem contar o acesso irrestrito à adega — acrescentou John. — Hoje é dia de champanhe.

— Adoro champanhe. — Sarah estava animada.

Thomas a pegou pelo cotovelo, afastando-a dos demais.

— O duque permite que beba?

— Não seja tolo Thomas, não é nada de mais.

— Sarah, não é aceitável que seu pai continue a festa com Lucy. Sarah se afastou e o fuzilou com o olhar.

— Lucy é muito querida nesta casa, Thomas, uma mãe para todos nós. Se meu pai quer continuar o baile na presença da mulher que me criou, devo encarar como um presente, e não como uma afronta. É bom deixar claro que não gosto do tom com que sua mãe a trata; não permitirei que ninguém destrata e Sra. Turner. Um dia ela será a duquesa de Sutherland e, se não aprova, não vejo motivos para que se case comigo.

Thomas meneou a cabeça sem dizer uma palavra. Não sabia da devoção que Sarah nutria pela amante do pai. As histórias que ouvia da marquesa de Bristol faziam-no repudiar a conduta do duque. Não contrariaria a futura esposa, não destrataria Lucy, mas não era obrigado a concordar com tamanha imoralidade.

Resolveu ficar na companhia do irmão, pois planejava formalizar o noivado ainda naquela noite. E, à medida que os convidados deixavam o baile, seu peito se apertava como se estivesse caminhando para a forca.

Joana ao partir, embora não achasse adequado que os filhos fossem os últimos a deixar a festa, não demonstrou contrariedade; decerto não imaginava as intenções do duque em continuar o baile.

Ann estava sorridente e conversava com um rapaz jovem e bem-apegoado.

— É o novo médico de Ann — Sarah anunciou acompanhando seu olhar. — Papai acha que ele está fazendo grandes progressos.

— Convidou-o para o baile?

— Claro! Dr. Anthony é filho mais novo do barão de Lynedoch, general do exército. Além do mais, é um homem encantador.

Ele olhou para Ann, que parecia aproveitar a companhia do cavalheiro. O duque valsava com Lucy, enquanto David se rendia aos encantos de Marie e John saboreava um autêntico escocês.

— Bem, parece que todos estão entretidos. Este seria o momento em que você me convidaria para dar uma volta. — Sarah bateu os cílios graciosamente. — Já que não é muito dado a danças românticas.

Ele aproveitou a deixa, poderia levar Sarah até o jardim e marcar a data do casamento. Embora fosse de longe decoroso, aquilo parecia o mais aceitável a fazer, já que a moralidade era algo que passava longe daquela casa. Ofereceu o braço a Sarah, que aceitou sem titubear, conduzindo-o ao jardim lateral.

— Acho que podemos marcar a data do casamento. Daqui a três meses, o que me diz? — Thomas propôs logo que se sentaram.

Sarah mordeu o lábio e fitou a boca do noivo. Aproximou-se e, por um instante, ele achou que o beijaria, mas ela chegou bem perto e sussurrou, com os lábios colados à bochecha dele:

— Esse seria o momento em que você se ajoelharia e, depois de me pedir em casamento, tiraria minha sapatilha, minha meia de seda e beijaria meu tornozelo. — Deu um pequeno beijo na face tensa. — Se me desejasse, deixaria que suas mãos subissem pelas minhas pernas até encontrar a peça de renda que o separa de minha virtude.

Thomas sentiu um desconforto entre as pernas, Sarah tinha o poder de tirá-lo do sério. Deixava-o sem palavras.

— Gostaria que seus dedos passassem por dentro do meu vestido...

Thomas a tomou em um beijo sôfrego e a apertou contra si. Lutou contra a vontade de reproduzir todas as obscenidades que

aquela boca atrevida pronunciava. Não foi fácil se controlar diante de tamanho desejo. Mas precisava se afastar.

— O que acha de três meses? — ele sugeriu ainda ofegante, tentando manter o pouco de sanidade que ainda lhe restava.

— Não vai se ajoelhar?

— Não é necessário.

— Neste caso, pode marcar para daqui a um mês.

Thomas paralisou com a resposta, não esperava tanta pressa.

— E se eu me ajoelhasse.

— Tarde demais. — Ela se levantou e balançou a mão no ar. — Mas se tivesse se ajoelhado, pediria seis meses.

Saiu andando graciosamente, deixando o noivo parado entre os canteiros de narciso.

— Estrategista indecente — praguejou sem se dar conta das palavras que proferia.

Thomas estava inquieto, não conseguira dormir naquela noite. As palavras de Sarah ecoavam em sua mente, que reproduzia tudo o que ela descrevera sussurrando-lhe ao ouvido. Quis voltar à casa do duque, invadir o quarto dela e tomá-la. Jamais sentira um desejo tão devastador por uma mulher.

Nervoso, andava de um lado para o outro, enquanto David e seu avô permaneciam entretidos em uma partida de xadrez.

— Tem que tirar aquela francesa da casa de Sarah imediatamente!

— Não se preocupe, meu irmão, Marie sairá de casa junto com sua noiva, depois do casamento.

— Não admitirei sua amante como criada da minha esposa. Você sabia que aquela libertina é quem tem colocado ideias imorais na cabeça de minha noiva.

Lorde Granville desviou os olhos do tabuleiro, com um sorriso perverso nos lábios.

— Ora, ora, vejo que sua noiva não mede esforços para agradá-lo. Que mulher perspicaz! Aconselhando-se com uma profissional? — O sorriso do avô deixou Thomas ainda mais exasperado.

— O senhor deveria estar escandalizado — vociferou.

— E você agradecido, a maioria das senhoras não se interessam por um assunto tão... — O velho olhou para David, esperando que ele continuasse.

— Pertinente?

— Vocês dois perderam o juízo. Deve se livrar dessa... — Balançou a mão no ar, furioso, procurando palavras — o quanto antes.

— Você não vai me dizer o que fazer, Thomas. Marie é muito mais que uma amante!

— Não diga uma tolice dessas.

— Se não é capaz de amar, não subjogue os sentimentos dos outros. — Willian estreitou os olhos para o neto.

— Agora fiquei intrigado para saber os conhecimentos que minha priminha querida compartilhou com você. Marie disse que ela é uma aluna muito aplicada — provocou David.

Thomas apontou o dedo para o irmão.

— Não permitirei que minha casa seja como a casa do duque de Sutherland. E o senhor deveria se envergonhar de apoiar um relacionamento tão escandaloso.

Thomas deixou a sala furioso, e lorde Granville se recostou à cadeira.

— Bem, David, precisa resolver sua situação com essa moça. Se Sarah a levar como criada depois que se casar com Thomas, ficará ainda mais difícil.

— Vou tirá-la de lá. Só preciso convencê-la de que não precisa trabalhar.

— Lembre-se de que me prometeu não se envolver em escândalos que possam prejudicar a carreira de seu irmão.

— Sou um homem de palavra, lorde Granville.

— Sei que sim, meu filho. Também sei que, se ainda não fugiu com a garota, foi por causa de seu irmão. É um homem bom, honrado. Pensou sobre as terras da Escócia de que lhe falei?

— Um assunto de cada vez, querido avô. Primeiro precisamos ajudar o cabeça-dura do meu irmão.

— Quanto a isso, não tenho dúvidas; Sarah já está fazendo um excelente trabalho. Não permita que as aulas com a sua ... — procurou palavras para descrever a amante do neto. — Deve incentivar as aulas, serão muito úteis para domar Thomas.

— Vovô, não tem vontade de se encontrar com Sarah? Parece ter um carinho muito grande por ela.

— No momento certo, David... No momento certo.

Trancado no quarto, Thomas tentava se concentrar nos artigos que Sarah lhe entregara. Não falava alemão, portanto conseguira ler somente os manuscritos em francês. O jovem revolucionário parecia ter abandonado a filosofia e discursava sobre economia de uma maneira instigante. Ler Marx era inapropriado em Damascia, beirava a ilegalidade. Ele se perguntou em que tipo de encenacao a noiva se metia para ter acesso a informações impróprias, uma vez que David muitas vezes encontrava dificuldades em conseguir os manuscritos.

Ser um liberal numa família de nobres parlamentares conservadores era o maior motivo de desavença entre Thomas e o pai. O marquês ainda não sabia dos planos do filho em atuar na Câmara dos Comuns e, decerto, desconhecia os ideais apartidários da futura nora. Das poucas vezes que viu Sarah conversar sobre política, ela nunca demonstrou empatia nem pelos whigs e nem pelos tories. Tinha uma maneira particular de ver as coisas.

Mesmo sem saber, sua noiva poderia ser uma grande aliada em seu futuro político, já que o pai jamais permitiria sua candidatura. O casamento poderia trazer um suspiro à batalha que ele enfrentava. E, apesar de não amar Sarah, ela era uma mulher excitante. Inexperiente, que usava a língua afiada para seduzi-lo. Era avessa às regras e convenções de uma sociedade que não admitia que se discorresse sobre os prazeres da carne.

Thomas temia que tamanha luxúria fosse uma doença incurável, fruto dos maus exemplos que ela vivenciava em casa. Certa vez, deparou-se com uma cartilha que dizia que comportamentos tão libidinosos eram sintoma de uma grave patologia.

Mas sabia que a grande culpada pelos pensamentos obscenos da noiva era a amante de David. E aquilo o enfurecia. Marie roubara a ingenuidade, a fragilidade de Sarah, e a inocência era algo que o enfeitiçava em uma mulher.

Tinha receio de que sua mulher fosse autosuficiente a ponto de não necessitar dos cuidados dele. E isso o exasperava. Ann era meiga, frágil; já Sarah ... Queria uma mulher dócil, que o esperasse em casa, e não uma atrevida que lhe deixava sem saber como agir. Casar-se com Sarah seria a maior insanidade de sua vida. Mas não se via casado com mais ninguém.

E, por mais que a razão o contradissesse, ela parecia certa. Fechou os olhos e imaginou os lábios ardentes da noiva. *Pare! Você não pode amá-la! Apaixonar-se por Sarah será a sua perdição.* Precisava encontrar uma maneira de manter o casamento sem sentimentos e em uma forma de fazer com que ela se submetesse a ele.

Resolveu ir à florista, precisava enviar flores para a noiva e fazer com que ela se rendesse a ele; quanto mais encantada estivesse, mais chances ele teria de fazê-la sucumbir aos seus desejos. O amor cega, corrompe e, certamente, seria a arma perfeita para driblar o mau gênio de Sarah.

Capítulo VI

O grande dia havia chegado. Ainda anestesiada, revivia o momento em que Thomas recitava os votos. Cada palavra, cada respiração, cada movimento, tudo estaria gravado em sua memória para sempre.

No desjejum nupcial, todos pareciam aprovar os pratos que ela havia ajudado a preparar. Mas não conseguia prestar atenção em nada, estava ansiosa para deixar os convidados e seguir viagem para a lua de mel.

Contemplou mais uma vez a aliança. Um diamante comprado especialmente para ela, e esse pensamento a fez suspirar. Thomas não queria que a infelicidade fosse trazida por uma joia de família. Ele era romântico, suspirou.

— Teremos baile da criadagem? — Thomas perguntou junto ao ouvido da esposa, num tom áspero.

— Acredito que sim, mas não faço questão de ficar. A hora que quiser, podemos partir.

— Ótimo! — Ele se levantou e todos os presentes o acompanharam. — Lady Hervey e eu estamos muito felizes com a presença de todos. Sei que parece inoportuno o meu pedido, mas temos uma longa viagem a caminho de Ickworth House. — Fez uma pequena mesura ao sogro. — Vossa Graça, permite que nos retiremos?

— Têm minha permissão — o duque informou, erguendo uma taça.

Sarah se despediu dos irmãos e do pai. Lucy a acompanhou até a carruagem e, antes de entrar, Sarah anunciou:

— Temos que esperar Marie.

— Terá uma criada a aguardando em Suffolk e ela voltará conosco para Londres.

Sarah não queria discutir, mas não estava satisfeita com a troca de camareiras. Se Thomas achasse que isso a afastaria das aulas,

ela o deixaria pensar que sim. Acreditava já estar munida de informações suficientes para a noite de núpcias.

Acomodaram-se na carruagem, e Sarah acenou em despedida para Lucy.

— A cozinheira pediu para servi-la em nosso novo lar — ele anunciou com o semblante mais sereno, parecia aliviado por ter deixado as festividades.

— Pia? Oh! Não acredito, esse é o melhor presente que eu poderia receber.

— Ela vai ajudar a organizar os preparativos para nossa volta, imaginei que gostaria de tê-la como governanta.

— Oh, Thomas! — Ela o abraçou com carinho. — Você é um marido encantador.

Ele ficou rígido enquanto Sarah se recostava ao seu ombro. *Sarah tem cheiro de primavera.* Permaneceu imóvel para não encorajar manifestações de afeto, mas não podia negar que estava se deliciando com a proximidade. Não demorou muito até que ela adormecesse. Pensou em se afastar, mas ela dormia profundamente e ele não viu mal algum em ampará-la. Envolveu-a com um braço para que ficasse mais confortável, e ela resmungou algo ininteligível. Sarah parecia tão frágil, tão doce — Thomas tentou afastar os pensamentos.

A viagem foi torturante, a proximidade era torturante. Tentar conter o impulso de tocá-la a cada vez que a via era exaustivo. Acabou adormecendo e, quando o cocheiro o despertou, viu-se num emaranhado de pernas e braços com a esposa. Desvencilhou-se rapidamente e tentou recompor-se, ajeitando o paletó amassado.

Era tarde da noite e Ickworth House podia ser vista pelo brilho das tochas que a circundavam. Os criados os aguardavam no vestíbulo para serem apresentados à futura marquesa. Todos pareceram muito prestativos, com exceção da governanta, que parecia ter chupado um limão, tão azeda parecia. A nova camareira de Sarah não tinha menos que setenta anos, tinha dificuldades em andar e parecia um pouco surda. A Sra. Roberts conduziu lady Hervey até seus aposentos na velocidade de uma tartaruga. Logo que entrou, Sarah quis se livrar da velha.

— Preciso encontrar uma camisola, milady. — A Sra. Roberts tentava abrir um baú.

— Não será necessário — pensou nas consequências daquela senhora ver suas camisolas pouco decentes —, só me ajude a retirar o vestido. Se puder me preparar um banho...

— Mas está tarde, milady. Não faz bem banhar-se tão tarde da noite.

Sarah dispensou a criada, irritada. Foi até o lavatório e se limpou com água de rosas. Sabia o que queria usar naquela noite, nada que a Sra. Roberts achasse apropriado. Quando se deu conta de que em breve estaria na cama com o marido, percebeu que as mãos tremiam, e sentia um formigamento no trato digestivo. Ainda estava nua, somente com a diminuta calçola de renda, que cobria metade das coxas. A peça fora um presente de Marie.

Ouviu a porta de ligação entre os quartos abrir-se e sobressaltou-se. Ao se virar, encontrou Thomas vestindo as calças, sem camisa e sem sapatos. Levou a mão ao pescoço, sentindo falta de ar, era uma visão maravilhosa, nenhuma descrição poderia fazer jus à tamanha beleza. Os ombros dele se moviam num ritmo acelerado e sua expressão era diferente de tudo o que ela conhecera.

Ao entrar no quarto de Sarah, Thomas se deparou com a mulher debruçada sobre um dos baús, sua nádega quase exposta numa fina camada de renda. Pensou que jamais tivera uma visão tão graciosa, até que ela se virou. O ar lhe faltou. *Vênus de Milo*, pensou, Sarah parecia uma escultura grega. Suas curvas perfeitas, a simetria do rosto, os seios parcialmente cobertos pelos longos cabelos cor de cobre eram a visão do paraíso, *ou do próprio inferno*, pensou. Pigarreou para encontrar a voz, que havia sumido diante de tamanha beleza.

— Vejo que ainda não se preparou... — falou com a voz rouca. — Se estiver cansada...

— Estou pronta para servi-lo, senhor. — Deu um passo à frente determinada.

Quando Thomas se aproximou, todos os ensinamentos de Marie pareciam ter-lhe fugido. A cada passo que o marido dava na direção

de Sarah, maior era o vazio a ocupar a mente dela, podia ouvir somente o som de própria pulsação, misturado à cadência da respiração acelerada. Sentia-se inebriada pela visão de Thomas, que mantinha os olhos fixos nos dela. Suas pernas fraquejaram. Quando seus seios tocaram o torço nu, ela se desequilibrou e ele a agarrou pela cintura. Num movimento ágil, pegou-a no colo e a levou até a cama.

— Parece que sua antiga camareira não foi tão eficaz nas aulas sobre a noite de núpcias. — Ele a beijou ardentemente. — Gosto de você assim, lady Hervey, frágil e inocente.

E, antes que ela pudesse responder, retirou a diminuta peça que protegia sua virtude. Logo Thomas despiu-se das próprias calças, sem tirar os olhos da esposa, que jazia na cama, com a respiração ofegante.

Ele a deixava sem palavras, sem ação e, mesmo que Sarah quisesse tomar as rédeas da situação, seu corpo não obedecia. Ela afastou as pernas quando ele afundou os joelhos sobre o colchão. Thomas beijou seu ventre e foi subindo até os seios.

— Tem curvas muito formosas, lady Hervey. — Sugou um dos mamilos e ela gemeu alto, incitando-o ainda mais.

Thomas estava satisfeito em vê-la subjugada e à mercê dele, de seu prazer. Ela permanecia com os olhos fechados e parecia se deleitar com o ato conjugal. Queria torturá-la, saboreá-la, provar cada parte que agora lhe pertencia, mas seu desejo era tamanho que temia não conseguir se segurar por muito tempo.

Tomou-a num beijo ávido enquanto suas mãos deslizavam pelo corpo de Sarah. Nunca havia desejado tanto uma mulher, o rosto corado e a respiração ofegante eram como lenha para o fogo que o consumia.

— Diga que não quer enquanto ainda há tempo — ele sussurrou ao ouvido dela, tentando controlar a excitação.

— Eu... Ah! — tentou responder enquanto ele beijava-lhe o pescoço descendo preguiçosamente até os seios. — Por favor, não pare. — Agarrou os cabelos do marido para impedir que ele se afastasse.

Sem poder esperar, ele se posicionou entre as pernas da esposa. Forçou desejando tomá-la como sua. Um grito de dor o fez parar. O rosto de Sarah estava contorcido e isso o obrigou a se movimentar lentamente. Beijou-a com carinho, explorando a boca doce com a língua, enquanto sentia a entrada estreita o apertando. À medida que ela relaxava, Thomas viu em seus olhos o desejo.

— Mais, Thomas, por favor mais.

Ele sorriu com o pedido e intensificou as investidas. Sarah era a visão do pecado, Thomas nunca vivera nada parecido antes. O prazer que ela lhe proporcionava, mesmo com toda sua inocência, era incontrolável. Ela era o pecado, sua maldição e a rendição de seu corpo. Deleitou-se com a visão dos cabelos acobreados espalhados sobre a cama e fitou os lábios cheios que imploravam para ser beijados. Derramou-se dentro dela, gemendo, tomado por um orgasmo avassalador.

Com o corpo ainda trêmulo, deixou-se pesar sobre ela, enquanto sorvia o aroma de primavera.

— Por favor, não pare — ela implorou, tentando movimentar os quadris.

Sem saber como agir, Thomas deu-lhe um beijo na testa e rolou para o lado. Sentia-se exausto, perturbado, consumido por um sentimento novo. Abraçou-a com os olhos fechados, sorvendo o aroma de rosas que exalava o corpo de Sarah.

— Ora, lady Hervey, dê um tempo de descanso ao seu marido.
— Tocou-lhe a face sussurrando ao seu ouvido.

Paralisou ao ver como ela se aconchegava entre seus braços e fechou os olhos ao sentir o deslizar da mão delicada no torso nu. Poderia se acostumar com aquilo, ansiava por isso, mas não deveria deixar-se levar por carícias no leito conjugal, era perigoso, viciante, atordoante. Lutando contra o próprio corpo, que parecia anestesiado com a proximidade, mexeu-se para se levantar, mas Sarah o segurou pelo braço.

— Por favor, fique. Pode descansar ao meu lado, estarei aqui, pronta para servi-lo, assim que estiver disposto novamente.

Aquele pedido doce fez com que todos os sinais de alerta ecoassem na mente dele. Pensou que poderia ceder daquela vez,

somente daquela vez. Deixando-se levar pelo momento, Thomas deitou-se ao lado da esposa.

Mantendo uma distância segura, fechou os olhos, deixando o corpo afundar no colchão. Entregou-se a um sono profundo e sonhou que caminhava pelos jardins florescidos de Lilleshall.

Sarah contemplou o marido, que dormia profundamente. Deitar-se com Thomas fora maravilhoso, muito além de suas expectativas, mas seu corpo implorava por mais.

O sol aos poucos banhava o quarto e ela se levantou para fechar as pesadas cortinas. Deixou uma pequena fresta para que pudesse apreciar o homem em sua cama. Percebeu uma protuberância sob os lençóis e resolveu que estava na hora de mostrar-lhe um pouco do que tinha aprendido.

Ele sentia-se leve, o cheiro de flores estava por toda parte. Um carinho molhado, preguiçoso, no meio das pernas o despertou. A carícia se intensificava, algo quente e úmido o envolvia. Gemeu, estremeando com o prazer que sentia, somente imaginando Sarah enterrada em sua masculinidade. Mas era real, viu a mulher se deliciando com sua intimidade como se saboreasse um sorvete. Lambia e sugava com dedicação.

— Sarah... — pensou em contê-la, mas não conseguiria.

— Shhh... Por favor, não diga nada — pediu, voltando para a tarefa à qual se dedicava com afinco.

Thomas a via ajoelhada, os cabelos caindo na lateral do corpo, os lábios rosados a devorarem sua masculinidade. Ela parecia desfrutar do mesmo prazer que ele, fechando os olhos e deixando escapar gemidos abafados.

— Venha aqui — pediu ciente do que ela desejava —, sente-se em mim.

Sarah engatinhou pela cama até se posicionar entre as pernas de Thomas. *É como cavalgar*, lembrou-se da lição de Marie. Sentiu um desconforto e avaliou a reação do marido. Ele emitia sons roucos e isso a encorajou. À medida que se movimentava, Sarah sentia ainda mais prazer, como se uma onda de pequenos choques atravessasse seu corpo. Ele a guiou pela cintura sem desgrudar os olhos dos dela, gemeu fechando os olhos e ela intensificou as

investidas. Correspondendo aos desejos do próprio corpo, a jovem galopava despudoradamente, enquanto desfrutava de uma doce agonia, que crescia a cada vez que se afundava nele. Quando Thomas começou a ofegar com gemidos roucos e altos, ela temeu pelas reações intensas do próprio corpo e desacelerou. Ele assumiu o ritmo movimentando os quadris com as mãos firmes, não permitindo que ela parasse. Sarah arquejou e apertou os braços do marido, temendo não conseguir suportar a onda de desejo. Mas um grito abafado de seu amado a fez desmoronar em mil pedaços.

Sarah acordou com um sorriso bobo nos lábios, uma sensação de felicidade intensa que jamais experimentara. Remexeu-se à procura do corpo do marido, mas Thomas não estava ao seu lado.

Na cama, as marcas de sua entrega fizeram-na sorrir ainda mais. O cheiro do marido estava impregnado nos lençóis. Rolou sorrindo como uma tola, até perceber que não estava sozinha.

— Sra. Roberts! — Cobriu o corpo furiosa.

— Bom dia, milady. Lorde Hervey imaginou que gostaria de um banho.

— Onde ele está?

— Saiu logo cedo, foi visitar alguns arrendatários. Pediu que lhe trouxesse algo que comer, já que a senhora não desceu para o café.

— A velha se inclinou e deu uma risadinha sarcástica. — Não se preocupe, lady Hervey, na sua situação é perfeitamente aceitável acordar a essa hora. Trouxe alguns sais para aliviar a ardência.

Sarah sentiu um frio na espinha, não gostava daquela mulher. Enrolou-se nos lençóis e caminhou até a banheira que jazia no meio do quarto.

— Não vai se vestir para banhar-se, senhora?

— Gosto de tomar banho sem roupas — falou, deixando cair o lençol e entrando na tina.

Sra. Roberts parecia escandalizada, mas ela a ignorou. Desfrutou do prazer que a água morna lhe proporcionava.

Comeu alguns sanduíches e se trocou. Esperaria Thomas na biblioteca.

Enquanto cavalgava de volta para casa, Thomas sentia uma ereção impertinente. Sarah estivera magnífica na noite anterior, mas jamais deveria ter pedido a ela que o montasse. Fora envolvido pela onda de luxúria e não usara a razão. Não era certo. O desejo que sentia por sua mulher era algo perigoso. Mas não podia negar que ela pareceu apreciar tanto quanto ele. Vê-la se deleitando e se satisfazendo em seus braços tinha sido ainda mais prazeroso do que a própria libertação.

Ao longo do dia, teve vontade de voltar para casa e arrastá-la para o quarto. Se fosse obedecer aos desejos do próprio corpo, passaria dias trancado com ela, adormeceria ao seu lado... *Chega! Não deixe que o desejo o cegue.*

Entrou em casa, convencido de que Sarah estaria indisposta pelos esforços que fizera; era bem provável que não desceria para o jantar. Isso seria um alívio, dado que temia não responder por si na presença dela.

Ao entregar o casaco e a cartola para o mordomo, encontrou a esposa no vestíbulo.

— Você demorou, estava preocupada.

Ela estava com os cabelos levemente soltos, num vestido que revelava suas curvas. Ele fechou os olhos e passou as mãos pelos cabelos, tentando se controlar diante da visão provocadora.

— Fui visitar alguns inquilinos e comerciantes de Suffolk. Imaginei que estivesse recolhida em seus aposentos.

Inesperadamente, ela o abraçou com carinho. Um pouco constrangido, deu um beijo na testa da esposa e a acompanhou até a sala de jantar.

— Sopa de tartaruga, pernil de cordeiro cozido com nabos e charlotte de baunilha. Imaginei que só três pratos bastariam.

— Está perfeito.

Os pratos começaram a ser servidos e Sarah se adiantou.

— Gostaria de ter ido com você.

— A situação é complicada, Sarah. A vida no campo não parece mais tentadora. Os camponeses acreditam que o futuro está nas grandes cidades, nas fábricas. Temo que, daqui a um tempo, não encontraremos mão de obra.

— Precisamos fazer alguma coisa.

— Não posso fazer nada, o marquesado ainda não me pertence.

— Mas será o senhor dessas terras um dia. Podemos ganhar a simpatia de nossos inquilinos, mostrar a eles como pode ser vantajoso continuar trabalhando aqui. Talvez, se subsidiarmos alguns maquinários para facilitar a produção...

— Não vejo como fazer isso.

— Temos nossos próprios recursos, podemos investir oferecendo alimentos e planejar uma agricultura que garanta o sustento dessas famílias.

— Não sei se isso é uma boa ideia, meu pai ficaria furioso.

— Ele não precisa saber, por enquanto. Se as rendas dos inquilinos aumentarem, seu pai será o maior beneficiado. John tem um amigo que pode nos ajudar no planejamento de utilização das terras.

— Vou pensar sobre isso... — Parou por um instante e a avaliou.

— Está se sentindo bem?

— Estou ótima, a não ser por...

— A não ser?

— Não quero aborrecê-lo.

— Por favor, diga.

— A Sra. Roberts, ela é muito impertinente... — aproximou-se e sussurrou — e completamente surda.

— Sua nova camareira foi muito bem recomendada e Lucy a entrevistou pessoalmente.

— Não gosto dela.

— É só uma questão de tempo, irá se acostumar.

Sarah remexeu o prato enquanto Thomas devorava a sobremesa.

— Está delicioso.

— Fui eu que fiz — declarou animada.

— Não precisa cozinhar.

— Eu gosto. Cozinhar me distrai.

— Se é assim. — Deu de ombros.

— Posso esperá-lo depois do jantar? — perguntou timidamente, sentindo queimar as faces.

— Sarah...

— Sra. Roberts preparou um banho com sais, sinto-me revigorada — falou olhando para baixo.

— Não quero que tenha ilusões românticas.

— Não é amor, Thomas, é desejo. — Ela o encarou com olhos suplicantes.

— Vou para o escritório. — Colocou o guardanapo sobre a mesa e se levantou.

Sarah pensou em dizer que o acompanharia, mas não se arriscou. Voltou para o quarto e atravessou as portas que davam acesso aos aposentos de Thomas. Então colocou algumas gotas do próprio perfume na cama do marido; queria que ele sentisse seu cheiro. Adormeceu pensando que, apesar de terem desfrutado de tanta intimidade, ainda permaneciam distantes.

Uma vez que dedicar-se ao trabalho era mais sensato que deixar o desejo governar seu corpo, Thomas pensou na sugestão de Sarah. Era uma ideia excepcional reformular o uso das terras e investir em maquinários, mas precisaria encontrar um modo de fazer tudo sem que o pai tivesse conhecimento.

Casar-se não fora tão ruim quanto imaginava, pela primeira vez se sentia ele mesmo. O jantar parecia algo tão normal. Não se lembrava de viver tamanha harmonia na casa dos pais. Sarah fora

educada com os criados, bem diferente da mãe dele, com seu comportamento arrogante e desprezível. Ser obsequiado com a sobremesa favorita fora uma grata surpresa, sobretudo sabendo que tinha sido pessoalmente preparada por ela.

Entretanto não poderia se encantar, muito menos deixar-se levar pela vontade de tocá-la a todo instante. No jantar tivera vontade de colocá-la sobre a mesa e lambuzar seus seios com o creme de baunilha. *Ela se ofereceu de maneira tão doce*, mas precisava manter-se distante, sua sanidade estava ameaçada pela luxúria que o consumia. Precisava encontrar uma maneira de equilibrar o desejo e a distância. Refletindo chegou à conclusão de que não poderia haver nenhum mal em se entregar à tentação, dormir com a mulher era o esperado, afinal teriam que gerar herdeiros.

Virou o cálice de brandy e seguiu para o quarto; na próxima oportunidade conversaria com Sarah sobre o projeto de cultivo nas terras de seus inquilinos. Tinha alguns rabiscos feitos há algum tempo e que o pai não havia aprovado.

Dispensou o valete e a Sra. Roberts, que parecia dormir em pé na porta do quarto de Sarah.

Ao entrar, encontrou a mulher encolhida na cama, mergulhada num sono profundo. E novamente sentiu a ereção inoportuna.

— Sarah... — sussurrou bem perto do ouvido dela, aspirando o cheiro de rosas que resplandecia no quarto. — Acorde, querida.

Ela abriu os olhos e se remexeu, incomodada com o espartilho.

— Desculpe-me, acabei adormecendo.

— Precisa se trocar, a Sra. Roberts já se recolheu.

— Tudo bem, só preciso de ajuda com os botões e com o espartilho — pediu, levantando-se. — Este quarto é do seu pai?

— Não. — Ele se levantou e começou a desabotoar o vestido. — Fizeram novos aposentos na ala leste, a marquesa não gostava da proximidade dos aposentos com a biblioteca.

— Mas é tão distante. — Sentiu os dedos de Thomas afrouxarem o espartilho.

— Não é o que lady Joana pensa. — Engasgou ao ver as costas nuas, pequenas pintas salpicavam a pele imaculada.

Sarah se virou e as mangas caíam no ombro, tornando o decote revelador.

— Obrigada por me ajudar com o vestido. Importa-se de desabotoar um pouco mais? Não consigo alcançar.

Ele fez o que Sarah pedira, enquanto ela arrancava o espartilho.

— Detesto essa coisa, sinto-me um frango enjaulado.

— Um frango enjaulado? — Thomas gargalhou.

— Não sabe o que é usar isso todos os dias, é um alívio poder tirá-lo.

Thomas percebeu que o vestido de Sarah estava amontoado em sua cintura, as costas completamente expostas, e segurou os ombros macios.

— Precisa descansar, lady Hervey. — Sem conseguir resistir, beijou a pele pálida. — Amanhã visitaremos alguns inquilinos.

Sarah se virou, não se importando com a própria nudez. Thomas paralisou.

— Vai me levar? — Abraçou-o com gratidão. — Ah, Thomas, você é um marido tão dedicado. Posso beijá-lo?

Ele engoliu em seco; não poderiam se aproximar tanto, mas ali diante dela...

— Não pergunte. — Ele a apertou contra o corpo. — Não me faça pensar, temo que pensar demais me afaste do que mais quero.

— E o que quer?

— Quero você.

Levá-la para a visita aos inquilinos e comerciantes fora a melhor ideia que ele pudera ter. Ela anotou tudo, ouviu-os atentamente e deu sugestões para melhorias. Thomas via-se fascinado ao observá-la rodeada de aldeãs. Sarah sugeria receitas para melhor aproveitar os nabos colhidos e surpreendeu a todos ao ir para a cozinha de um dos arrendatários para fazer pães.

Era doce, espontânea e ao mesmo tempo graciosa. Todos estavam encantados. Foi difícil cumprir o que haviam planejado para aquele dia, pois todos desejavam passar mais tempo com a futura marquesa. Teriam que dividir as visitas em quatro dias, para dar conta de atender as centenas de inquilinos que habitavam a grande extensão de terra.

Já era tarde da noite quando chegaram em Ickworth House. Apesar de não a ouvir queixar-se, Thomas podia ver o cansaço no rosto da esposa.

— Sra. Roberts, prepare um banho para lady Hervey e peça que lhe sirvam o jantar em seus aposentos.

— Milord, está muito tarde para lady Hervey se banhar.

Sarah revirou os olhos, sem forças para contestar.

— Então peça a Audrey que prepare um banho para mim e para lady Hervey. Tenho certeza de que não irá se opor se eu resolver tomar banho com minha esposa.

Sarah deu um sorriso contido.

— Mas, lorde Her... — a camareira tentou retrucar.

— Peça jantar para dois. Está dispensada por hoje. — De longe Thomas avistou o valete. — Ah! Audrey, prepare um banho para mim e para lady Hervey, vamos jantar no quarto.

— Por favor, Audrey — pediu Sarah docemente. — Uma garrafa de brandy e dois cálices.

— Com prazer, minha senhora.

Sarah deixou a sala com um sorriso bobo nos lábios. Thomas a defendera da bruxa megera e ainda passaria mais tempo com ela. Ao longo do dia, havia percebido os olhares de admiração do marido. Não era tão invisível a ele quanto achava. Dois dias de casados, tinham feito amor três vezes. Será que teria uma quarta naquela noite? Queria sentir o corpo de Thomas sobre o seu, deliciar-se com as mãos dele sobre seu corpo e, mesmo que ele terminasse o ato conjugal antes dela, como ocorrera duas vezes, não importava, só queria tê-lo.

Ao chegar ao quarto, tentou desvencilhar-se das roupas. *Se ao menos tivesse uma criada decente.*

— Espere, vou ajudá-la. — Sarah não tinha percebido que Thomas havia entrado no quarto. Logo ele estava às suas costas, desfazendo os laços do espartilho habilidosamente. — Todos ficaram encantados com a futura marquesa.

Ela se virou, teve vontade de dizer que o único encantamento que ansiava era o dele. Pôde perceber em seus olhos a mesma admiração que presenciara mais cedo, o rosto de Thomas estava mais sereno, livre dos vincos de preocupação costumeiros.

— Devo confessar que o casamento é bem mais agradável do que supus. — Ele pegou sua mão e a levou aos lábios. — De alguma forma, Sarah, você consegue deixar as coisas mais leves. Foi uma tarde adorável.

Ela enrubesceu envergonhada. Diante de tamanho carinho, sentiu as bochechas arderem e, fitando o chão, tentou buscar o controle que lhe escapava a cada palavra doce.

— Gosto de você assim. — Acariciou-lhe a face com as costas dos dedos, ergueu o queixo da esposa e a beijou suavemente.

Sarah terminou de se despir e, quando Thomas a chamou, seguiu para o quarto dele para se banhar. Juntos entraram na banheira. Trocando carícias, ele a ajudou a se lavar.

— O filho do Sr. Harris parece ter desenvolvido algumas engenhocas para ajudar no plantio — Sarah contou enquanto lavava os cabelos do marido. — Pelo que vi em seus livros contábeis, o aumento da produção foi de quase 40%.

— James? — Thomas perguntou incrédulo.

— Sim, a Sra. Harris me contou que vários arrendatários querem aderir ao maquinário, mas lhe faltam recursos. Talvez, se o levássemos para Londres, ele poderia visitar algumas fábricas e aprimorar seus projetos. Acredito que, se investirmos duas mil libras, em menos de um ano teremos um retorno considerável.

— Isso parece promissor. — Ele se levantou e estendeu a mão para ajudá-la. — O que me preocupa é o cultivo excessivo de nabos. Tenho o esboço de um projeto e, com a drenagem adequada, podemos diversificar a produção. — Ele a envolveu no roupão. — O problema é: como faremos isso sem que o marquês saiba? Temo

que, com mais um ano nessas condições, essas terras logo estarão improdutivas.

— Talvez seu avô possa intervir. Quem sabe, se ele falar com seu pai...

— Achei que soubesse que os dois não mantêm um relacionamento cortês. David e eu somos os únicos que temos a atenção de lorde Granville.

— Lorde Granville... — Sentou-se na cama do marido. — Ele não parece se importar com ninguém.

— Isso não é verdade. — Thomas se sentou ao lado de Sarah.

— Ah! Claro que não, ele se importa muito com você. — Balançou a mão no ar. — Sobre o projeto, talvez o filho do Sr. Harris possa tomar a frente. Nós o ajudamos com recursos e instruções, ele fica responsável pelo processo; assim seu pai não desconfiaria e ficaria feliz com o aumento da produção.

Thomas coçou o queixo ponderando sobre a sugestão de Sarah.

— Tenho uma modesta faixa de terra vizinha a Ickworth House, uma ruína que ganhamos do meu avô, de presente de casamento.

— Lorde Granville é muito generoso com o senhor — não conseguiu esconder o ressentimento na voz.

— Sarah, não faça julgamentos precipitados, Willian é um bom homem e muito generoso. — Tocou-lhe a mão com carinho. — Ele investiu parte da fortuna emprestando dinheiro para nobres falidos, tem cobrado as dívidas e adquirido muitas propriedades. Oferecia recursos próprios quando o Conselho do banco recusava os créditos. — Acariciou-lhe a mão com o polegar. — É um grande aliado e reivindicou essa propriedade para que possamos fazer algo pelo marquesado. Terras as quais meu pai insiste em negligenciar.

— Quanta generosidade...

— Entendo suas reservas, querida. Mas ele a quer bem. Pensei que talvez pudéssemos construir um galpão e fabricar o maquinário lá. Poderíamos alugar aos arrendatários, assim não precisariam investir e não perderíamos dinheiro.

— O retorno será lento — ponderou.

— Mas garantido, podemos fornecer a maquinaria agrícola para toda a região. Tenho certeza de que vários senhores irão se

interessar em adquirir os equipamentos.

— Assim, entre vendas e locações, teremos retorno do dinheiro antes mesmo de você herdar as terras de seu pai. — Ela sorriu.

— Exatamente. Quem sabe podemos fornecer para todo o Reino Unido?

A felicidade invadiu o coração de Sarah, ele fazia planos e a incluía. Uma pequena lágrima escapou de seus olhos e ela passou a mão no rosto para esconder.

— Parece cansada. Venha, vamos jantar. — Levantou-se e estendeu a mão para Sarah.

— Thomas... posso lhe fazer um pedido?

— A senhora tem muitos créditos, lady Hervey.

— Deixe-me dormir com você de novo? Pelo menos enquanto estivermos em lua de mel.

Thomas paralisou por alguns instantes e ponderou; estar ao lado dela dava-lhe uma sensação plena, reconfortante. Ela lhe fazia tão bem que era um sacrilégio negar-lhe qualquer coisa.

— Claro, querida. Enquanto estivermos aqui, dormiremos juntos.

Capítulo VII

A caminho de Londres, Sarah refletia sobre sua lua de mel. Tinha vivido um sonho ao lado de Thomas. Ele fora carinhoso, atencioso e juntos desfrutaram momentos de pura luxúria. Passaram grande parte do tempo dedicados aos projetos de planejamento agrícola, assim como nos planos da fábrica de maquinários. James aceitara a sociedade satisfeito e apresentara novos projetos, que revolucionariam a agricultura de Suffolk.

Em perfeita harmonia, Thomas e Sarah passaram uma semana surpreendente, nem mesmo em seus sonhos poderia imaginar que estar casada fosse tão perfeito. Seu marido resolvera viajar durante a madrugada, queria que chegassem a casa a tempo para o café da manhã. Sarah estava ansiosa para conhecer o novo lar.

Thomas estava adormecido com os projetos de James no colo. Ela os recolheu com cuidado e apagou a vela da carruagem quando os primeiros raios da manhã entraram pela janela.

— Acorde, querido, estamos chegando.

Os odores de Londres invadiram o ambiente e, à medida que a diligência avançava pelas ruas, a ansiedade de Sarah aumentava; estava prestes a iniciar uma nova vida. Ao abrir os olhos, Thomas bocejou, vendo que ela refazia o nó de sua gravata.

A lady franziu o cenho ao perceber que a carruagem não parou em Mayfair e que, em vez disso, seguia direto, afastando-se do Hyde Park.

— Não aluguei uma casa em Mayfair. — Tocou a mão da esposa. — Pensei que, quando me tornasse marquês, você, assim como eu, não gostaria de viver em Hervey House. Espero que não se incomode de não ter a vista do Hyde Park, pois terá seu próprio jardim.

Apesar do alívio, Sarah ainda estava confusa. Thomas continuava a acariciar seus dedos com um sorriso travesso. Nunca o

vira daquela maneira. Recostou-se no ombro dele enquanto observava as ruas de Londres cobertas por suave neblina.

Logo que a carruagem entrou pelos portões que davam acesso a um enorme jardim, ele bateu no teto da carruagem. Ajudou Sarah a descer e jogou o xale em seus ombros. Era primavera e, apesar do frio, as cores coloriam toda a paisagem. De onde estavam era possível avistar uma imponente construção ao fundo, mas os arcos de folhas e flores impediam a visão da casa. — Espero que não se incomode de caminhar um pouco, lady Hervey. — Tomou-lhe a mão com carinho. — Quero lhe apresentar seu novo lar.

— Thomas, isso é incrível. — Sentiu-se tomada por uma emoção esmagadora.

Os pássaros pareciam saudar os novos moradores e o aromas das flores lembravam os jardins de Lilleshall.

— Temos um lago que congela no inverno, podemos patinar. — Ele a abraçou enquanto caminhavam. — Este é o presente de casamento de lorde Granville.

— Ele realmente tem muito apreço pelo senhor.

— Não, querida. Este é o presente dele para você. — Abraçou-a. — Ele sabia que não seríamos felizes em Hervey House e nos presenteou com uma casa onde podemos construir nossa própria história. Bem-vinda a Groove House.

— Seremos muito felizes aqui, meu amor. Tenho certeza de que será capaz de me amar e corresponder aos meus sentimentos. Nossa lua de mel...

Thomas se afastou e Sarah pôde perceber seus ombros tensos.

— Não sou dado a sentimentos, lady Hervey. Mas acredito que passaremos momentos agradáveis aqui.

Sarah se arrependeu do comentário que fizera. Seu marido se transformara novamente, perdera toda leveza que desfrutaram após o casamento. Ele estendeu o braço para que ela segurasse, mas não a encarou. Apesar do olhar contemplativo, admirava a paisagem sem dizer nenhuma palavra.

Talvez não devesse tê-lo pressionado daquela maneira. Thomas parecia mais receptivo quando não se apercebia das carícias e confidências que trocavam, refletiu ela.

Quando Sarah pôde ver a casa, parou para contemplá-la. Thomas não a esperou, continuou caminhando distraído, mergulhado em um mundo ao qual ela não pertencia. Na grande varanda que contornava o andar inferior, os criados estavam posicionados para receber lorde e lady Hervey. Ainda distante, observou que ele passou por eles cumprimentando brevemente.

— Lady Hervey — Sarah foi atraída por uma voz familiar.

— Sra. Pattel. — Não conseguiu conter a felicidade ao vê-la.

— Bem-vinda a Groove House, lady Hervey. — Com um sorriso nos lábios, Pia lhe apresentou todos os criados.

Uma farta mesa de café da manhã a aguardava, mas Thomas não estava lá. Tomou a refeição sozinha e logo em seguida Pia lhe mostrou a casa. Em seguida, foi para o quarto descansar e, quando acordou, o sol já se punha.

Procurou Thomas por toda a casa e não o encontrou. Audrey lhe informou que lorde Hervey havia saído ainda de manhã e não retornara. Ela resolveu jantar no quarto. Deixou a porta de ligação entre os quartos aberta para que pudesse vê-lo quando ele chegasse. Tentou conter o sono o máximo possível, mas, por fim, rendeu-se a um sonho perturbador.

Thomas se sentia exausto e inquieto, passara a noite na casa de hóspedes, evadindo. Não sabia ao certo do que fugia, a única certeza que tinha era de que os sentimentos que experimentara na lua de mel não podiam permanecer. Estava a um pequeno passo de perder a razão, de ceder a sentimentos egoístas e traiçoeiros.

Tinha consciência das armadilhas do amor; embevecia-o com uma euforia hipnotizante para logo passar-lhe a rasteira e devastar-lhe a vida. Sentimentos eram como uma epidemia; uma vez que se permitisse, tomariam conta e o arrastariam para o abismo.

Seria fácil envolver-se e viciar-se nos carinhos e cuidados da esposa, seus beijos doces, o toque ousado porém inocente. O corpo corando sob o dele, a inteligência e a sensatez de Sarah, enquanto discutiam negócios, eram escandalosamente excitantes. Tudo nela lhe despertava desejo.

Era necessário afastar-se para que pudesse recobrar o juízo. Talvez tivesse lhe dado atenção demais, estava certo de que esse era seu erro.

Viu a carruagem de Sarah passar pelos portões e respirou aliviado. Poderia voltar para a casa sem se encontrar com a esposa.

— Deus me ajude!

Por pior que tivesse se sentindo, não ficaria em casa esperando por Thomas e vendo o olhar de compaixão dos criados. Já estava acostumada a ser ignorada pelo marido, mas, depois da semana que passaram em Suffolk, imaginara que tudo podia ser diferente. Entretanto não seria possível controlar a dor da solidão. Uma companheira antiga. O vazio que preenchia debruçando-se em estudos, o abandono que supria tentando se tornar a dama perfeita. Preferia acreditar que a reação de Thomas era somente o reflexo de um mau momento e que, se contivesse as palavras, poderiam voltar a viver na mesma harmonia de antes.

Cansada de ficar em casa, Sarah foi à procura de David, queria saber notícias de Marie. Queria continuar com as aulas, tinha tantas perguntas a fazer. Quando chegou à livraria, pediu que chamassem o cunhado e foi conduzida ao escritório, no fundo da loja. David estava debruçado sobre os livros de contas, coçava a cabeça fazendo caretas.

— Pelo visto, senti minha falta — anunciou sua presença e o cunhado se levantou rapidamente.

— Deus salve a Sarah. — Ergueu as mãos para o alto. — Não imagina a confusão que fiz com esses livros.

— Sim, eu imagino. — Beijou-lhe a face. — Mas esperava que sentisse falta não só do meu trabalho.

— Não seja dramática. — Retirou alguns livros da cadeira para que ela se sentasse.

— Gostaria de me encontrar com Marie.

— Esperava que sentisse falta não só da minha mulher — brincou.

— *Touché.*

David se sentou de frente para a cunhada.

— Como está meu irmão?

— Também gostaria de saber. Desde ontem não o vejo. Ele parecia tão leve, tivemos uma lua de mel maravilhosa, mas foi chegar em Londres e ele desapareceu.

— Tenha paciência com ele, Sarah. Thomas é um tolo mergulhado nas próprias verdades.

— O que vi foi um homem livre que sorria com frequência e que poderia ser feliz se quisesse.

— Talvez não esteja preparado para isso.

— Pois bem — levantou-se graciosamente —, se esperei até agora, posso esperar um pouco mais. — Recolheu os livros da mesa de David. — Vou levá-los. Amanhã passe lá em casa na hora do jantar e os pegue. Agora preciso do endereço de Marie.

— Estamos morando nos fundos da livraria.

— Não acredito que fez isso.

— É confortável e aconchegante. — Curvou-se e baixou o tom.

— Quero comprar uma casa para Marie, mas ela não permite. — Piscou para cunhada. — Talvez consiga me ajudar.

— Posso pensar com carinho. — Sarah retribuiu a piscadela.

— Depois do corredor, à esquerda.

Sarah seguiu o caminho indicado por David. No fim do corredor, encontrou um pequeno pátio e uma casa com flores na janela; era simpática. Foi inevitável compará-la com Groove House. Naquela pequena casa havia amor, já na outra... Tentou afastar os pensamentos e bateu à porta.

Marie recebeu Sarah e, surpresa, além de um pouco sem jeito, convidou-a para entrar.

— Vejo que está bem instalada. — Contemplou a sala bem-decorada.

— David disse que é provisório. Quer encontrar um lugar melhor para morarmos juntos.

— Ama mesmo David?

— Por mais que tente relutar, não posso negar meus sentimentos. — Marie suspirou, parecia cansada.

— Então terá meu apoio.

— Oh, madame, não precisa se incomodar, eu...

— Não sou mais sua senhora Marie. Somos amigas. — Sarah lhe deu um abraço. — Não sabe como senti falta de seus conselhos.

Marie riu e olhou para baixo, brincando com as próprias mãos.

— O que foi?

— Preciso de sua ajuda, lady Hervey.

— Sarah, por favor — balançou a mão no ar —, qual é o problema?

— David quer me apresentar a todos como sua noiva, quer me dar uma nova identidade. — Parou por um instante. — Não posso fazer isso, não me sinto preparada, há questões que preciso resolver...

— Calma, uma coisa de cada vez. — Parou pensativa. — Enviarei-lhe alguns livros de etiqueta, precisa se preparar, saber como receber. Boas maneiras são a chave da porta de entrada para a sociedade.

— Não sei se posso.

— Mal não há de fazer. Quanto aos seus problemas, irei ajudá-la.

Marie paralisou e Sarah percebeu seu desconforto.

— Certo, não irei pressioná-la, conte-me quando estiver preparada.

— Obrigada, Sarah. — Relaxou os ombros aliviada.

— Marie — Sarah abaixou o tom de voz. — Há algo que preciso saber. — Tentou encontrar as palavras. — Como faço para que Thomas me espere?

— Não entendi.

— Esperar na cama — embaralhou-se com as palavras. — Não é isso. — Balançou a mão no ar. — Thomas às vezes termina o ato antes de mim, o que preciso fazer?

Marie arregalou os olhos, surpresa.

— Não sei... — Ficou pensativa, tentando encontrar uma resposta, mas nunca aprendera a lidar com isso.

— Tenho que encontrar alguma maneira — Sarah pensou alto.

— Se descobrir como fazer, poderia me contar — pediu Marie tímida.

Sarah sorriu amplamente, meneando com a cabeça. Percebeu que ali iniciava uma amizade. Passaram a tarde juntas, conversando sobre frivolidades, e Sarah percebeu que Marie, apesar de se referir a David com carinho, estava infeliz. Assim como ela. Mesmo sem trocar confidências, encontrou na antiga criada um ponto de identificação, alguém que possivelmente a entenderia, ou não. Com a proximidade, esperava um dia poderem abrir-se uma com a outra.

Capítulo VIII

Sarah passou quase todo o dia fora fazendo compras para a casa. Apesar do agradável tempo com Marie, ainda se sentia solitária. Jamais poderia compartilhar suas inseguranças e problemas conjugais com quem quer que fosse. Depois de muito ponderar, chegou à conclusão de que a única solução era continuar a ocupar o tempo para evitar pensar profundamente sobre seus sentimentos.

Havia muito trabalho a ser feito, e não só com os livros contábeis de David; sua casa também precisava de atenção. Passara quase toda a vida se preparando para ser a esposa de Thomas e não poderia abandonar aquela responsabilidade por um reles capricho. Sim, aquela angústia e a melancolia que a acometiam deveriam ser tratadas como um capricho tolo.

Sentia-se culpada pelo afastamento do marido; coagira-o e, pelo que parecia, Thomas não era um homem que suportava pressões. Precisaria mudar a abordagem, mas, antes de pensar na melhor maneira de agir, tinha que preservar os próprios sentimentos; era isso ou enlouqueceria. Sim, sentia-se à beira de um ataque de histeria. O que mudara em tão pouco tempo?

Quando a carruagem parou na entrada de Groove House, um lacaios a ajudou a descer e carregou seus embrulhos. Earnest, o mordomo, aguardava sua senhora com um porte elegante, mas, apesar de estar bem-vestido, algo a incomodou. Na gola do paletó havia um discreto cerzido.

— Lady Hervey. — Ele fez uma mesura polida.

— Boa noite, Earnest. Por gentileza, poderia pedir à Sra. Pattel que me encontre no escritório?

— Certamente, senhora.

Sarah seguiu para o escritório de Thomas, que estava vazio. Colocou os livros de David sobre uma pequena mesa redonda e caminhou pelo cômodo.

— Senhora — a governanta anunciou sua entrada.

— Pia! — Sarah se sentou, avaliando a vestimenta da funcionária. — Quero que providencie tecidos de qualidade para confeccionarmos uniformes para os criados. Quero o brasão dos Hervey em todos que trabalharão em Groove House.

— Perfeitamente, senhora.

— Precisamos que tudo seja agilizado. Pretendo enviar os cartões na próxima semana informando o dia em que receberemos visitas.

— Mais alguma coisa, senhora?

— Quem é o novo cozinheiro?

— Estou treinando uma cozinheira do jeito que a senhora gosta — respondeu orgulhosa.

— Precisamos de um chefe francês. — Sarah coçou o queixo. — Alguém de temperamento moderado e que permita minhas intervenções na cozinha.

— Se me permite, acho que um francês com essas características será impossível de encontrar, minha senhora.

— Não me incomode se for uma mulher. — Piscou sorrindo. — Na verdade, a ideia de termos uma cozinheira francesa me agrada.

— Isso será mais fácil de encontrar, milady, e, certamente, vantajoso.

Sarah se levantou e caminhou pelo cômodo.

— Em breve vou precisar de uma nova camareira, de preferência alguém que não se arraste pela casa, que não faça objeções a banhos noturnos e que consiga ouvir; ou que não se finja de surda.

Pia fez uma reverência e se retirou. Sarah pensou em perguntar pelo marido, mas se conteve. Sentou junto à mesa de Thomas e verificou seus livros de contas. As anotações eram ainda mais desordenadas que as de David. Surpreendeu-se ao constatar que a herança que lorde Willian lhe antecipara o deixara satisfatoriamente rico e com muito potencial para investimentos. Perdeu a noção do tempo fazendo anotações e passando as contas a limpo.

Mesmo que ainda não estivesse preparado, não teria mais como adiar. Pensou que a distância pudesse aplacar a vontade que sentia de estar ao lado de Sarah, mas a premência em tê-la nos braços tornava-se maior a cada instante.

Da janela da biblioteca, pudera vê-la chegando. Audrey lhe informara que Sarah estava no escritório há mais de duas horas. Conferiu a própria imagem no espelho e ajeitou a gravata. Clamou por alguma bebida forte, entretanto precisava manter-se lúcido e no controle, bastava toda a perturbação de seus sentidos somente em lembrar-se do perfume de rosas da esposa.

Da porta do escritório, viu Sarah concentrada nas anotações. Bebericava um pouco de chá a cada momento e o movimento de seus lábios era encantador.

— Lorde Hervey. — Levantou graciosamente e começou a recolher os livros espalhados pela mesa. — Não o vejo desde que chegamos.

— Estive ocupado.

Sarah ofereceu a cadeira para que ele se sentasse e se acomodou em uma poltrona, de frente para ele.

— Estive conversando com a Sra. Pattel mais cedo. Há algumas mudanças que eu gostaria de sugerir. O uniforme dos empregados não é adequado, alguns cômodos não estão mobiliados e as louças são insuficientes. — Pegou uma de suas anotações. — Pretendo enviar nossos cartões na próxima semana informando que o melhor dia para recebermos visita é a quinta-feira. O que acha?

— Tem carta-branca para fazer o que quiser. — Entrelaçou os próprios dedos enquanto contemplava a face pálida de Sarah.

— Sei que pode soar inapropriado, uma vez que ainda não herdou o título, mas gostaria que os criados usassem o brasão dos Hervey; também mandarei fazer louças, talheres...

— Minha mãe ficará furiosa por não ter tido a mesma ideia.

— Espero que isso não seja um problema. — Levou a pena aos lábios.

— Em absoluto. Tenho certeza de que o marquês ficará envaidecido por honrarmos o nome da família. — Parou e se debruçou sobre a mesa. — Por que quinta-feira?

— As reuniões do Parlamento geralmente acontecem na quarta, certamente as senhoras costumam deixar escapar alguns segredos de seus maridos.

— Talvez não seja tão fácil conseguir algumas informações — provocou imerso num jogo de sedução que o envolvia e o fazia perder a razão.

— Sei ser persuasiva.

— Disso não tenho dúvida. — Recostou-se à cadeira e deu um sorriso torto.

— Conferi seus livros, passei a limpo os últimos três meses. — Abriu um dos livros e mostrou para Thomas. — Pelo que percebi, ainda não conseguiu avaliar a produção das terras que ganhou de lorde Granville.

— É humanamente impossível, o conde de Snowdon resolveu cobrar todos os seus devedores e a cada semana aparece com uma ruína ou com terras abandonadas. Tenho a incumbência de cuidar de tudo e dividir a renda entre os herdeiros.

— Fiz algumas anotações sobre as terras de Manchester. O mercado de algodão está em expansão. Lorde Baldwin tem multiplicado sua renda com a exportação. Pensei que pudéssemos ir até lá. Quem sabe não levamos James?

Thomas cruzou os braços e a encarou. Não tinha como negar, era inteligente, ambiciosa e tinha visão para os negócios; isso era terrivelmente sedutor. Ela se inclinou sobre a mesa, oferecendo a visão do modesto decote.

— Estive pensando — levou um dedo à boca —, sempre deixou claro seu desinteresse por sentimentos — soltou os grampos dos cabelos —, mas seria uma tolice negar que somos bons juntos nos negócios. — Afrouxou o vestido deixando os seios quase expostos. — E na cama. Claro que precisamos acertar uma coisa ou outra...

— Uma coisa ou outra? — a voz de Thomas quase não saiu.

Estava arrebatado, Sarah era a visão do pecado, sem espartilho seus seios fartos quase saltavam do decote rendado. Acompanhou-a

quando ela se levantou e caminhou até o aparador, para servir dois cálices de brandy. Seus passos eram firmes, mas graciosos, e os cabelos caíam em cachos pelas costas. Thomas levou a mão para debaixo da mesa, a fim de controlar o desejo.

— Tenho uma proposta para você. — Ela lhe estendeu a pequena taça

— Uma proposta? — Virou a dose em um único gole.

— Thomas! — Deu um sorriso deslumbrante. — A dose era para selarmos nosso acordo. — Tomou o cálice de sua mão e lhe serviu mais uma dose.

— Desculpe-me. — Também estava sorrindo, sem mesmo perceber.

— Quero lhe propor sociedade nos negócios e na cama. Não precisa pensar em nós como um casal convencional. — Deu a volta na mesa e se sentou em seu colo. — Se não quer sentimentos, teremos luxúria. — Deslizou o vestido pelos ombros, ofegante. — Se não quer carinho, posso, em vez disso, ajudá-lo a cuidar dos negócios. — Remexeu os quadris sobre a ereção e sussurrou ao ouvido dele: — Não é uma proposta tão ruim assim.

Thomas ficou paralisado, absorvendo o furacão que acabara de passar em sua mente. Virou o brandy mais uma vez e colocou o cálice sobre a mesa. Agarrou-a pela cintura sem permitir que ela se afastasse, deixando a bebida que estava nas mãos dela cair pelo tapete. Colou a boca à dela e, deleitando-se nos lábios doces, demonstrou todo o desejo que sentia.

De todas as vezes que estiveram juntos nunca vira Thomas daquela maneira, seus olhos brilhavam, sua boca estava franzida, os dentes cerrados e respirava como se tivesse corrido todo o Richmond Park.

— O que quis dizer com “precisamos acertar uma coisa ou outra”? — perguntou enquanto soltava as fitas do vestido avidamente.

— Quero sentir prazer... Ah! — gritou quando os dedos do marido tocaram o meio de suas pernas. — Que espere por mim enquanto estivermos na cama.

— Talvez eu tenha que usar alguns artifícios. — Retirou a calçola e brincou com os pelos pubianos dela. — Que tal isso? — Deslizou o dedo pela intimidade úmida.

— Ah... isso. Por favor, faça-me sentir prazer.

— O prazer será todo meu, lady Hervey.

Naquela noite dormira sem uma resposta. Depois de tudo o que acontecera no escritório, Thomas permanecera distante. Fora habilidoso em suas carícias, Sarah percebera que ele a desejava intensamente. Depois que chegaram juntos ao ápice, ele a ajudou a se vestir e pediu que lhe servissem o jantar no quarto, mas agora ela fitava a porta fechada que separava seus aposentos.

Mas era aquilo o que havia proposto, não era? Mesmo que a razão insistisse em gritar que aquele fora um grande avanço, seu primeiro ato conjugal na nova casa, o coração estava apertado. Sentia um nó no pescoço e uma inquietação que não lhe permitia dormir.

Já havia tentado ler poesias, romances tolos e até Maquiavel, mas nada prendia sua atenção. Agitada, levantou-se e seguiu até a porta. Deslizou suavemente para o outro lado e observou que Thomas estava adormecido com a vela acesa. Caminhou cautelosa até a beirada da cama e se sentou com cuidado. Acariciou-lhe os cabelos fartos.

— Ah, meu amor... — sussurrou. — Será que um dia será capaz de sentir o que sinto por você?

Paralisou quando ele se remexeu. Thomas a envolveu entre os braços e ela se viu forçada a deitar-se ao seu lado.

— Sarah... — gemeu adormecido.

Ela se aconchegou em seu ombro sorrindo. Não demorou muito para que dormisse nos braços do marido.

O cheiro de primavera invadiu o quarto, Thomas abriu os olhos imaginando que tivesse deixado a janela aberta. Sentia-se bem, as peripécias da esposa no escritório foram uma catarse. Fechou os olhos novamente e sentiu a pele macia sobre os dedos. Estava enroscado em Sarah. Espantado, afastou-se com cuidado para que ela não acordasse.

— Bom dia — uma voz suave, acompanhada de um sorriso tímido, saudou-o.

Thomas passou as mãos pelo rosto e pelos cabelos tentando controlar a ereção. Sarah se sentou na cama, vestia uma camisola de renda preta que não deixava espaço para a imaginação.

— David virá jantar conosco. — Levantou-se, revelando ainda mais sua indecente roupa de dormir. — Ainda não definimos um horário para as refeições. Às oito está bom?

— Como quiser. — Thomas bateu o sino para chamar Audrey. — Gostaria de convidar o conde de Snowdon.

— Ficaria surpresa se seu avô aceitasse o convite, ele não esconde a aversão por mim. Mas a casa é sua, milorde, e é minha obrigação receber da melhor maneira os seus convidados. — Fez uma reverência exagerada e se retirou.

Thomas fechou a porta que dava acesso ao quarto da esposa; perguntava-se como ela tinha acabado na cama dele naquela noite. Resistir aos encantos de Sarah era um sofrimento ainda maior do que toda a pressão que sofrera por parte do pai.

Quando viu Audrey entrar no quarto, anunciou:

— Preciso que prepare meus baús, vamos partir esta madrugada.

— Para onde vamos, senhor?

— Para bem longe daqui.

Capítulo IX

Sarah passou todo o dia com a nova cozinheira francesa, preparando o jantar. Pia fora eficiente na contratação; logo de manhã a Srta. Clarisse René se apresentara em Groove House. Acabara de chegar a Londres, era filha de um chef renomado que preparava banquetes por toda Europa. Uma verdadeira joia.

— A senhora tem muito talento, lady Hervey — Clarisse observava Sarah fatiar batatas mais finas que um pergaminho.

— Cozinhar é o meu passatempo preferido, Srta. René.

Empenhou-se em oferecer uma refeição inesquecível, seria a primeira vez que receberiam convidados em Groove House. Sra. Pattel havia saído com a incumbência de conseguir casacas novas para os lacaios e o jardineiro se empenhava em colher as mais belas flores de Groove House. Criadas engomavam guardanapos de linho com perfeição, enquanto Earnest coordenava a limpeza das louças e da prataria. Sarah acompanhava cada detalhe.

Já passava das cinco quando foi para o quarto se arrumar. Sra. Roberts parecia não entender que Sarah não tinha tempo a perder.

— Não é pertinente a uma dama em sua posição participar dos preparativos pessoalmente, milady. Tem criados que podem cuidar de tudo.

A criada alisava a saia do vestido disposto sobre cama, sem a menor pressa.

— Sra. Roberts, o que não é conveniente é me dizer como devo agir em minha própria casa.

— Lady Hervey, sei que não teve referências de damas apropriadas. A marquesa de Bristol me alertou sobre sua possível ausência de trato com os assuntos domésticos. Além do mais, a senhora usa roupas de baixo escandalosas.

— Está querendo me dizer que minha sogra teve alguma interferência em sua contratação?

— Não que eu ache que a senhora...

— Fora daqui!

— Mas, senhora...

— Saia daqui imediatamente, já testou todos os meus nervos com a sua insolência e impertinência. Está dispensada. Pia acertará com você e lhe dará uma generosa recompensa para ficar bem longe de mim. — Abriu a porta para que ela saísse.

Uma criada que passava pelo corredor paralisou ao ver a cena. Sra. Roberts se arrastava resmungando.

— Você! Preciso de ajuda.

A criada entrou nos aposentos de Sarah com a cabeça baixa.

— Como se chama?

— Isla Pattel, minha senhora, sou sobrinha da Sra. Pattel. — Fez uma reverência.

— Não me lembro de você. — Sarah analisou o rosto delicado da garota.

— Ah, não, eu só vim ajudar hoje. Parece que uma das criadas ficou doente.

— Tem alguma experiência como camareira?

— Trabalhei para a baronesa [Ashcombe](#), mas ela não era nem de longe tão elegante e moderna como a senhora. — Isla pareceu envergonhada pelo comentário.

— Gostaria de ser minha nova camareira?

— Ah, senhora, eu não poderia. — Corou. — Quero dizer, eu adoraria, mas tenho um defeito gravíssimo. Não consigo segurar a língua e acabo falando tudo que me vem à mente.

— Então vamos nos dar muito bem. — Sarah sorriu. — Escolha outro vestido, esse me parece sóbrio demais.

Isla seguiu até o quarto de vestir e voltou com um vestido vermelho de veludo, com rendas nas golas e nas mangas.

— Que tal este, senhora? Talvez, se usássemos alguns grampos com pedras...

— Perfeito. — Sarah não se lembrava daquele vestido e certamente seria o mais apropriado para aquela noite. — Cinquenta libras por ano, o que me diz?

Isla paralisou com a boca aberta.

— Mas isso é muito mais que o salário de uma camareira, milady.

— Esse é o valor que lorde Hervey paga para seu valete. — Lady Hervey se sentou frente à penteadeira. — Peça a sua tia que providencie roupas novas para você e, agora, faça o seu melhor. Preciso impressionar aquele velho decrépito.

— Lorde Hervey?

— Não — Sarah gargalhou —, ele não é velho embora se porte como tal, estou falando de conde de Snowdon.

Isla fazia caras e bocas enquanto arrumava os cabelos de Sarah, que se divertia com sua nova criada. Estava na hora de tomar as rédeas de sua casa. Analisou a porta que dava acesso ao quarto do marido e teve uma ideia brilhante.

Quando Thomas viu Sarah descer pelas escadas, paralisou. Ela estava deslumbrante em um vestido vermelho, com golas brancas. O cabelo estava preso no alto da cabeça e o coque, salpicado com pequenos brilhantes. Reconheceu os grampos, pertenciam a um conjunto que ele comprara e lhe dera em sua corbelha. Era costume oferecer à noiva uma cesta de presentes no dia em que oficializavam o noivado. Embora fosse usual que todos os mimos contidos na cesta fossem itens pertencentes à família, Thomas não aceitara nada que vinha dos antepassados. Comprara cada item novo, pagando uma pequena fortuna para não carregar para o casamento as desgraças da família.

Hipnotizado, estendeu-lhe a mão para ajudá-la a descer os últimos degraus. O cheiro de Sarah invadiu o ambiente. Thomas foi tomado pelo desejo insano de beijá-la, mas ela se antecipou, roçando os lábios de leve na face dele.

O mordomo anunciou a chegada do conde de Snowdon, e Sarah percebeu que o marido lhe apertava a mão com carinho.

— Não tem o que temer. — Ele deslizou o polegar pelas costas de sua mão.

Os cumprimentos e reverências foram feitos. Ao olhar o rosto envelhecido de lorde Granville, Sarah se deu conta de que não o via há mais de quatro anos. Era alto, elegante e tinha um olhar doce. Uma verdadeira contradição, já que sempre a evitara, assim como fazia com John.

Como uma perfeita anfitriã, conduziu-os até a sala íntima da família. Sabia que Thomas tinha o avô na mais alta conta, e recebê-lo na sala formal seria uma afronta ao conde.

— Peço desculpas por chegar tão cedo — Willian se adiantou —, é que gostaria de trocar algumas palavras com Sarah.

Thomas olhou desconfiado para o avô, beijou a testa da esposa com a intenção de tranquilizá-la e se retirou.

— Não precisa se esforçar para me agradar, lorde Granville. Sempre ignorou minha existência e não vejo motivos para mudar tal comportamento. — Sarah lhe entregou uma taça de vinho.

— Aprecio sua franqueza, mas não é certo julgar os modos de uma pessoa sem conhecer toda a verdade.

— E quais são as suas verdades?

— Não cabe a mim contar. — O conde se levantou e começou a caminhar pela sala. — Você toca? — O velho deslizou os dedos sobre as teclas do piano.

— Não tão bem como deveria — respondeu impaciente.

— Decerto passou mais tempo se dedicando a assuntos mais interessantes. — Sentou-se novamente, dessa vez ao lado dela. — Soube que tem um extraordinário talento para os números.

Sarah não sabia onde ele queria chegar. O banqueiro era conhecido em todo o Reino Unido por ser um cavalheiro objetivo, sempre ia direto ao ponto, mas estava receosa, pois lorde Granville parecia dar voltas com as palavras. Ao contrário do que imaginava, não odiava o avô como pensava; para ela era um estranho, não conseguia definir o que pensava a seu respeito.

— Você lembra muito a minha falecida esposa — disse e Sarah pôde perceber um brilho diferente nos olhos azuis. — Chamava-se Sarah, assim como você. Foi o último desejo de minha amada filha

Julliet que você recebesse o nome da condessa. — Retirou o lenço, secando os olhos, e Sarah ficou tocada com aquela revelação. — Minha Sarah também não tinha muita paciência para frivolidades, era ávida por conhecimento e também tinha uma incrível habilidade com os números. Foi ela quem me incentivou a investir meu dinheiro em empréstimos para nobres empobrecidos. Eu fornecia recursos para aqueles a quem o banco não podia ceder. Claro que os empréstimos só eram concedidos para aqueles que tinham propriedades para saldar a dívida.

— Um investimento audacioso, mas que pelo visto garantiu toda a sua fortuna.

— De fato audacioso, mas não desfrutei dos resultados. O banco é um excelente empreendimento. — Sorriu com deboche. — Esses investimentos foram feitos com o dinheiro da condessa para meus netos. Tenho certeza de que todos vocês irão desfrutar dessas riquezas com sabedoria.

— Não sei se posso me incluir em sua lista de herdeiros, uma vez que fui esquecida na divisão de seus bens. Não que quisesse alguma coisa, John e eu não precisamos de seu dinheiro.

— Sarah, você se casou com Thomas...

— Pelo que sei esse acordo foi ideia sua.

— Certamente. — Willian tomou um longo gole de vinho. — Thomas foi escolhido para gerir os rendimentos e distribuir entre meus herdeiros, e só dei a ele essa responsabilidade depois que marcaram a data do casamento. Sei que você, melhor do que ninguém, irá auxiliar meu neto na administração de todas as terras que tenho para deixar. Entretanto gostaria de testá-la.

— Testar-me? Desculpe a franqueza lorde Granville, mas o que lhe faz pensar que tenho algum interesse em impressioná-lo.

— Vou lhe entregar três títulos. São dívidas antigas a serem cobradas no momento mais oportuno. Um deles é de lorde Baldwin, um velho amigo de seu pai. Se souber a hora certa de apresentar as dívidas, poderá se tornar uma mulher ainda mais rica do que seu marido.

— Vejo que o senhor continua me tendo na mais baixa estima. Não tenho interesse em construir fortuna sozinha, tudo que tenho é

do meu marido. Não posso aceitar esse presente.

— Está enganada, Sarah, não esperava nada diferente de você.
— O velho coçou o queixo. — Não quero que considere como um presente, e sim como um desafio. Quanto ao dinheiro, já deixou claro que não se importa, entregue para caridade, a Thomas ou até mesmo ao seu irmão. Não me importa nas mãos de quem irá parar.

— Pergunto-me o que o senhor ganharia se eu aceitasse tal desafio.

— Querida Sarah, sou seu aliado, e não um inimigo. Se aceitar tal desafio, tenho certeza de seu sucesso. Minha maior recompensa será ver Thomas enxergando o tesouro que tem nas mãos; ele irá admirá-la ainda mais e tudo o que mais quero é ver meu neto se rendendo aos encantos do amor. Quero vê-lo feliz como fui ao lado de minha Sarah.

A jovem se recostou à cadeira, não esperava por aquilo. Willian parecia sincero e, antes que perdesse a coragem, ela perguntou:

— Por que Thomas é tão avesso a sentimentos? Por que se coloca tão distante?

— Minha querida — o conde tocou sua mão com delicadeza —, se um dia me afastei de você, foi por não achar certo não poder lhe contar toda a verdade. Nunca coube a mim. Mas posso lhe dar uma dica. — Levantou-se.

— Uma dica?

— Para uma mulher tão hábil com números, fico espantado que nunca tenha feito a matemática de sua família. — Estendeu-lhe a mão para ajudá-la a se levantar. — Vamos, estou faminto e creio que David não demorará a chegar.

Ao longo do jantar, as palavras do conde ecoavam na mente de Sarah. Por que ele demonstrava tamanho interesse no relacionamento dela com Thomas? E o que quisera insinuar com a "matemática de sua família"? Ao longe ouvia suspiros e gemidos de apreciação pelo jantar, entretanto sua mente flutuava em dúvidas.

Esforçou-se para se concentrar na troca de pratos, deu-se conta de que mal havia tocado na comida. O que mais a instigava era a onda de empatia que a atingia. Lorde Granville não parecia o mesmo, mas isso ela não podia afirmar, pois aquela havia sido a

primeira vez que conversara com o avô. Passara a vida projetando nele uma personalidade fria e rude, muito diferente do que ele demonstrava agora.

— Minha querida Sarah — lorde Granville ergueu a taça —, peço sua permissão para cumprimentar pessoalmente o chef, não me lembro de ter comido tão bem em toda a minha vida.

Sarah despertou dos pensamentos e, pela primeira vez naquela noite, prestou atenção no jantar. Todos saboreavam com feições de absoluto prazer.

Thomas pediu a um laçao que chamasse a cozinheira e, tão logo Clarisse se apresentou na sala de jantar, Willian se adiantou:

— Não seria justo omitir elogios a tamanho talento, Sta...

— Srta. René, milorde. — Clarisse fez uma reverência. — Mas devo confessar que fui mera ajudante nessa refeição. Lady Hervey cuidou de cada detalhe, desde a receita até a montagem dos pratos. Fiz como minha senhora orientou.

Thomas olhou para Sarah, que estava de cabeça baixa e corada.

— Eu sabia — David bateu as mãos na mesa animado —, não conheço ninguém que tenha tanto talento. — Parou envergonhado. — Desculpe, Srta. René...

— Não se desculpe. Compartilho da mesma admiração pelo talento de lady Hervey.

— Fantástico. — Willian aplaudia chamando a atenção.

Sarah ergueu os olhos envergonhada, cozinhou por prazer e jamais imaginara receber elogios. Clarisse e David aplaudiam acompanhando o conde, este animado. Thomas permaneceu quieto, parecia surpreso, até mesmo assustado.

A chef se retirou e a sobremesa foi servida. Sarah percebeu que o marido se surpreendera de que mais uma vez ela preparara charlotte de baunilha.

— A Srta. René sugeriu uma pequena mudança na receita, espero que aprecie — disse a Thomas enquanto o servia.

— Suponho que esta seja sua sobremesa favorita, lady Hervey — murmurou Thomas impassível.

— Em absoluto. Não aprecio satisfazer minhas afeições culinárias, cozinheiro para agradar quem desfruta dos prazeres de uma

boa comida, e sei que esta é sua sobremesa favorita.

Diante do desconforto, Willian os interrompeu:

— E qual seria sua sobremesa favorita, Sarah?

— Sorvete de amora — David respondeu sorrindo para o irmão em um tom de deboche. — Sei de dúzias de cavalheiros que já perderam centenas de camisas colhendo amoras para lady Hervey. É uma verdadeira amante da fruta.

O jantar seguiu sem maiores contratemplos, e por um instante Sarah se esqueceu da conversa com lorde Granville. Estava concentrada demais em não permitir que a indiferença do marido a fizesse chorar na presença dos convidados.

Thomas caminhava sobre o tapete da biblioteca, apertando um copo nas mãos, condenando-se pelo comportamento tolo. Havia agido como o pai, indiferente e negligente com a esposa. O marquês tinha todos os motivos para destratar Joana, embora não soubesse, mas não Thomas...

Sarah era amável, companheira e doce. Preparara tudo com tanto esmero e, ainda assim, ele se vira incapaz de elogiá-la. Talvez, se não estivessem na frente de convidados, certamente a teria elogiado. *A quem está querendo enganar? Patife como é, sequer saberia que ela mesma preparara o jantar.*

Audrey já o havia informado que estava tudo pronto para partirem. Mas Thomas permaneceu por um quarto de hora caminhando de um lado para o outro, como se criasse coragem para partir. Precisava vê-la, precisava tocá-la. Se tivesse sorte, ele a encontraria adormecida e Sarah não perceberia sua presença.

O quarto de Sarah estava iluminado pela chama de uma única vela. Estava dormindo de mau jeito, com um livro repousando sobre o colo. Thomas colocou-o na mesa de apoio, ajeitou os travesseiros e a ajudou a se acomodar. Ela não acordou, gemeu em satisfação,

quando se deitou confortavelmente. Ele a cobriu e acariciou seus cabelos.

— Desculpe, querida — sussurrou, dando um beijo leve na face da esposa.

Antes de partir, procurou pelo perfume de Sarah. Num ato infantil, embebeu o lenço com o cheiro que o inebriava. Voltou para o leito da esposa e a beijou nos lábios. Precisava partir logo, aquela visão era um atentado a sua sanidade.

Quando entrou na carruagem, fechou os olhos e, com o lenço junto ao rosto, aspirou o aroma de primavera. Era insano, cruel, mas ao mesmo tempo incontrolável. Tinha cheiro de Sarah, cheiro de casa, cheiro de lar.

Capítulo X

Sarah abriu os olhos e permaneceu na cama. Achava que uma boa noite de sono poderia aliviar a angústia. Thomas mal a olhara e, ao se dirigir a ela, fora arrogante e frio. Não havia cozinhado para impressioná-lo, fizera pelo próprio prazer, mas ver a indiferença do marido enquanto todos a exaltavam pelo jantar fora humilhante.

Sentou-se na cama e encontrou Isla no canto, imóvel. Parecia estar aguardando suas ordens.

— Desculpe, senhora. Mas não sabia a que horas queria ser acordada ou se prefere me encontrar aqui. — Começou a separar o espartilho. — Audrey me disse que lorde Hervey prefere solicitar os serviços quando necessário, mas não conversamos sobre isso.

— Bom dia, Isla. — Sarah ofereceu um sorriso tranquilizador.

— Bom dia, lady Hervey. — Fez uma reverência um pouco desajeitada.

— Posso garantir que agiu muito bem, diferente daquela velha doida que me assustava a cada manhã. — As duas sorriram. — Acho que gosto da ideia de chamá-la quando acordar. Você pode me trazer uma xícara de chá e os jornais. Assim posso lê-los enquanto me penteia.

— Sim, milady. Gostaria de um banho? Quer que eu busque os jornais? Um chá?

— Não precisa, vou descer e tomar o desjejum com lorde Hervey.

Isla deixou o vestido cair.

— Ele não lhe disse que viajaria, senhora? Ontem, quando passou por mim tarde da noite, recendia o perfume da senhora, pensei que...

— Lorde Hervey viajou? Para onde ele foi? Deixou algum bilhete? — perguntou preocupada, ignorando a menção do perfume.

— Não que eu saiba, mas posso perguntar para Earnest. Audrey me disse que parariam no meio da noite e que lorde Hervey não

dissera para onde iam.

Sarah respirou fundo, não queria demonstrar fraqueza ante os criados.

— Bem, não posso perder tempo com o temperamento impulsivo de meu marido. Por favor, Isla, preciso que mande um recado para Marie, na livraria de David. Também quero uma reunião com todos os criados em meia hora, no escritório. — Levantou-se e seguiu para o quarto de vestir. — Pode guardar esse espatilho, preciso de algo confortável. Temos muito trabalho a fazer.

Sarah tomou o café da manhã no escritório. Abriu seu caderno e fez algumas anotações. Não se daria ao luxo de pensar em Thomas, muito menos na conversa enigmática que tivera com Willian. Pia bateu à porta e fez uma pequena reverência.

— Senhora, todos já estão à sua espera no grande salão.

— Pia, por favor, quando estivermos sozinhas continue me chamando de Sarah. Não quero me esquecer de quem sou. Pode mandar todos entrarem.

— Irá recebê-los aqui?

— Certamente.

— Mas este escritório é de lorde Hervey e poucos podem entrar aqui, Sarah.

— Pia, este escritório será meu também. Quero que mande buscar minha mesa... — Parou analisando o espaço perto da lareira. — Vamos comprar uma mesa nova e a colocaremos bem ali. — Apontou para um espaço ocupado por cadeiras, que dava vista para o lindo jardim. — Prepare-se, lorde Hervey me deu carta-branca para eu mudar o que desejasse.

— Tenho certeza de que ele não sabia do que a senhora é capaz. — Sra. Pattel colocou a mão na boca para esconder a risadinha.

— Tenho certeza de que não — Sarah entrou na brincadeira.

Não demorou muito para que o amplo escritório fosse tomado por toda a criadagem de Groove House. Treze funcionários, contou Sarah. Com o caderno nas mãos, levantou-se.

— Gostaria de dizer a todos que me sinto abençoada por tê-los servindo-nos em Groove House. Aqui será um dia a residência do

marquês de Bristol e precisamos estar preparados para isso. A Sra. Pattel providenciou uniformes novos para todos, carregarão o brasão da família Hervey com honra. — Folheou o caderno. — Nesta casa, as mulheres não receberão menos que os homens, os salários serão equiparados. Quero que contem com a lealdade da família Hervey, assim como contaremos com cada um de vocês. Earnest e a Sra. Pattel estarão à disposição para ouvi-los, e faremos o que for possível para ajudá-los. Haverá algumas mudanças e reformas necessárias. Serão informados de suas responsabilidades. O que peço é que nos dediquemos com amor. Na próxima semana, Groove House estará de portas abertas para receber toda a sociedade inglesa; seremos citados e lembrados por receber melhor que a própria rainha. Ontem no jantar, vimos nossos erros e acertos e vamos trabalhar para sermos melhores a cada dia. No final da semana, quando tudo estiver em ordem, teremos o melhor baile da criadagem que Londres já viu.

Quando terminou, o ambiente foi tomado por uma onda de aplausos. Olhos emocionados a saudavam.

Um criado posicionava a réplica da Vênus de Milo que Thomas havia encomendado. Sarah estava ajoelhada, replantando algumas rosas nos canteiros que circundavam a fonte, e contemplou distraída a escultura. Todos trabalhavam com entusiasmo, ela havia pedido à cozinheira que deixasse refresco à disposição de quem estivesse trabalhando ao ar livre. Ouviu um pigarrear discreto e, ao erguer os olhos, viu Earnest em seu novo uniforme, com uma postura impecável. Ele fez uma reverência antes de anunciar:

— Lorde David Hervey e a Srta. Marie estão na sala íntima a aguardando, senhora.

— Ah, Earnest! Peça a eles que venham até aqui.

Ele não se moveu.

— Perdoe minha impertinência, mas estão todos ansiosos para cumprir os protocolos. Acho que seria mais apropriado que a senhora lhes desse uma oportunidade de mostrarem que estão se esforçando.

— Você está certo. — Levantou-se e bateu as mãos pelas saias sujas de terra.

Sarah começou a contornar a casa para seguir ao encontro de seus convidados.

— Peço perdão novamente, senhora. — Sarah paralisou ao ouvir a voz de Earnest. — Não tenho a intenção de dizer como deve agir, mas seria adequado que se trocasse. Sua criada já preparou um vestido limpo. — Moveu os lábios e ela quase enxergou um pequeno sorriso. — É importante que os criados tenham um exemplo a seguir.

— Obrigada, Earnest. — Ela sorriu amplamente. — Ficarei pronta em dez minutos.

— Quinze, senhora. É o esperado.

Como o mordomo havia anunciado, Isla já estava a postos para a troca de roupas. Com agilidade e inusitada descrição, prendeu os cabelos de Sarah em um coque sóbrio.

No fim da escada, lady Hervey deparou com Earnest, que lhe deu uma piscadela. Na sala íntima encontrou David e Marie.

— Meus queridos, é uma honra recebê-los.

Abrçou Marie com carinho e beijou a face de David.

— Lady Hervey, sua casa é encantadora.

— Marie! Somos amigas, já lhe disse que para você sou Sarah.

Earnest chegou à sala acompanhado de dois lacaios, que organizaram o chá em um aparador. Sarah apreciou aquilo, era inovador, diferente das monótonas e restritas bandejas. Uma verdadeira orgia gastronômica; biscoitos, sanduíches em formatos diferentes, torta de amoras e morangos pareciam verdadeiras obras de arte.

— Nunca vi nada parecido — Marie sussurrou para David, que tomou a mão da amada com ternura.

— Estamos nos preparando para sermos os melhores anfitriões de Londres — Sarah falou com orgulho, enquanto os servia de chá.

— Fiquei tão lisonjeada com seu convite, espero que lorde Hervey não se aborreça com minha presença.

— Ele viajou. — Entregou a xícara ao cunhado. — Não deixou sequer bilhete, muito menos me informou aonde ia. — Sabia que não era adequado expor-se daquela maneira, mas estava entre amigos, seus únicos amigos, pensou. — Tivemos uma lua de mel encantadora, mas desde que chegamos Thomas se mantém distante. O problema é que chegou uma enxurrada de convites. A marquesa de [Normanby](#) vai oferecer um baile amanhã. Eu tinha confirmado a presença, mas agora, com a ausência de Thomas...

— David irá com você — Marie anunciou.

Sarah olhou para o cunhado apreensiva e ele lhe ofereceu um sorriso tranquilizador.

— Será um prazer acompanhá-la, Sarah. — Colocou a cartola. — Sei que têm muito que conversar, vou visitar um amigo que mora aqui em Roehampton, ele quer se desfazer da biblioteca. Estou confiante em encontrar algumas raridades. — Beijou a face de Marie com carinho. — Virei buscá-la em duas horas, meu amor.

Sarah engoliu em seco ao ouvir tanta demonstração de amor. Sentia-se esmagada pelos próprios sentimentos, temia que, se não compartilhasse suas aflições, poderia explodir. Marie segurou a mão da amiga quando percebeu que ela chorava.

— Sinto inveja de você — confessou com a face banhada pelas lágrimas. — Gostaria que Thomas tivesse o mesmo sentimento... — Pegou o lenço que Marie oferecia. — Não sei o que fazer, ele parece tão entregue às vezes, mas, num instante, é como se eu nem existisse.

— Não se deitaram juntos aqui em Londres?

— Uma única vez, no escritório. Eu o seduzi...

— Então ele a deseja, minha querida.

— Ele nunca foi até meu quarto. Não me procura.

— Dormem em quartos separados? São distantes ou têm alguma porta de ligação?

— Há uma porta, que fica fechada todo o tempo.

— Então remova a porta, Sarah. Podemos pensar em uma remodelação dos quartos...

— Remodelação?

— Sim. — Marie levantou-se empolgada. — Abra a porta, troque os móveis de posição de forma que ele a veja quando estiver deitado. Podemos encomendar camisolas novas, ainda mais provocantes. Troque-se na frente dele. — Coçou o queixo pensativa.

— O que foi?

— Pensei que talvez vocês pudessem ter uma única sala de banho, a qual pudessem compartilhar. Acha que consegue fazer uma reforma antes que ele chegue?

— Que ideia maravilhosa! — Sarah pareceu empolgada por um instante, mas logo seu sorriso se desfez. — E se nada disso funcionar?

— Vai funcionar. Certa vez disse-me que tudo na vida precisava de paciência. Acabou de declarar que inveja minha relação com David, mas não imagina como é viver escondida, não ter um sobrenome, ficar trancada nos fundos da livraria. — Segurou as mãos de Sarah. — Tenho paciência, sei que um dia poderei resolver todos os meus problemas, ficar com David. Enquanto isso, decoro os livros que me mandou. Estamos juntas, precisamos apoiar uma a outra, assim tenho certeza de que conseguiremos tudo o que quisermos.

Sarah abraçou a amiga com carinho. Pela primeira vez na vida, não se sentiu sozinha, sabia que poderia contar com Marie, assim como faria qualquer coisa por ela.

Naquele mesmo dia Sarah colocou Earnest louco atrás de pessoas que pudessem fazer a obra. Dez homens foram contratados para trabalhar dia e noite, sem descanso. Precisou se instalar em outro aposento e uma pequena fortuna foi gasta.

Na manhã seguinte, saiu para comprar móveis novos. Encomendou papéis de parede pintados à mão, cortinas e uma banheira de cobre com bordas arredondadas, que acomodava dois

com conforto. Empolgada, pediu que instalassem encanamentos na sala de banho, assim não dependeriam dos criados para encher a banheira.

Na modista, mais uma vez foi conduzida à sala reservada e encomendou novas roupas de dormir, uma mais indecorosa que a outra. Quando chegou a Groove House já era tarde, teria pouco tempo para se aprontar para o baile.

— Lady Hervey, chegou uma encomenda. — Earnest lhe entregou.

Sarah pegou o pacote e levou até o escritório. Dentro estavam os títulos que lorde Granville havia prometido. Uma grande tecelagem, terras em Manchester e uma dívida de cem mil libras de lorde Baldwin. Guardou tudo na gaveta da nova mesa. Pegou a carta que acompanhava a encomenda e a leu:

*Minha querida Sarah,
Como prometi, entrego-lhe seu desafio. Sei que não me decepcionará. Partirei amanhã para Manchester, a pedido de seu marido, para me encontrar com ele. Thomas ficou muito interessado em sua sugestão de investimentos em algodão. Gostaria de saber se tem algum conselho a dar. Retornarei em breve e faço questão de recebê-la em minha casa para jantar. Providenciarei amoras, já que jamais conseguiria oferecer um jantar como o seu.*

Com carinho,

Willian Granville

Ainda atordoada com a carta, seguiu apressada para se preparar para o baile. Seu melhor vestido e o colar de diamantes que pertencera à avó materna já estavam separados.

Enquanto a camareira moldava cachos nos cabelos de Sarah, esta tocava o colar. *Manchester!* Por que Thomas não lhe dissera?

Pia entrou no quarto, informando que David havia chegado.

— Senhora, desculpe a franqueza, mas é uma insanidade passar a noite com todo esse barulho. — Sra. Pattel parecia irritada. — Tive que mandar remover todos os tapetes dos corredores e das escadas, é impossível mantê-los limpos no meio dessa bagunça.

— Pia, eles me garantiram que o barulho só durará duas noites. Posso contratar mais homens para agilizar a reforma.

— Não! — Deu um grito e um pulinho, desesperada. — Quer dizer, não será necessário, senhora. Mais um desses brutamontes andando pela casa, e terei um ataque de nervos.

Sarah analisou a própria imagem no espelho, Isla fizera um ótimo trabalho. Respirou fundo e deixou o quarto, enquanto Pia continuava resmungando e se abanando com um lenço.

Capítulo XI

O baile da marquesa de [Normanby](#) seria sua primeira aparição como lady Hervey. Aquele seria o segundo baile de sua vida. Sorriu com amargura, ao pensar que Thomas não estaria ao seu lado como sempre sonhara.

— Lady [Howard](#). — Sarah fez uma mesura para cumprimentá-la.

— Lady Hervey, que honra recebê-la. É ainda mais linda do que dizem. Lorde David Hervey — cumprimentou-o brevemente.

— Meu marido lamenta muito não poder comparecer a um baile tão seleta. Infelizmente, precisou partir às pressas para Manchester, a negócios — Sarah justificou.

— Homens e seus negócios. — Pareceu compreensiva. — Ainda não fui informada do dia em que receberá visitas. — A marquesa parecia não se importar com a fila que se formava para cumprimentá-la.

— Enviarei os cartões na próxima semana. Ficaria honrada em recebê-la para o chá na próxima quinta-feira.

A marquesa parecia relutante em abandonar a conversa, mas Sarah sabia que já abusara prendendo a atenção da anfitriã por tanto tempo. Fez uma reverência sorrindo e deixou que David a conduzisse até as cadeiras. Enquanto o cunhado foi buscar seu cartão de baile, ela viu um velho amigo da família se aproximando.

— Minha querida Sarah. — Lorde Baldwin fez uma reverência e beijou sua mão.

— Lorde Baldwin — retribuiu o cumprimento com polidez.

Ao perceber que ele não estava sozinho, meneou a cabeça para o elegante homem que o acompanhava.

— Deixe-me apresentar meu filho, Edward Baldwin. Lembra-se dele? Acho que se conheceram quando crianças.

— Lady Hervey. — Esperou que ela lhe oferecesse a mão e a beijou, fitando-a intensamente. — É um prazer finalmente revê-la. Meu pai a admira e não lhe poupa elogios.

— Lorde Baldwin é muito gentil e seus elogios são contestáveis, uma vez que me conhece desde que eu ainda vestia cueiros.

O ancião gargalhou não se importando com o decoro.

— Concede-me a honra da próxima dança? — Edward se adiantou com os olhos fixos nos dela.

— Depois de mim, Edward. — Lorde Baldwin ofereceu o braço a Sarah. — Ser velho garante algumas regalias.

Sarah se divertiu dançando com o velho amigo. O ancião se movia com dificuldade, mas o carinho que sentiam um pelo outro fazia com que ela se sentisse acolhida.

— Estive em Lilleshall com seu pai. Aquela casa não é a mesma sem você.

— Lorde Baldwin, nunca havia reparado em seu talento para lisonjas.

— Não seja modesta, Sarah. Sinto falta de nossas conversas. Soube que tem estudado um radical subversivo.

— Como soube?

— Tentei comprar uns manuscritos. Fui informado de que uma dama paga uma pequena fortuna, e não conheço outra mulher que prefira financiar a rebeldia a encher os bolsos das modistas.

— Eu não o financio, e me conhece o suficiente para saber que não aprecio nenhum tipo de radicalismo.

— Fico aliviado em saber que o casamento não lhe fez mal — zombou. — E quais são suas impressões?

— Marx tem uma visão econômica interessante, parece que abandonou de vez a filosofia.

— Diga-me que me convidará para um jantar. Não tem nada que deseje mais do que comer o pernil de cordeiro que prepara, ouvindo as baboseiras desse senhor.

— Lorde Baldwin — reclinou-o num tom divertido —, sabe que não poderíamos discutir tal assunto numa mesa de jantar.

— Mas não pode negar um suculento cordeiro a um velho moribundo. — Sorria amplamente.

— Enviarei o convite em breve, querido amigo. É sempre um prazer cozinhar para o senhor.

A valsa durou mais alguns minutos e, antes que ela pudesse ser conduzida até as margens do salão, Edward os interrompeu.

— Será que agora já posso reivindicar minha dança?

Sarah paralisou ante os intensos olhos verdes.

— Vá e a convença a fazer sopa de tartaruga de entrada. — Deu tapinhas no ombro do filho. — Não existe melhor em todo Reino Unido.

Quando a música começou, Sarah se espantou ao constatar que seria outra valsa. Deixou que Edward a conduzisse.

— Parece que a marquesa é mesmo uma apreciadora da valsa. — Edward girou-a com elegância. — Ouvi dizer que suas filhas valsam com maestria e ela acredita que encontrarão bons partidos nos salões de baile.

— Não podemos negar que é um estratagema inteligente, embora um baile que toque somente valsa possa causar vertigem aos dançarinos.

— Vejo que meu pai não mentiu, é mesmo muito espirituosa e inteligente. Ouvi dizer que prepara verdadeiros manjares.

— Lorde Baldwin não pode espalhar coisas tão inapropriadas a meu respeito. Como ficará minha reputação se souberem que frequento a cozinha de minha própria casa?

— Não se preocupe, lady Hervey, seu segredo está a salvo comigo.

— Não tenho como agradecer, senhor. — Sorriu enquanto rodopiava pela pista.

— Edward. — Trouxe-a para mais perto. — É uma amiga muito querida de meu pai, não tem por que tamanha formalidade, lady Hervey.

— Sarah. — Desconcertou-se com a profundidade do olhar de Edward. — Gosto de ouvir meu nome quando estou entre amigos.

Edward se concentrou na dança, mas seus olhares e sorrisos o tornavam encantador. Sarah sentiu-se leve dançando; vez ou outra ele sussurrava comentários espirituosos ao ouvido dela.

Tão logo a valsa terminou, ele a reverenciou e a conduziu até a mesa de refrescos. David a esperava segurando seu cartão de baile.

— Vejo que não terá tempo nem de colocar o cartão no pulso. Mal chegamos e já dançou duas vezes. Gostaria de conduzi-la na próxima dança.

— Outra valsa eu não suportaria. Deixe tocar um minueto ou uma quadrilha.

Os dois homens se cumprimentaram e seguiram todos até a mesa de refrescos. Os dois pareciam velhos amigos e David esclareceu que estudaram juntos em Eton. Edward era também um cliente assíduo da livraria

— Lady Hervey, se não julgar inapropriado gostaria de outra dança a sua escolha, agora que já tem um cartão de baile. — Edward declarou.

Sarah lhe entregou o cartão de baile e ele gargalhou.

— A marquesa de [Normanby](#) não parece se preocupar em esconder seu interesse em desencalhar as filhas. — Olhou para David num tom divertido. — Além das valsas, teremos um minueto e uma quadrilha. O que prefere, meu amigo?

— Fico com o minueto — David anunciou achando graça. — Embora ainda prefira a valsa, quanto menos exposto às filhas da marquesa, melhor.

— Fico com a quadrilha. — Edward assinou o cartão de baile, fez uma reverência e partiu.

Uma voz rouca e grave ecoou atrás deles:

— Só me resta a próxima valsa. Milady me daria a honra?

Sarah sentiu as pernas falharem ao ver lorde Granville com a mão estendida. Deixou que o avô a conduzisse.

— Pensei que tivesse viajado.

— Partirei amanhã de manhã. Vim somente para vê-la.

— Como sabia que eu viria?

— David. — Willian dançava com elegância.

Apesar da tensão inicial, Sarah permitiu-se relaxar. Não podia negar que se sentia bem ao lado do avô. Aos poucos, as barreiras que construía ruíam. E tê-lo como aliado na conquista do coração de seu marido era o suficiente para permitir a aproximação. O conde era um dançarino eficiente, não se movimentava como um homem de sua idade.

— Dança divinamente bem. — Sarah flutuava em seus braços.

— Receio ter perdido o jeito, minha querida. Desde que minha Sarah se foi, nunca mais valsei.

— Posso garantir que não perdeu o jeito. Nem mesmo precisou da bengala.

— Todo velho precisa de um charme — respondeu em tom de brincadeira.

Willian não esperou que a música terminasse. Fez uma reverência e, de braços dados com a neta, conduziu-a até o jardim lateral.

— Gostaria de agradecer os títulos. — Estava constrangida, a proximidade com o avô ainda era algo novo para ela.

— Thomas esteve em minha casa ontem, já era tarde.

— Ele o acordou?

— Ah, não. Gosto de trabalhar durante a noite. — Willian a conduziu até um banco e esperou que ela se sentasse para se acomodar ao seu lado. — Ele me contou sobre suas ideias para Manchester e pediu que o acompanhasse, como eu disse em minha carta. Por que não viajou com ele?

— Thomas não me avisou sobre a viagem e muito menos disse para onde ia. Soube através de sua carta do paradeiro de meu marido. — Brincou com a ponta da luva. — Ele não demonstrou interesse no investimento em algodão.

Willian colocou a mão sobre a dela.

— Ele tem uma maneira peculiar de lidar com os próprios sentimentos. Quando esteve em minha casa ontem, discursava com a empolgação de um menino. Acho que reivindicar seus terrenos de Manchester o quanto antes será um grande trunfo nas mãos.

— Mas não sei o que fazer. Como poderei cobrar?

— Não precisa, minha querida. É só me dizer que quer e providenciarei para você.

Sarah respirou fundo e fitou os próprios pés.

— Gostaria de pensar com calma, lorde Granville. Não acho que uma decisão dessas possa ser tomada com a cabeça quente. Ainda estou magoada por Thomas partir de maneira tão intempestiva e por me excluir dos negócios de Manchester. Se vou usar as terras que

me deu, tenho que pensar na melhor maneira de fazer isso. Sou mulher e sei das limitações impostas pela sociedade. Concorrer com meu marido em um momento como este poderá pôr tudo a perder, e entregar as terras a ele será como dar osso a um cachorro malcomportado.

— Sábia decisão, minha filha.

— Talvez o senhor possa aconselhá-lo...

— Sarah, existem muitos motivos, coisas que perturbam a cabeça de seu marido. Farei o que puder para ajudá-los, mas aconselhar não é o melhor caminho. Thomas é um cabeça-dura, e tenho certeza de que só você poderá reverter isso. Continue sendo você mesma e não demorará muito para que ele se renda aos seus encantos. — Beijou-lhe a face antes de se levantar. — A propósito, gostaria que considerasse a possibilidade de me chamar de vovô.

Na manhã seguinte, Sarah se sentou no jardim, contemplando a escultura que Thomas encomendara. Havia algo familiar em seus traços, as formas não eram características da Vênus de Milo, somente uma alusão à famosa escultura de Alexandre de Antioquia.

Em momentos como aquele, era mais proveitoso contemplar a paisagem do que mergulhar na profundidade do vazio de seu coração. Sentia falta de Thomas, sentia falta dos momentos que passaram em Ickworth House. Pelo menos agora não se sentia sozinha, tinha Marie, tinha David e tinha lorde Granville... Como fora se aproximar do avô daquela maneira?

Sentia falta de Lilleshall, queria saber notícias de Ann. Daria as próprias joias para saber como John estava se saindo como administrador. Talvez, devesse escrever para o pai.

Passou o resto da tarde ocupada com a reforma, embora não conseguisse se concentrar em quase nada. Sentiu-se aliviada quando Earnest anunciou a chegada de Marie. O mordomo parecia

profundamente incomodado em tratá-la pelo nome de batismo. Precisariam encontrar um sobrenome para a amiga.

— Desculpe vir sem avisar, Sarah. — Beijou o rosto da amiga em cumprimento. — Mas me sinto tão inútil naquela livraria. — Sarah percebeu que algo a perturbava, mas, antes que pudesse questioná-la, Marie continuou. — Conte-me sobre o baile. David me disse que foi solicitada a noite toda, mas ele não é de dar detalhes.

Sarah convidou Marie para tomar chá no jardim. Enquanto os lacaios colocavam uma mesa ao ar livre, as duas resolveram caminhar à beira do lago.

— Foi uma noite adorável, embora a falta que sinto de Thomas seja quase insuportável. Acho que não é normal o que sinto. Às vezes, tenho a sensação de estar perdendo o controle dos pensamentos. Nada parece importar.

— Sinto-me assim também — Marie divagou e se abaixou para pegar uma papoula.

— A diferença é que seu amor é correspondido.

— Sarah, não pode desanimar. Precisa acreditar, com o tempo tudo se ajeitará.

Sarah parou e se virou para amiga.

— Ontem conheci o filho de lorde Baldwin, não me lembrava dele. — Retirou as luvas e as guardou no bolso. — Edward é um homem robusto, nunca vi olhos tão verdes. Ele foi gentil, atencioso, espirituoso... Agiu exatamente do modo que eu gostaria que Thomas agisse comigo.

— Está encantada por ele?

— Não! Mas foi muito bom me sentir mimada. Hoje de manhã mandou-me uma cesta de amoras. Tenho certeza de que perguntou ao pai como me agradar.

Sarah percebeu que a mesa já estava montada e convidou a amiga para tomar chá. De longe, viu Earnest, carrancudo, com Joana, tia de Sarah, em seu encalço.

— Maldição! — Sarah praguejou. — Aja naturalmente, está na hora de colocar em prática tudo que andou estudando, querida. — Apertou a mão de Marie. — Confie em mim.

A marquesa se aproximou e Sarah fez uma reverência:

— Lady Hervey — cumprimentou a sogra tentando ser gentil.

— Sarah, minha querida. — Deu-lhe um beijo que não tocou realmente a face. — Por favor, me chame de Joana, agora somos as duas lady Hervey. — Analisou Marie, curiosa. — Quem é essa dama encantadora?

— A Srta. Delage é filha de um velho amigo de meu pai. Seu irmão é um arquiteto muito importante na França, é o responsável pela reforma de Groove House.

Marie engasgou e Sarah a ajudou a se sentar.

— Desculpe, senhora.

— Não precisa se desculpar, querida. — Sarah se adiantou e se virou para a tia. — A Srta. Delage está se recuperando de um forte resfriado. Foi muito atencioso da parte dela vir pessoalmente trazer rendas primorosas para as almofadas do quarto. A avó dela tece rendas como ninguém.

— Quanta delicadeza, Srta. Delage. Receio já termos sido apresentadas, mas não me recordo de onde.

— É minha primeira vez em Londres. — Marie tentou conter o nervosismo. — Era um desejo antigo passar uma temporada no Reino Unido e, como meu irmão veio atender a um pedido de lady Hervey, resolvi acompanhá-lo.

— Adoraria conhecer um arquiteto tão importante. Creio que ele faria maravilhas em Hervey House.

— Infelizmente, será impossível — Sarah se adiantou. — Tive que insistir muito para que ele me atendesse, está de mudança para a Itália.

— A senhorita pretende acompanhá-lo? — Joana questionou Marie, interessada.

— Estou tentando convencê-la a passar um tempo em Londres. — Sarah manteve o controle da conversa.

— É bem tímida para uma francesa — observou Joana, desconfiada. — Chamará a atenção dos cavalheiros ingleses. Desculpe a observação, mas as francesas são tão vulgares, e você parece uma dama de respeito.

— Obrigada, lady Hervey. — Marie a encarou com determinação. — Não acredito que possamos ser julgados pelo lugar

de onde viemos. Cada pessoa é única, diferente.

— Ah! Que encantadora. Precisa conhecer meu filho mais novo, ele também aprecia divagações existenciais. — Tomou um gole de chá. — Onde está Thomas?

— Thomas viajou a negócios com lorde Granville.

— Mas já? Mal terminaram a lua de mel.

— O conde de Snowdon foi muito insistente e meu marido não teve como negar.

Como mandava o protocolo, Joana não se demorou. Pediu que fosse informada sobre o retorno do filho, queria oferecer um jantar ao jovem casal. Encantada com os bons modos da Srta. Delage, convidou-a para a refeição em família. Parecia empolgada com a possibilidade de apresentá-la a David.

— Sarah, o que você aprontou?

— Precisava de um sobrenome, agora já tem. A Srta. Marie Delage é a mais nova candidata a casar-se com o filho mais novo do marquês de Bristol.

— Você não está em seu juízo perfeito, como poderei...

— Precisamos de roupas novas, joias e uma carruagem.

— Não posso pagar por isso e não posso aceitar que David...

— Marie, David será seu marido, precisa dar-lhe uma carruagem de qualquer maneira, joias e o que mais for preciso. Vamos à modista amanhã.

Marie a olhou apreensiva, estava claro como a neve que aquele plano não daria certo. Mas permitiu-se divagar. Caso se casasse com David e ele aceitasse todo o seu passado, não haveria nada que pudesse desejar mais. Mas alimentar expectativas só causaria ainda mais sofrimento. Não podia negar o quanto estava feliz por ter um sobrenome falso e em ver que a marquesa de Bristol aprovara seus modos.

Capítulo XII

A semana foi atribulada. Sarah mal teve tempo de falar com Marie. A reforma já estava na fase final, Pia contava os dias para se ver livre da confusão instalada em Groove House. Papéis de parede e cortinas estavam sendo instalados. Sarah acompanhava tudo satisfeita.

Havia recebido um recado de lorde Granville. O conde chegara de viagem e a aguardava para jantar. Foi tomada por uma estranha felicidade por poder desfrutar da companhia do avô, estava ansiosa por notícias do marido. Desejando que o tempo passasse logo, foi para cozinha e preparou biscoitos para presenteá-lo.

Na casa de lorde Granville, admirou a enorme pintura ornada por uma moldura dourada. A condessa de Snowdon fora uma mulher bonita. Sarah tentou encontrar naqueles traços algo semelhante a si mesma. Não encontrou nada, porém percebeu o quanto Ann se parecia com ela. Observou o contorno das maçãs do rosto, os olhos marcados pelos cílios fartos emoldurando um azul profundo.

Quando percebeu que não estava sozinha, desviou os olhos e encontrou lorde Granville a observando. Ele se aproximou e deu um beijo carinhoso em sua testa.

— Obrigado por aceitar meu convite.
— Espero que tenha feito boa viagem.
— Essa modernidade de trem a vapor consegue ser mais entediante do que horas dentro de uma carruagem. E o barulho é exasperante.

Sarah sorriu e sentou no canapé que o avô oferecia.

— Como está Thomas?
— Perdido sem seus conselhos. Ficou decepcionado ao ver que o maior produtor da região é lorde Baldwin.
— Informei Thomas sobre o investimento de lorde Baldwin.
— Pelo visto, Manchester está em suas mãos. Não disse nada a ele. Por um momento, tive a impressão de que está prolongando a

viagem para fugir, e não para tratar de negócios. Não há muito que ele possa fazer sem sua ajuda.

— Ele perguntou por mim?

— Thomas não revelaria sua preocupação ou sentimentos a ninguém, Sarah. Ele criou um calvário e ainda não percebeu que estar dentro de si mesmo é sua maldição.

— Thomas é um homem reservado.

— Eu diria tolo, mas David já me alertou sobre como defende seu marido. Como sou um homem sábio, concordarei com sua opinião.

Sarah sorriu, incapaz de contradizer o avô, e se ajeitou melhor no assento, colocando as mãos no colo.

— Lorde Granville, estive pesquisando sobre o mercado de tecidos. Temos uma produção considerável de algodão e lã de carneiro. Mas muitos tecidos são importados. A tecelagem parece ter um grande número de clientes, mas a qualidade dos tecidos é duvidosa. Tenho certeza de que, com um pequeno investimento, poderíamos estar fornecendo tecidos para as melhores modistas de Londres.

O conde de Snowdon ouvia atentamente, alisando o cavanhaque.

— Gostaria de uma conferência com você no banco, depois de amanhã — o conde a convidou. — Podemos discutir isso melhor. Juntos pensaremos na melhor maneira de cobrar a dívida. Para não se sentir culpada, ouvi dizer que a tecelagem oferece péssimas condições de trabalho.

— Ficarei honrada, lorde Granville.

O conde seguiu até o aparador, serviu dois cálices de brandy e entregou um a Sarah.

— Sra. Balwin está oferecendo uma *soirée* amanhã.

— Recebi o convite, mas com a ausência de Thomas...

— Eu ficaria imensamente envaidecido se aceitasse minha companhia.

— Nunca poderei agradecer tudo que tem feito por mim, eu sempre achei o senhor....

— Não importa o passado, minha querida. Precisamos nos concentrar no futuro e você é a chave mestra para o futuro de minha família.

— Deposita tanta confiança em mim, que temo decepcioná-lo.

— O erro faz parte do acerto. — Virou o cálice e o colocou na mesa. — Edward Baldwin está pleiteando o Primeiro Ministério. Os Whigs acham que precisam de um representante jovem. A credibilidade do partido tem declinado a cada dia. Precisamos de sangue novo.

— Então imagino que o evento de amanhã seja para angariar a simpatia dos nobres presentes.

— E fundos, é claro. Gostaria de oferecer uma pequena contribuição ao partido, mas prefiro me manter distante. Faria isso por mim?

— Meu querido lorde Granville, acho que já me conhece o suficiente para saber que o mesmo valor que ofereceria aos whigs entregaria aos tories. Muito me espanta um banqueiro tão importante demonstrar sua predileção tão abertamente — declarou com sarcasmo.

— *Touché.*

Os dois brindaram entre sorrisos. Sarah se surpreendeu pelo esmero do jantar que o avô oferecia. E o que mais lhe encantou fora a torta de amoras, parecia uma escultura, tão bem montada.

Quando Sarah entrou, acompanhada do avô, na casa dos Baldwin, todos os olhares se voltaram para eles. Ela vestia um elegante vestido branco, ornado com bordados azuis. Após cumprimentar os anfitriões, foi calorosamente recebida por Edward.

— Lady Hervey. — Beijou-lhe a mão e acariciou-lhe pulso por cima da luva. — Perdoe-me, Sarah.

— Edward — ela corou —, ou deveria dizer primeiro-ministro?

— Não ainda, minha cara. Tenho muito trabalho pela frente.

— Obrigada pelas amoras. — Tomou o braço estendido. — Achei que seria uma reunião maior. Não esperava encontrar tão poucos convidados.

— Uma reunião íntima. Convidamos outras senhoras para que não se sentisse deslocada.

— Não costumo me intimidar diante de cavalheiros.

— Isso é uma das muitas coisas que me encantam na senhora.

Edward a conduziu até a sala de música. Sra. Baldwin tocava divinamente enquanto outros convidados apreciavam a melodia. Ele lhe entregou uma taça de vinho e a convidou a sentar-se.

— Confesso que tenho passado muito tempo ouvindo meu pai discursar sobre sua diplomacia política. Não sei se mereço tamanho privilégio, mas mesmo assim resolvi me arriscar. Preciso de um conselheiro, alguém que consiga vislumbrar o futuro econômico com uma visão política coerente. Não é fácil encontrar alguém com qualidades tão distintas.

— E o que o leva a pensar que existe alguém assim?

— Tem razão, cavalheiros tendem a ser frios e leais aos seus próprios interesses. Somente uma mulher poderia ter a sabedoria para equilibrar razão e emoção.

— Ora, Edward, olhe ao seu redor. Tenho certeza de que as damas presentes não encontram nenhuma razão em um bordado, muito menos emoção em organizar um jantar. — Balançou a mão no alto.

— Não ousaria contradizê-la. — A intensidade dos olhos de Edward a desconcertava. — Entretanto estou olhando para a única mulher que seria capaz de tudo que descrevi e muito mais.

Sarah corou e desviou os olhos para o chão.

— Não sabia que herdara de seu pai o talento para lisonjas.

— Sarah... — deslizou os dentes pelo lábio inferior —, gostaria que considerasse minha proposta. Tome o tempo que precisar para avaliar.

Apesar da proposta tentadora, Sarah achou melhor desviar o assunto. Trabalhar tão próxima de Edward não lhe parecia uma boa ideia.

— Como anda a produção de algodão em Manchester? Seu pai havia me dito que grande parte é destinada à exportação.

— Manchester é um meio para um fim. Meu pai está investindo em extração de ouro no Brasil. Apesar da iminência da abolição da escravatura, essa parece a única alternativa para saldar as dívidas da família. Todo o lucro da venda do algodão é investido em mineração.

— Parece uma estratégia interessante.

— Lorde Granville possui uma enormidade de títulos, dívidas antigas dos Baldwins e o dia que quiser pode levar minha família à ruína. Portanto pode ser que a minha carreira política tenha prazo de validade.

— Não acredito que meu avô o prejudicaria. Ele parece ter certa simpatia pelo senhor. Inclusive me incumbiu de oferecer um pequeno incentivo ao partido.

— Fico aliviado em ouvir isso, mas a benevolência do maior banqueiro de Londres não durará para sempre. — Sorriu com amargura. — Quanto ao patrocínio...

— Ah! Não conte com isso, informei ao meu avô que o mesmo valor destinado aos whigs seria destinado aos tories. E sei que isso prejudicaria suas intenções, portanto seria mais prudente encontrar um destino melhor para esse recurso.

— Sarah, consegue entender o quanto preciso de você?

— Para conseguir melhores condições de saldar a dívida da família?

— Jamais a usaria, é preciosa demais para ser usada de maneira tão vil. É uma mulher que merece ser amada, idolatrada...

— Parou por um instante. — Sei que meu futuro será longe do Reino Unido, mas, no tempo que me resta aqui, quero fazer a diferença. A modernidade já bateu à porta e não podemos ignorar que esse é o futuro da nossa nação.

Sarah passou a noite observando Edward, seria um excelente primeiro-ministro. Ele a convidara para ser sua conselheira, não escondera a admiração e flertara deliberadamente. Talvez fosse um sedutor, alguém como ela, que não media esforços para conseguir o que queria. Aproveitou o resto da noite ao lado do avô. Sentia falta daquilo, ouvir cavalheiros conjecturando sobre política e

investimentos. Vez ou outra sentava-se na companhia das damas, que trocavam receitas de bordados e enumeravam os bons partidos da temporada. Por ironia, Edward, David e John encabeçavam a lista.

Sarah respirou fundo antes de bater à porta da sala do avô. O secretário que a recebeu informou que o banqueiro já a aguardava. Entrou apreensiva, nunca imaginara que um dia seria convidada para discutir negócios com um dos maiores banqueiros de Londres. Por um instante, esqueceu-se das privações que sofria por ser uma mulher. Queria surpreendê-lo, mostrar que poderia superar qualquer cavalheiro na arte da negociação, daria o seu melhor.

— Entre, minha querida — o conde a beijou na bochecha —, pedi chá para você.

— Obrigada, vovô, mas para discutir negócios prefiro café ou algo mais forte.

— Um brandy?

— Conhaque. — Sorriu meigamente. — Ontem informei Edward sobre sua intenção de contribuir com o partido, mas deixei claro que o dinheiro seria investido de outra maneira.

Willian cruzou as mãos sobre o rosto com um meio sorriso nos lábios.

— Não me mate de curiosidade.

— O senhor mencionou que os funcionários da tecelagem tinham péssimas condições de trabalho. Quero que esse dinheiro seja destinado a um fundo para os funcionários acidentados.

Willian a encarou como se não estivesse acreditando no que ouvia.

— Por essa eu não esperava.

— Pode parecer uma ideia tola...

— Não é tola! É humana. Vejo que seu interesse pela tecelagem é genuíno. Se pudesse aconselhá-la, diria para procurar um sócio.

Precisará de um homem à frente dos negócios.

— Pensei em Thomas.

— Seria como entregar ouro ao bandido. Ofereça 50% a David; apesar de ser péssimo com números, é um excelente negociador. — Inclinou-se e tocou as mãos da neta. — Sarah, acredito que já tenha se dado conta do que tem nas mãos. Thomas tem uma modesta faixa de terra, e você detém quase toda a produção de algodão de Manchester. Se entregar a tecelagem ao seu marido, correrá o risco de ficar às margens. Thomas tem de ver que precisa de você. Anular-se diante de seu marido não é sinal de lealdade, é abrir mão de si mesma para se subjugar ao outro.

— Mas não é isso que as esposas devem fazer?

— Não você, minha querida. Você merece ser admirada, exaltada e não se esconder atrás de um homem perdido. Tenho certeza de que um dia caminharão juntos, mas, enquanto esse dia não chega, não pode permitir ser jogada de lado.

— Pode liquidar a tecelagem, darei 20% a Marie e 30% a David. O conde gargalhou.

— Conversar com você é como assistir a um show de mágica.

A conversa com o avô era tudo de que precisava para voltar a pensar com lucidez. Era hora de colocar a autopiedade de lado e batalhar pelo amor de Thomas. Tomaria as rédeas e não demonstraria fraquezas. Voltou para casa animada, estava ansiosa para ver o resultado da obra; quando saíra de manhã Pia e outras criadas colocavam os móveis novos no quarto.

Sarah cumprimentava cada criado pelo nome, perguntava sobre a família e sempre estava inteirada da vida de cada um. Seguiu para o quarto acompanhada de Isla.

— Meu bom Deus! Ficou magnífico. — Caminhou contemplando cada detalhe.

As camas foram trocadas, agora estavam em paredes opostas, uma de frente para outra. Em cada canto, uma porta que dava acesso à mesma sala de banho. Dois lavatórios, dois espelhos, duas bancadas com urinóis embutidos em pontos distintos, separados por um biombo quase transparente. E o mais espetacular, a água chegava através de um encanamento, bastava girar um pequeno

dispositivo e ela descia. Sarah ficou deslumbrada e abriu o dispositivo para encher a banheira.

— Já pedi para aquecerem a água para misturar, senhora. Imaginei que quisesse inaugurar a nova banheira.

— Sim! — Bateu palmas empolgada. — Por favor, Isla!

Isla ajudou Sarah a se despir e a envolveu num robe de seda. Sarah esperou, ansiosa, as criadas temperarem a água. Dispensou a camareira e despejou generosa quantidade de água de rosas na banheira. Contemplou o reflexo no espelho, seus olhos brilhavam e um sorriso bobo estava estampado em sua face.

Deslizou o robe pelos ombros, retirou as pantufas e, quando ergueu a perna para entrar e desfrutar do banho, encontrou Thomas parado na porta, observando-a surpreso. Tomada por uma onda de felicidade infantil, correu para os braços do marido, que a apertou contra o corpo.

Thomas fechou os olhos, deixou que as mãos delicadas o envolvessem e inclinou a cabeça para cheirá-la. Como sentia falta daquele perfume. Deslizou as mãos pela pele nua.

Sarah se afastou com um sorriso genuíno.

— Veja isso. — Acionou o dispositivo, fazendo a água jorrar pelo lavatório. — Não é maravilhoso?

Vê-la tão feliz era contagiante, sorriu hipnotizado. Ela se aproximou novamente e desfez o nó da gravata dele.

— Tome banho comigo? Encomendei a maior banheira que havia. Caberemos perfeitamente nela.

Como negaria um pedido tão ingênuo? Despiu-se sem desviar os olhos de sua mulher, ela parecia alheia ao desejo que provocava.

— Sarah, se entrar nessa banheira com você...

— Sim, por favor! Senti tanto a sua falta.

Aquilo fora a gota d'água. Sarah entrou na banheira e logo em seguida Thomas a acompanhou. Sentado de frente para a mulher, não piscava. Ele a queria, desejava-a e, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, tomou-a em um beijo sôfrego cheio de saudades. Ela arranhou suas costas, trazendo-o para mais perto. Thomas a levantou e a colocou no colo, beijou e mordiscou seus seios ofegando. Ela arfava e seu corpo procurava o dele.

— Não! Ainda não — abrandou a voz beijando seu pescoço. — Temo que não consiga esperá-la.

— Não me espere, meu amor, tome-me como sua. Faça o que quiser comigo.

Abraçando-a com força, ele se encaixou entre as pernas dela. Sugou e mordeu os seios entumecidos. Os movimentos de seus corpos faziam com que a água inundasse toda a sala de banho. Sarah experimentou novas sensações, a invasão de Thomas, a sensação da água batendo em sua intimidade. Gemeu, jogando o corpo para trás, e ele a agarrou. Thomas segurou-se, esperando que ela o apertasse com sua intimidade e se libertou, ofegante, gritando o nome dela.

Sarah se recostou ao peito do marido, enquanto sentia o corpo acalmar-se. Ele acariciou os cabelos molhados que caíam pelos ombros da esposa. Ajudou-a a se sentar de costas para ele e a envolveu num abraço carinhoso.

— Vejo que gastou uma pequena fortuna em minha ausência. — Beijou os ombros pálidos. — O escritório, o quarto, onde mais fez mudanças?

— Na cozinha, você vai ficar encantado com o novo fogão. — Ela se virou para ele e tocou-lhe a barba por fazer. — Por que viajou sem me dizer nada?

Ele abaixou o rosto e, quando voltou a fitá-la, tinha os olhos cheios de dor.

— Fui um tolo, precisei de você em Manchester. Sarah, eu...

— Shhhh. — Colocou o dedo sobre os lábios do marido. — Conte sobre Manchester, o que houve?

— As terras são relativamente pequenas. Receio que não conseguiremos exportar.

— Lorde Granville me presenteou com alguns títulos de seus devedores. Um deles é uma faixa considerável de terras vizinhas às que ganhou.

— As terras de lorde Baldwin?

— Não, outras terras menores, mas cinco vezes maiores que as que possui. Se quiser, podemos voltar juntos a Manchester.

— Aceitaria ser minha sócia?

— Não, meu amor. Entregarei as terras a você. Ajudarei no que for preciso, mas assumirei uma tecelagem com David e gostaria que me fornecesse algodão.

Thomas a abraçou e aspirou o cheiro de primavera que tanto ansiava reencontrar. Passara tanto tempo longe, tentando manter o controle das emoções, e tudo parecia desmoronar ao vê-la.

Capítulo XIII

Thomas acordou com o corpo de Sarah sobre o seu. Ela repousava serenamente em seu ombro. *Deus, como é bom tê-la.* Era isso o que tanto ansiava, era aquela sensação que seu corpo desejava.

Um pequeno movimento na porta de Sarah o despertou. Viu uma criada deixando os jornais no canto do quarto em silêncio. Sussurrando, pediu a ela que trouxesse o café da manhã. Estava faminto, viajara todo o dia anterior e, ao chegar, não conseguira largar a mulher. Admirando-a, acompanhou enquanto ela se remexia preguiçosamente. Acariciou-lhe a face.

— Bom dia, pedi que trouxessem nosso desjejum.

— Isla esteve aqui? Ela sempre deixa o jornal antes que eu acorde.

— Quem é Isla? O que aconteceu com a Sra. Roberts?

Sarah deslizou a mão pelo torso do marido de forma provocadora.

— Digamos que a Sra. Roberts se aposentou.

— Você é terrível. — Jogou-se por cima dela, beijando seu pescoço. — Isla é alguma cortesã?

— Não, é sobrinha da Sra. Pattel. — Sarah o afastou para se sentar. — Já que tocou nesse assunto, Marie agora é a Srta. Delage, irmã de um arquiteto muito famoso na França. Sua mãe ficou encantada e quer apresentá-la a David.

— Sarah, não vou compactuar com isso.

— Ah, Thomas, por favor. Deixe seu irmão ser feliz.

— Minha mãe logo vai descobrir essa farsa, a marquesa é uma mulher sagaz.

— Talvez descubra depois do casamento. Por favor, não interfira.

— O marquês não vai engolir essa história.

— Vamos pelo menos tentar. Eles se amam e cabe a nós apoiá-los.

Thomas se levantou e vestiu um roupão de veludo. Isla e Audrey entraram com o café da manhã e o organizaram em uma mesa, no quarto de Sarah. O valete sorriu discretamente ao ver que a lady havia dormido na cama do patrão.

— Vou aceitar sua proposta. — Thomas declarou logo que ficaram sozinhos. — Não posso negar que a desejo, muito menos a sua habilidade com os negócios.

Sarah o encarou segurando-se para conter as lágrimas. Não era aquilo o que queria ouvir. Ele se aproximou e a beijou com paixão. Sarah sentiu-se mal por ainda não ter conseguido despertar sentimentos no marido. Ela se afastou e se levantou, enrolada nos lençóis.

— Preciso sair, vou até o banco pedir a lorde Granville que liquide as terras de Manchester. Depois irei em Anson House, meu pai e Lucy chegaram esta manhã. Recebi uma carta deles ontem.

— Ann veio com eles? Posso ir com você se quiser.

— Não precisa. Se Ann estiver em Londres, transmitirei a ela seus cumprimentos.

E, pela primeira vez, arrependeu-se da ideia estúpida de unir os dois quartos. Tocou o sino para chamar Isla e seguiu para o quarto de vestir; naquele pequeno cômodo desfrutaria de um pouco de privacidade.

Quando chegou em Anson House, sentiu-se em casa. Talvez, se tivesse ouvido o conselho do duque, pouparia o coração de tantas decepções. O que tanto a incomodava? Que Thomas acedesse em tê-la como amante e parceira nos negócios era o primeiro passo, uma grande vitória. Mas não poderia se dar por satisfeita com migalhas, queria mais. Assustou-se ao ver os braços de Lucy envolvendo-a e apertando-a como se quisesse esmagá-la.

— Como senti sua falta, minha querida. Lilleshall não é a mesma sem você.

Sorrindo, retribuiu o carinho e, quando se assustou, viu que o pai, John e Ann tinham se juntado ao abraço. Juntos seguiram para a biblioteca.

— Diga-me, John, como tem se saído? — Sarah perguntou curiosa.

— John? — perguntou Ann, brincalhona, não parecia a mesma. Estava corada, e quem a visse naquele instante duvidaria de que um dia estivera acamada. — Podemos dizer que nosso querido irmão tirou férias antes mesmo de começar a trabalhar.

— Estou observando. O segredo do sucesso é a observação — zombou, colocando os pés no colo de Ann.

— E você, minha filha, como tem passado? — o duque perguntou enquanto acariciava as mãos de Lucy.

— Estou bem, papai, sem muitas novidades.

Aquele não era o momento de contar sobre a reconciliação com o avô, embora soubesse que não demoraria muito para que lorde Baldwin comentasse com o duque.

— Sarah, seu pai precisa que você o acompanhe na próxima semana — Lucy se adiantou, seus olhos brilhavam, animada.

— Fui convidado para um jantar no Palácio de Buckingham e gostaria que me acompanhasse.

— Por que eu? Leve Ann, ela parece tão bem.

— Ann irá a Paris com Dr. Anthony — Sarah ouviu e olhou curiosa para irmã. — Vão procurar um especialista, ele alega que sua irmã está curada e quer que um colega a veja para se certificar.

— Vai a Paris com seu médico? — perguntou em um tom de deboche e Ann piscou para irmã, num pedido silencioso de discrição.

— Dr. Anthony é um homem muito distinto e John irá acompanhá-los.

— Daria tudo que tenho para ver John tomando conta de alguém.

A conversa seguiu animada. Sarah ouviu Ann confessar seu interesse pelo médico em segredo. O duque de Sutherland estava radiante com a presença da filha mais nova. Com a promessa de se encontrarem no dia seguinte, antes que os irmãos partissem, Sarah voltou para casa no fim da tarde.

Não se sentia disposta quando chegou a casa. Desejando um pouco de privacidade, seguiu para a biblioteca. Escolheu um livro de poesias e se deitou no sofá.

— Lorde Granville estava preocupado com você. Ele a achou abatida no banco, hoje.

— Não é nada. Devem ser os calores femininos. — Sem olhá-lo, permaneceu concentrada no livro.

— Estive em Hervey House, minha mãe insistiu para que jantássemos lá esta noite, pediu que levasse a Srta. Delage. — Thomas se sentou no sofá e começou a massagear os tornozelos da esposa.

— Tudo bem, podemos ir. David sabe que Marie foi convidada?

— Ele estava lá, quase engasgou com o pedido da marquesa. — Retirou os sapatos de Sarah e subiu as mãos por debaixo do vestido. — O que foi?

— Só estou um pouco indisposta, receio que os bolinhos de nata que comi na casa de meu pai não me tenham feito bem.

— Se quiser, posso mandar informar que não se sente bem.

— Estou bem, Thomas, já vai passar. Esse jantar é importante para Marie.

Ele se levantou e serviu um copo de conhaque. Ficou por alguns instantes andando de um lado para o outro.

— Quando estive lá esta tarde, meu pai queixou de falta de ar algumas vezes. Fiquei pensando que ele já não é tão jovem.

— Seu pai tem boa saúde.

— Eu sei, eu sei. — Sentou-se de frente para a esposa. — Deixei-me contar de que, se ele morresse, partiria sem saber que sempre repudiei sua conduta e ideais. Talvez tenha chegado o momento de contar a ele sobre minhas intenções.

— Vai dizer ao marquês que tem a intenção de ocupar a Câmara dos Comuns e não a dos Lordes? — Ela se sentou e sentiu um leve enjoo.

— Você está pálida.

— Estou bem. — Balançou a mão no ar. — Acha que está preparado para o embate? Já pensou na possibilidade de ser deserdado?

— Não precisamos do dinheiro dele, nunca quis um título. Esperei toda a minha vida por esse momento e agora me sinto pronto. Sei que, com você ao meu lado, tudo ficará mais fácil.

Por mais que se ressentisse com o marido, não podia negar que faria tudo por ele. Vê-lo tão aberto, confidenciando seus tormentos, fez com que ela se esquecesse de todo ressentimento. Sarah sorriu e acariciou-lhe a face.

— Sempre estarei ao seu lado, meu amor.

Thomas fechou os olhos, desfrutando daquele carinho. Ouvi-la chamá-lo daquela maneira despertava todos os sentimentos por que lutara. Ele se inclinou para beijá-la, mas Sarah fez uma careta e se afastou, deixando a biblioteca a passos largos.

Meu deus, aquele bolinho estava mesmo estragado. Respirando fundo, cheirou alguns saís que Lucy havia lhe dado quando se sentira mal na casa do pai. Chamou Isla para ajudá-la a se vestir. Depois de uma hora, já estava pronta e se sentia muito melhor.

— Ainda está indisposta? — Thomas acariciava sua mão dentro da carruagem, a caminho de Hervey House.

— Foi só um mal passageiro, querido. Está nervoso?

Ele ignorou a pergunta, mas Sarah sentia suas mãos suando sobre as dela.

Na casa do marquês, lorde George Hervey estava sentado no sofá, sem gravata e com o colarinho aberto. David estava visivelmente tenso e, quando Sarah se aproximou, puxou-a para um canto.

— Precisa informar a minha mãe que Marie não vem.

— Mas por quê?

— Ela se negou a vir. Sinto-me aliviado. — Olhou para o pai jogado no sofá. — Receio que um jantar nesta casa possa assustá-la.

— Devo me preocupar com isso? — perguntou em um tom de brincadeira.

— Você sabe se defender, Sarah. Não posso expor Marie a isso.

Quando se afastaram, a marquesa perguntou, animada, pela Srta. Delage. Sarah inventou uma desculpa informando que a amiga havia viajado com o irmão para Hampshire. Joana pareceu extremamente decepcionada com a ausência da convidada. O marquês continuava quieto, bebericando seu uísque.

Aquele encontro familiar era um tanto quanto peculiar, Sarah pensou. Ninguém conversava, havia uma tensão no ar. Nem mesmo sua tia, que sempre fingira tolerá-la, fazia o menor esforço. Percebeu que o marido estava inquieto e temeu que aquele não fosse um bom momento para que ele revelasse ao pai suas intenções. Parecendo ler seus pensamentos, ele a olhou, como se buscasse coragem. Ela deu um sorriso fraco e Thomas logo rompeu o silêncio.

— Bem, já que estamos em família. Gostaria de aproveitar a oportunidade para fazer um comunicado — Thomas anunciou chamando a atenção do pai.

— Espero que não seja alguma ideia tola sobre modernização — rosnou o marquês.

— Tenho a intenção de me candidatar a uma cadeira na Câmara dos Comuns.

O silêncio pairou. Sarah voltou a atenção para o marquês, que ergueu o tronco com a boca aberta, enquanto fuzilava o filho com os punhos cerrados.

— Como ousa fazer uma piada tão infame como essa? — George tentou se levantar, mas parecia fraco e caiu novamente no sofá.

— Não é piada. Nunca falei tão sério em toda a minha vida.

Joana observava o marido a distância; parecia tensa, mas seus olhos não perdiam nenhum movimento. O marquês levava a mão à glote, parecia sem ar. Thomas se mantinha impassível, obstinado em

terminar aquela conversa, e David permanecia no canto da sala, observando como um cão de caça, esperando a hora de agir.

— Suma de minha casa. — O marquês estava vermelho, tossiu tentando reencontrar a voz. — Deserdarei você.

Sarah se colocou ao lado do marido, que permanecia no centro da sala. Thomas, percebendo que o pai não estava bem, aproximou-se para ajudá-lo. George, furioso, encarava o filho e, assim que Thomas se aproximou, empurrou-o, reunindo todas as forças que lhe restavam.

— Saia daqui.

Thomas estava relutante em deixá-lo, foi tomado por uma onda de arrependimento. Sem saber como agir, sentiu uma mão delicada tocando a sua. David já estava ao lado do marquês, que respirava ofegante.

— Vá, eu cuido dele — pediu ao irmão.

Sarah tomou o marido pelo braço e juntos deixaram Hervey House. No caminho de casa, ele permaneceu quieto, com os olhos fixos na janela.

Quando chegaram em Groove House, ela pediu que Audrey trouxesse algo para comerem. Thomas permanecia atônito, sentado na cama, enquanto Sarah retirava-lhe os sapatos.

— Eu sinto tanto, meu amor. Tenho certeza de que ele ficará bem.

— Sinto-me livre, apesar das circunstâncias. — Suspirou e a olhou pela primeira vez desde que saíram de Hervey House. — Passei tanto tempo querendo dizer a ele — segurou as mãos da esposa —, é como se eu tivesse arrancado correntes dos pés. Mesmo sem o título, mesmo sem a herança vou poder ser eu mesmo. Obrigado por estar ao meu lado. — Abraçou-a, acariciando seus cabelos.

Isla entrou no quarto carregando uma bandeja. O cheiro fez embrulhar o estômago de Sarah, que correu para o banheiro. Thomas a ajudou. Foi atencioso, mas não conversaram mais sobre o ocorrido. Ela respeitou a reclusão do marido, ainda se sentia tensa pela discussão que presenciara.

Dormiram juntos, abraçados. Thomas velou o sono da esposa enquanto tentava colocar a cabeça no lugar. Não fora sua intenção deixar o pai naquele estado, não o odiava, não como imaginava. Era somente indiferença. Suspirou aliviado ao pensar que passaria a vida sem o peso de um título e longe das cobranças do pai.

Entregaria o coração a Sarah. Que tolíce, seu coração já lhe pertencia. Diante dessa constatação teve a certeza de que aquele seria o começo de uma nova vida.

— Senhor. — Audrey dava pequenas batidas no ombro do patrão, que dormia profundamente, com os braços envoltos na cintura de Sarah. — Lorde Hervey.

— Hummm — Sarah abriu os olhos e se assustou. — O que houve?

— Um recado urgente de Hervey House.

— Thomas — ela o chamou com carinho. — Acorde, meu amor.

Thomas sentou na cama, tentando se orientar. Sarah se cobriu, ansiosa para saber o que havia acontecido.

— Lamento muito, senhor, mas seu pai não resistiu. — Com uma reverência contida, o valete fez menção de deixar o quarto, mas, antes de atravessar a porta, informou. — Estarei aqui fora aguardando suas ordens, milorde.

Thomas permaneceu sentado na cama, olhando para o nada. Sara acariciou o braço desnudo sem saber o que fazer. Um soluço seco rompeu o silêncio e ele se encolheu no colo dela como um menino.

— Foi minha culpa, eu o matei — chorava baixinho, enterrando o rosto nas pernas da esposa. — Eu não tinha esse direito.

— Não foi sua culpa, meu amor. — Sarah acariciou-lhe os cabelos. — Ele já não estava se sentindo bem quando chegamos.

— Eu não devia ter dito nada, foi minha culpa...

Sarah o acalentou até que Thomas caísse em exaustão. Levantou-se quando percebeu que o marido dormia profundamente, enrolado em suas pernas. Tomando cuidado para não o acordar, saiu do quarto sem fazer barulho e encontrou Audrey e Isla no corredor.

— Lorde Hervey está descansando.

— Senhora, lorde David Hervey mandou um recado pedindo que lorde Thomas Hervey providenciasse o funeral. Ele está ocupado em Hervey House.

— Mande chamar o agente funerário, eu resolverei tudo — falou determinada. — Isla, acorde Sra. Pattel e Earnest. Precisamos cobrir os espelhos e parar os relógios. Quero todos os funcionários de Groove House com uma tarja preta no braço.

— Sim, milady. Posso ajudá-la a se trocar?

— Pegue um traje escuro e leve até o quarto que eu estava ocupando durante a reforma. Não faça barulho, para não acordar Thomas, ele precisa descansar. — Virou-se para o valete do marido. — Audrey, depois que resolver o que for necessário, mantenha-se aqui na porta; quando lorde Hervey acordar, quero ser avisada imediatamente.

— Lady Hervey, receio que não tenha nada apropriado para usar.

— Temos que providenciar. Separe qualquer coisa para que eu possa receber o agente funerário. Escreverei uma nota a David; peça, por favor, que a entreguem em Hervey House.

A variedade de produtos oferecidos pelo agente funerário era assustadora. Com a ajuda de Earnest, Sarah contratou o cortejo, solicitou a remoção do corpo e encomendou um vestido preto. Mandou confeccionar um medalhão com os cabelos de George para Joana.

Apesar de não nutrir qualquer tipo de afeição pelo sogro, sentia-se triste com a situação. Nunca se imaginou tendo que tratar de assuntos tão mórbidos, mas Thomas precisava dela. Quando Pia lhe trouxe chá com bolinhos, o estômago de Sarah embrulhou novamente.

— Meu Deus, minha querida, você está grávida! — Sra. Pattel disse com lágrimas nos olhos.

— Não pode ser, Pia. Faz dois meses que me casei.
— Claro que pode ser, minha menina. Tem todos os sintomas.
— Por favor, vamos guardar essa notícia para um momento mais apropriado — pediu ainda atordoada com a novidade.

Sarah seguiu para o quarto e se deitou ao lado do marido. Ainda se sentia indisposta. Tocou o ventre pensando no filho que crescia ali. Thomas se remexeu e a abraçou.

— Não podia me deixar dormir, preciso providenciar o funeral.
— Já está tudo acertado, meu amor. O corpo será removido e o cortejo acontecerá amanhã, às nove horas. A única coisa de que preciso é que dê uma olhada na lista que fiz para o envio dos cartões. Temo ter me esquecido de alguém.

— Obrigado. — Aconchegou-se nos braços de Sarah, sem coragem de levantar.

Sentia a cabeça pesada, e o corpo parecia não obedecer. Temia nunca voltar a se sentir como antes. Fora responsável pela morte do próprio pai. Sarah era um anjo, a luz que iluminava sua vida vazia e amaldiçoada. Aos poucos ocupava lugares tão profundos, que ele tinha a sensação de que ela já havia lhe tomado a alma. Era o bálsamo para seu sofrimento, dava-lhe forças para não fraquejar.

Capítulo XIV

O funeral aconteceu na Catedral de [St. Paul's](#). Na hora do enterro, Joana foi levada por lorde Granville, que sustentava um tom austero. Thomas não soltou Sarah, o que, decerto, era inapropriado, fazendo com que algumas pessoas os observassem em demasia.

No fim da cerimônia, David parecia exausto e Sarah o aconselhou a ir para casa e descansar um pouco. Lorde Granville saiu acompanhado de Joana discretamente. Sarah e Thomas seguiram para Groove House. Logo que chegaram a casa, ele se dirigiu para o escritório e ela o acompanhou.

Sarah observava o marido, cabisbaixo, próximo ao aparador.

— Nunca conseguirei me perdoar. — Thomas virava o terceiro copo de conhaque.

— Meu amor — ela o abraçou por trás —, você mesmo disse que se sentia leve por contar a ele, acredito que foi sua última oportunidade. Seu pai não estava se sentindo bem. David ficou de vir aqui amanhã e contar sobre a causa da morte do marquês.

— David agora será o marquês de Bristol. — Sorriu com amargura.

— Não diga bobagem, Thomas. Seu pai jamais o deserdaria, mesmo se tivesse a vida toda para isso. — Ficou de frente para o marido e desfez o nó da gravata dele. — Posso preparar algo para você comer?

— Não. — Ele a agarrou. — Não me deixe sozinho, preciso de você. Vamos para o quarto, quero encontrar consolo em seu corpo, preciso ouvir seus gemidos enquanto se entrega a mim.

Thomas a pegou no colo e a levou para o quarto. Trancou as portas e, dando-lhe pequenos beijos, desabotoou o vestido e a ajudou com o espartilho. Quando Sarah estava nua, deu um passo atrás para poder contemplá-la.

— Você é linda. — Ela corou desajeitada e olhou para os pés. — Quando está assim, frágil, meiga e pronta para mim, tenho a certeza

de que me casar com você foi a melhor coisa que fiz na vida.

Sarah sorriu e se aproximou. Com os dedos trêmulos, começou a retirar a camisa do marido.

— Quando me olha dessa maneira, sinto-me tonta. Nunca sei como agir, e o que mais quero é agradá-lo.

— Você me agrada. — Beijou-lhe o pescoço. — Sempre. Vou beijar e reverenciar cada parte de seu corpo.

Naquela tarde Thomas cumpriu sua promessa, amou Sarah como nunca havia feito antes. Não era só desejo e ela sentiu. Viu amor em seus olhos, no toque, nos pequenos gestos. Ela o tinha, pertenciam um ao outro.

Estar nos braços de Sarah era a cura para seu sofrimento, ela era a esperança de uma nova vida. Como fora tolo fugindo. Passara tanto tempo acreditando que sentimentos eram uma maldição, tentando escapar das armadilhas do coração, que não se dera conta do bem que lhe fazia. Se o amor fosse uma droga que o viciasse e lhe arrancasse a alma, já não importava, contanto que estivesse nos braços de Sarah. Apesar da culpa pela morte do pai, a qual carregaria para o resto da vida, bastava um toque dela para que tudo se dissipasse.

Não tinha a intenção de sair do quarto naquele dia. Pediu o jantar para Audrey, fez a refeição na cama com a esposa, sua mulher, a mulher que lhe daria uma família e a promessa de felicidade eterna. *Ele a amava.*

Sarah deixou o quarto sem fazer barulho, Thomas estava adormecido, exausto. Fora a melhor noite de sua vida. Apesar das circunstâncias, ele se entregara, sussurrara palavras doces ao seu ouvido, era muito mais do que ela podia querer. Faminta, seguiu para sala de jantar e serviu uma generosa porção de presunto.

— O conde de Snowdon quer vê-la, milady. — Earnest fez uma reverência exagerada.

Levou o guardanapo aos lábios e foi até a sala, ao encontro do avô. Willian estava abatido, com os ombros caídos e, quando a viu, abraçou-a.

— Onde está Thomas, minha querida? Não trago boas notícias.

— Ele está descansando, vovô. Está instável, às vezes chora como uma criança. Sente-se culpado pela morte do pai.

Willian pediu-lhe que o acompanhasse em um passeio pelo jardim. De braços dados, caminharam entre os canteiros de lavanda.

— Sempre achei que não cabia a mim lhe contar, afastei-me de você por me sentir um covarde ao privá-la da verdade. Não posso lhe dizer tudo, mas há algo horrível que precisa saber.

Sarah percebeu que o avô chorava e o ajudou a se sentar em um dos bancos.

— David virá revelar a Thomas a causa da morte de George. Mas não consegui pregar o olho, você merece saber a verdade. — O velho ergueu o tronco e respirou fundo. — Sempre acreditei no amor, conheci minha Sarah e me encantei por ela. Queria que minhas filhas tivessem a mesma oportunidade, mas falhei. Julliet sempre foi meiga, doce e nunca se interessou por nenhum rapaz; já Joana sempre teve um gênio ruim, invejava os pretendentes da irmã.

Eu tinha duas filhas solteiras, uma com dezoito e a outra com vinte. Quando seu pai demonstrou algum interesse por Julliet, Joana colocou na cabeça que seria a duquesa de Sutherland. Sempre foi assim, sempre invejou tudo o que a irmã tinha. Ela seduziu Augustus. Sei que seu pai não é santo, mas não tenho como negar que é um homem honrado e que jamais tiraria a virtude de uma dama solteira. Soube que ela o embebedou naquela noite. — Parou por um instante, parecia estar revivendo momentos desagradáveis. Sarah esperou que ele continuasse. — Joana engravidou, mas seu pai não demonstrava qualquer interesse por ela, de modo que não pude obrigá-lo a se casar. Foi então que a minha doce Julliet se ofereceu para casar-se com ele e assumir a filha que Joana carregava no ventre. Arruinada um ano depois, a mais velha se viu obrigada a casar com George, que era quase vinte anos mais velho que ela.

— Está me dizendo que Ann é irmã de Thomas?

— Exatamente, minha filha. Quando você completou treze anos, Thomas me informou que estava apaixonado por Ann; eu não podia permitir aquilo. George nunca soube a verdade e para ele a união entre as duas famílias pareceu bastante oportuna. Então tive a ideia do acordo de casamento entre vocês.

— Eu estava conversando com meu pai quando Thomas chegou para falar com ele. Logo depois o senhor entrou...

— Fui correndo tentando impedir, embora saiba que seu pai não permitiria. Thomas informou a Augustus sobre seus sentimentos e da intenção de se casar com Ann. Não me restou nada a não ser contar-lhe a verdade. Por isso seu marido age dessa maneira, ele tem aversão ao amor porque, na única vez que se permitiu a amar, descobriu que estava apaixonado pela própria irmã. — Sarah engoliu em seco e levou as mãos ao rosto. — Mesmo de longe, sempre a admirei, Sarah. Ouvia dizerem que você estava sempre entre os cavalheiros, discutindo política. E, apesar de muitas vezes ter me arrependido de a ter colocado em sacrifício, soube que seria a única mulher capaz de libertar Thomas.

— Está enganado, vovô, nunca irei libertá-lo de nada. Não o julgo, na verdade não sei o que pensar.

— George nunca foi um bom marido, talvez o castigo merecido para Joana por toda crueldade que fez. Sua tia não se conformou com o casamento da irmã, muito menos com o próprio casamento. Envenenou minha pequena Juliet por anos, mantendo-a na cama. — Willian chorava, atropelando as palavras. — Certo dia a obrigou a tomar uma alta dose de láudano. Foi Joana quem matou minha pequena Juliet e agora ela matou o próprio marido.

Sarah pensava que nada pudesse ser mais avassalador do que saber que o marido se apaixonara por Ann, mas, ao ouvir que Joana fora a responsável pela morte de Juliet, algo dentro dela se rompeu. Não pudera conhecer a mãe, e a culpada era sua própria tia.

— Ela precisa pagar pelos crimes que cometeu — falou com a voz trêmula.

— Joana foi mandada para a Escócia, nunca mais pisará na Inglaterra. Eu mesmo cuidei de tudo. Descobrimos ontem que o

médico da família foi seu cúmplice, mantendo Juliet e Ann na cama por tanto tempo.

— Isso é horrível, assustador. — Por mais que seus olhos ardessem não conseguia chorar.

— Agora que sabe dessa história, está livre, minha querida.

— Meu pai...

— Estive com ele ontem, informei que lhe contaria. Não suportaria esconder isso de você.

Ela abraçou o avô e permitiu que as lágrimas caíssem. Atordoada, tentava processar tudo o que tinha ouvido naquele momento; diante daquelas informações sua vida mudara. Já não sabia mais o que sentia.

Não conseguiria ficar em casa, deixou o avô no jardim e seguiu para Anson House. Não queria discutir aquele assunto com o pai, não naquele momento, mas precisava sair dali, precisava ficar longe de Thomas e de toda a imundice daquela história.

Como fora tola ao iludir-se, ao acreditar que Thomas um dia a amaria. Estava ali, bem diante de seus olhos, o amor e a devoção que seu marido dedicava a Ann. Dera-se por satisfeita ao saber que a irmã não nutria sentimentos por Thomas, mas e ele? Ela não havia pensado nisso; deixara que o amor a cegasse, que a iludisse e arrastasse para o mais profundo sofrimento.

Sentia-se sozinha mais uma vez, não podia contar com ninguém. Ninguém entenderia o vazio que a tomava. Deixou que as lágrimas vertessem; talvez limpassem o sofrimento que a acometia.

A carruagem parou em frente a Anson House. Sarah respirou algumas vezes, criando coragem para entrar. Um laçao abriu a porta e ela, enquanto decidia se descia ou não, viu Edward saindo da casa.

— Sarah, o que houve? — Ele estendeu a mão para ajudá-la a descer, mas ela permaneceu parada.

— Não devia ter vindo. — Voltou a se sentar, cobrindo o rosto com as mãos.

— Espere, deixe-me ajudá-la. — Entrou e se sentou. — Podemos dar uma volta?

Sarah assentiu e ele pediu ao cocheiro que colocasse a carruagem em movimento. Sentado de frente para ela, Edward a analisava com cuidado.

— Não queria ficar em casa, mas não devia ter vindo até aqui... Não sabia para onde ir. Sinto-me tão perdida, tão sozinha...

— Não está sozinha, Sarah. Estou aqui — falou baixinho tocando-lhe as mãos. — Diga-me, deixe-me ajudá-la.

Sarah ponderou por alguns instantes, mesmo que quisesse manter o silêncio, não conseguiria. Era como se as palavras estivessem entaladas, prontas para sair.

— Sinto que todos os meus sonhos foram arrancados de mim. Tudo perdeu o sentido, é como se eu nunca tivesse existido.

— Sarah. — Tirou uma mecha que caía em seu rosto. — Não diga isso.

— Sempre acreditei no amor e agora vejo que não passa de uma grande tolice. — Enxugou os olhos e tentou se recompor.

— Não diminua seus sentimentos, minha querida. Mesmo sem saber o que está acontecendo posso lhe garantir que o amor não é uma tolice. É um sentimento puro, altruísta, que nos faz verdadeiramente nobres.

— Não devia estar lhe dizendo essas coisas. — Respirou fundo.

— Pode me dizer tudo o que quiser. — Tirou um pequeno cantil do bolso e lhe ofereceu. — Disse-me que se sente perdida, que se sente vazia. Se pudesse recomeçar, fazer o que quisesse agora, o que faria?

— Sem restrições? Somente suposições?

— Do jeito que quiser... — Sorriu encorajando-a.

— Estaria no seu lugar, prestes a me tornar a Primeira-ministra do Reino Unido. Talvez ficasse no cargo por um ou dois mandatos, depois me dedicaria à vida no campo.

— Por que por tão pouco tempo?

— Somente o tempo suficiente para fazer a diferença. — Sorriu com amargura. — Gosto de trabalhar, de produzir, não é uma fuga como sempre pensei, é um pedaço de mim.

— Acho que deveria aceitar minha proposta, jamais recusaria qualquer conselho seu.

— Posso ter ideias tolas. — Já estava sorrindo, sentia-se leve.

— Eu não permitiria, estaríamos juntos, um do lado do outro.

— Sou uma mulher casada, Edward.

— Não imagina o quanto lamento; se eu tivesse ao menos a oportunidade de cortejá-la, jamais desdenharia do amor. — Acariciou-lhe a face. — Desculpe, mas não consigo parar de pensar em você.

— Acho melhor voltarmos. — Ajeitou-se no banco, desviando o olhar.

Edward bateu no teto acolchoado e tomou a mão de Sarah.

— Nós nos veremos em breve, Primeira-ministra. — Beijou-lhe a mão demoradamente e saltou assim que a carruagem parou.

Sarah suspirou tentando colocar os pensamentos em ordem. Informou ao cocheiro que voltariam a Groove House. Estava na hora de encarar o marido e colocar para fora tudo o que a atormentava.

— Ela o matou assim como fez com a tia Juliet. Não foi sua culpa. — David bateu no ombro do irmão. — Vovô a mandou para Edimburgo, deixou claro que ela nunca mais colocará os pés na Inglaterra. Sei que parece cruel, mas agora estamos livres.

Livre, era exatamente como se sentia. Não fora culpado pela morte do próprio pai e não teria que conviver com a mãe. Era um pensamento cruel, mas verdadeiro. Joana nunca amara os filhos, na verdade nunca amara ninguém. Era uma mulher fria, calculista, que agia de acordo com os próprios interesses.

Desde que soubera que Ann era sua irmã, Thomas mal falara com a mãe. Suportava sua presença assim como tolerava o pai. Virou-se para o irmão; David estava abatido, mas de alguma forma lia-se alívio em seus olhos.

— É o marquês de Bristol agora. — Thomas falou, batendo no braço do irmão. — Ele me deserdou.

— Não diga uma tolice dessas. Ele não teve tempo de cumprir a ameaça e duvido que o faria. Você é o herdeiro e, ao lado de Sarah, colocará Suffolk e todas as propriedades em ordem. Eu jamais aceitaria esse título.

Thomas se recostou à cadeira, pensando na ironia dos fatos.

— Agora ocupo uma cadeira na Câmara dos Lordes — declarou com sarcasmo.

— Você nunca quis ser um político do povo, Thomas. Essa foi a maneira que encontrou de se vingar das crueldades que viveu. — Caminhou até a janela. — Joana estava machucada, achei que ele já não a espancava, mas suas costas estavam em carne viva.

— Era uma relação doentia. Aquela casa era doentia, quantas vezes apanhamos até...

— Temos a chance de fazer diferente, meu irmão — interrompeu-o a fim de desviar os pensamentos do irmão. — Tem uma mulher maravilhosa ao seu lado. Sarah é...

— Eu a amo — repetiu as palavras saboreando. — Amo Sarah. — Sorriu ao perceber quão leve se sentia. — Tentei fugir, tentei me punir, mas não posso mais negar. Ela é um pedaço de mim.

— Então a faça feliz.

David esperou que o irmão se levantasse e o abraçou, dando pequenos tapinhas em suas costas. Thomas foi tomado por uma onda de alívio, saber que não fora o responsável pela morte do pai e que nunca mais voltaria a ver a mãe tirara-lhe um peso das costas, mas confessar seus sentimentos por Sarah em voz alta fora libertador.

Capítulo XV

Thomas contemplava a escultura que havia encomendado. Vênus de Milo com os traços de Sarah. Tão linda. Ao ouvir o som dos cascos dos cavalos se aproximando, levantou-se. Sarah desceu da carruagem sem olhá-lo. Ele viu que ela caminhava em direção ao lago e a seguiu.

— Onde esteve, querida? — Tocou-lhe o ombro fazendo com que ela se virasse bruscamente.

— Por que não me disse? — perguntou ríspidamente e Thomas pareceu confuso. — Lorde Granville me contou tudo.

— Meu amor. — Ele se aproximou para abraçá-la.

— Não me chame assim, não sou Ann — cuspiu as palavras e deu um passo atrás. — Achou que poderia me usar? Achou que meu amor resistiria ao saber que se deitava comigo pensando na minha irmã? Na nossa irmã. Não tinha o direito de me usar daquela maneira, sussurrar palavras doces, seduzir-me, brincar com meus sentimentos enquanto pensava na própria irmã.

— Não diga isso. — Estava consternado, como ela podia pensar aquilo?

— O que quer que eu diga? Que me iludi sentindo-me amada? Que não chorei a cada vez que se afastou só porque eu não era tímida ou doce como Ann? Poupe-me do seu discurso, Thomas. Não teve culpa de se apaixonar por Ann sem saber que ela era sua irmã, mas foi cruel quando usou meu corpo para satisfazer os desejos que sentia por ela.

— Não foi isso. — Tentou se aproximar, mas ela o impediu. — Acredite em mim.

— Eu acredito, não vou me esquecer que você é um completo idiota que precisa de mim nos negócios. A proposta que lhe fiz era tudo que sempre quis, não era?

— Sarah...

— Não sou como sua mãe, não mataria minha irmã por um homem. Você não merece nada de mim, Thomas. Passarei o resto da vida tentando arrancar de mim o amor que sinto por você. Nunca mais me terá como amante.

— E os negócios? E nós?

— Não existe nós, nunca existiu. Quanto aos negócios, fique tranquilo, não deixaria em suas mãos.

Thomas a viu partir. Estava arruinado. Se ao menos pudesse se explicar, se conseguisse traduzir em palavras o que sentia, como seus sentimentos tinham se transformado. Nunca se deitara com Sarah pensando na irmã. Quando soube que ele e Ann eram irmãos, sentiu-se sujo, teve asco de si mesmo, mas nunca alimentara a paixão que sentia, aquele sentimento se transformara em algo fraternal, protetor. A maneira que encontrou de se punir foi não se permitindo amar novamente.

Mas Sarah havia conquistado seu coração, não eram suas formas, muito menos seu talento para os negócios. Era seu sorriso doce, seu cheiro, o balançar da mão no alto, a boca entreaberta quando dormia, o nariz empinado enquanto discutia, era como podia ser ousada e tímida ao mesmo tempo, era tudo. Amava tudo nela, defeitos e qualidades.

Não suportaria a ideia de perdê-la, precisava de ajuda para reverter aquela situação. Enviou um recado ao avô convidando-o para jantar naquela noite.

Sarah estava deitada no colo de Pia, que lhe acariciava os cabelos. Encontrava-se no quarto de hóspedes. Após discutir com o marido, chamara a velha funcionária da família, que confirmara toda a história. Antes de ser cozinheira dos Anson, a Sra. Pattel fora camareira da mãe de Sarah; foram confidentes.

— Juliet sempre amou os filhos como se fossem dela.

— Os filhos?

— Quis dizer que nunca fez nenhuma distinção entre vocês — tentou consertar as palavras.

— Ah, Pia, como é cruel toda essa história. Estive na casa do meu pai, mas não entrei, não me sinto preparada para essa conversa. Quando Ann descobrir...

— Ela sabe, todos sabem.

— Então fui a única enganada — bufou.

— Seu pai sempre quis preservá-la, minha querida. Lucy estava apreensiva em seu debute, queria que o duque lhe dissesse toda a verdade, mas Ann estava tão bem.

— Foi por isso que veio comigo?

— Eu e Lucy conversamos. Precisava de alguém do seu lado, sempre foi tão próxima de seus irmãos de sua família. Temíamos que se sentisse sozinha.

— Sinto-me sozinha, Pia. Sinto-me usada, uma tola.

— Com o tempo tudo se ajeitará.

— Estou farta de esperar pelo tempo. — Levantou-se bruscamente. — O que Thomas fez comigo foi tão cruel.

— Não posso julgar os sentimentos de lorde Hervey.

— Mas eu posso, vi meu marido se afastando cada vez que eu falava sobre amor, ele se escondeu de mim, ele me usou... — Suspirou e se levantou. — Vou ficar neste quarto, maldita a hora que arranquei aquela porta. — Levantou-se exasperada. — Peça para trazer meu jantar, não vou descer.

— Lorde Hervey convidou o conde de Snowdon para jantar. É a marquesa agora, precisa agir como tal. Vista sua melhor roupa, coloque os sentimentos no bolso e mostre para seu marido a dama que é.

— Não tenho a intenção de impressioná-lo.

— Não é para impressioná-lo, querida. Se Thomas fez tudo o que você imagina, não dê a ele o gosto de vê-la derrotada. É um exemplo nesta casa, precisamos de você.

Sarah sorriu com amargura e tocou o rosto da governanta.

— Farei isso pelos criados, e não por Thomas.

O jantar corria em silêncio. Sarah contava os pratos, ansiando o fim da noite. Percebeu os olhares de lorde Granville e quebrou o silêncio constrangedor:

— Vovô, quando conseguir cobrar a dívida, entregue as terras de Manchester a Thomas. — Tenho certeza de que ele fará um bom uso delas.

— Prometeu que iria comigo. — Thomas falou cauteloso.

— Não poderei, preciso dedicar meu tempo à tecelagem e fui convidada para ser a conselheira do futuro primeiro-ministro.

— Edward Baldwin? Não pode ajudá-lo, sou seu marido e preciso de você.

Lorde Granville permanecia calado, observando a discussão do casal.

— Pelo que sei, estará ocupado na Câmara dos Lordes e, pelo que me lembro, deixou bem claro que não permitiria minha interferência em sua vida política.

— Sarah...

— Já chega. — Willian bateu com os punhos na mesa. — Não me chamaram aqui para ouvir vocês discutindo.

— Desculpe, vovô. — Sarah remexeu a comida no prato. — Seria muito deselegante de minha parte se me recolhesse? Não me sinto bem.

— De maneira alguma, querida — consentiu e se surpreendeu quando ela lhe beijou a face. — Estimo sua melhora.

Thomas observou sua mulher deixar a sala, apoiou-se sobre os cotovelos, passando as mãos pelos cabelos.

— O que está acontecendo? — perguntou Willian.

— Sarah acha que ainda amo Ann. Disse que me deito com ela enquanto penso em minha irmã.

— E isso é verdade?

— Por Deus! Não! Preciso encontrar uma maneira de dizer a ela o quanto a amo, mas ela não quer me ouvir e, mesmo que eu dissesse, Sarah não acreditaria.

— Amor não se diz Thomas, mostra-se nos pequenos gestos. — Willian verificou se estavam sozinhos. — Existe alguma possibilidade

de Sarah estar grávida? Tenho notado que ela se indis põe com frequência.

— Se estivesse carregando um filho meu, ela me diria.

— Receio que não esteja observando sua mulher como deveria. Gostaria de alertá-lo de que as mulheres gostam de ser observadas, mimadas e Edward Baldwin tem dedicado seu tempo em observar sua mulher.

— Por que está dizendo isso?

— Estivemos na casa dos Baldwin, numa *soirée*; Edward aprecia sua esposa como um homem que tem a intenção de demonstrar o seu amor.

Thomas engoliu em seco, sabia que a esposa era uma mulher atraente, inteligente, desejável. Edward Baldwin lhe oferecera o cargo que ela sempre desejara e, discretamente, cortejava-a. Não o impediria, nada poderia fazer se Sarah o quisesse. Mas não desistiria dela. Usaria cada dia de sua vida para provar o amor que sentia.

A semana passou e Sarah se ocupou dia e noite, a fim de não pensar no marido. Ofereceu um chá para damas da alta sociedade, visitou a tecelagem, dedicou-se aos estudos sobre processos de produção. Queria desenvolver tecidos finos e para isso precisava procurar fornecedores.

Não se permitiu sofrer por Thomas, ele não merecia sua atenção, mal vira o marido naqueles dias. Apesar do luto, estava pronta para acompanhar o pai no jantar no Palácio de Buckingham, não poderia perder aquela oportunidade. Conferiu o relógio, estava adiantada, mas a ansiedade era tamanha que queria estar pronta e partir logo. Seria a primeira vez que veria a rainha Vitória de perto. Para Sarah, ela era um exemplo a seguir, admirava-a.

— Está linda — Thomas estava encostado ao batente da porta.

— Aonde vai?

— Meu pai foi convidado para um jantar com Sua Majestade e me pediu para acompanhá-lo.

Thomas a avaliou. Ela iria se encontrar com a rainha sem sua companhia. Parecia se divertir com isso. Não a deixaria pensar que a recriminava, precisava incentivá-la, ampará-la. Tamborilando os dedos na porta, lembrou-se de algo importante.

— Espere um momento — pediu, deixando o quarto.

Sarah ficou parada, olhando-o sem entender. Era uma reação estranha, entretanto ela se surpreendeu ainda mais quando ele voltou com um saco de veludo nas mãos.

— Comprei para você em Manchester, estava esperando uma oportunidade para presenteá-la. — Deslizou os dedos pelo pescoço dela, deixando-a arrepiada.

Sarah se afastou e, com um olhar cauteloso, Thomas lhe entregou um conjunto de colar e brincos de rubi.

— É lindo, obrigada. — Não queria encará-lo.

— Nenhuma joia jamais fará jus à sua beleza, meu amor.

— Por favor, não me chame assim — pediu e foi para o espelho para colocar os brincos.

Thomas a seguiu pelo reflexo e pediu, em silêncio, permissão para colocar nela a joia. Sarah assentiu e fechou os olhos quando sentiu os dedos esguios tocarem seu pescoço. Estremeceu quando ele finalizou dando-lhe um beijo na nuca.

— Sinto sua falta — sussurrou com a boca colada à pele exposta.

Uma onda de calor a invadiu, estar tão perto de Thomas era uma tentação, temia não conseguir resistir ao galanteio. Suas pernas falharam e inconscientemente, ela virou-se, encontrando os olhos do marido em chamas. *Ele a desejava*. Uma batida à porta a trouxe de volta à realidade.

— Senhora. — Isla fez uma reverência ao abrir a porta. — O duque de Sutherland a aguarda.

Sarah se afastou do marido, tentando se recompor. Ele a segurou pelo braço e beijou-lhe a face com ternura.

— Bom jantar, querida.

Na carruagem do pai, Sarah sentia-se atordoada pelo comportamento do marido. Mas não podia se perder em tais pensamentos. Ainda não conversara com o pai sobre o que descobrira. E não perderia aquela oportunidade.

— Lorde Granville me contou sobre Ann.

— Só sobre Ann? — o duque pareceu preocupado.

— Contou sobre os crimes de Joana. Há algo mais que eu deveria saber?

— Não.

— Por que me escondeu? Sabe o quanto esse segredo abalou meu casamento?

— Eu lhe dei a opção de não se casar. — Ele tamborilava os dedos sobre o assento da carruagem.

— Mas não me disse a verdade, como eu poderia tomar uma decisão sem saber dos fatos.

— Desistiria de se casar com Thomas se soubesse?

Ela se virou para a janela.

— Edward Baldwin declarou sua admiração por mim.

— Gosta dele?

— Os sentimentos dele parecem verdadeiros.

— Não respondeu minha pergunta.

— E que diferença faria, papai? Sou uma mulher casada.

— Se tiver sentimentos por ele, eu a apoiarei. Podemos encontrar uma maneira.

— Um escândalo?

— Que importa o escândalo? Melhor do que passar o resto da vida infeliz.

— Então por que não se casa com Lucy?

— Farei isso, Sarah, depois que casar todos os meus filhos transformarei a mulher da minha vida na marquesa de Sutherland.

Sarah sorriu e deitou a cabeça no ombro do pai.

— Não consigo ficar brava com você.

— Não consegue ficar brava com ninguém.
— Isso não é verdade. — Pensou no quanto Thomas a havia magoado.

Estar na residência oficial de Sua Majestade era uma emoção que jamais esqueceria. Toda a formalidade e a exuberância a deixava anestesiada. Sentado à sua frente, Edward a observava com sorrisos contidos. A rainha comia tão rápido que a troca de pratos era feita antes mesmo de terminá-los. A única coisa que Sarah lamentava era não poder saborear a refeição como gostaria.

Quando damas e cavalheiros finalmente se reuniram, depois dos protocolos do jantar, Edward se aproximou, acompanhado do príncipe Albert.

— Vossa Alteza. — Sarah fez em reverência, trêmula.

— Vossa Alteza, essa é a dama de que lhe falei. Lady Hervey, a marquesa de Bristol, é filha do duque de Sutherland.

— Lady Hervey. — O príncipe beijou sua mão e ela paralisou. — Os Baldwin não lhe poupam elogios.

— Têm um talento incomum para lisonjas — deixou escapar e logo se arrependeu.

— Aprecio damas espirituosas. — O olhar do príncipe estava na esposa. A rainha o fitava com carinho. — Soube que tem um dom inato para investimentos.

— Se foi lorde Baldwin quem lhe disse, peço que reconsidere. Sei que uma dama não pode se envolver em tais assuntos.

— Não seja modesta, lady Hervey — Edward provocou —, Vossa Alteza está acostumado com mulheres inteligentes.

— Jamais me compararia a Vossa Majestade.

Alfred olhou para Edward e sorriu, cúmplice. Sarah não imaginava que havia tanta proximidade entre eles.

— Edward me disse que a convidou para ser sua conselheira. — O príncipe parecia intrigado. — Se pudesse dar um único conselho a minha esposa, qual seria?

— Eu não me atreveria, Vossa Alteza.

— Por Favor, lady Hervey, estou realmente curioso.

— Se um dia tivesse sabedoria suficiente para aconselhar Vossa Majestade, diria que, diante da situação atual do Reino Unido, talvez fosse prudente convidar Edward Baldwin a montar um governo.

O príncipe deu um sorriso contido e tocou o braço de Edward.

— Talvez esteja subestimando sua sabedoria, lady Hervey. — O príncipe beijou-lhe a mão. — Se me derem licença.

Sarah observou Albert se afastar. Edward a olhava maravilhado.

— Diga-me, como seria possível não se apaixonar por você?

— Edward, por favor...

— Desculpe. Foi muito indelicado de minha parte.

Sarah se afastou e ficou ao lado do pai. Sentia-se pasma com tudo o que acontecera naquela noite, a aproximação de Thomas, a conversa com o príncipe e a declaração de Edward. Manteve a compostura e se concentrou na conversa do pai.

Sentada no escritório, observava o jardim pela janela. *Como se concentrar em qualquer coisa?* Não negaria que Edward era um homem atraente, a possibilidade de ser amada era tentadora. Mas não podia fazer com ele o que Thomas havia feito a ela. A cada vez que se deitasse com o amante, seria no marido que pensaria.

Ouviu uma leve batida à porta e se virou.

— Lorde Baldwin deseja vê-la, senhora — Earnest anunciou.

— Traga-o até aqui.

Ajeitou os papéis sobre a mesa e aguardou a entrada do velho amigo. Mas se surpreendeu ao ver Edward. Assustada com a visita inesperada, caminhou até ele.

— Pensei que fosse seu pai.

— Precisava vê-la. — Pegou as mãos de Sarah. — Fui chamado esta manhã. Sua Majestade me convidou para montar um governo.

— É o novo primeiro-ministro? — perguntou extasiada.

Ele assentiu com um sorriso contido. Sarah caminhou até a gaveta e retirou um pacote.

— Tome. — Entregou-lhe todas as dívidas da família Baldwin.

— O que é isso?

— Meu avô me presenteou com alguns títulos, dívidas antigas. Sua família não deve mais nada, Edward. As dívidas dos Baldwin pertencem a mim e não as cobrarei.

— Sarah... — Ele folheava os papéis emocionado —, é uma insanidade, isso a tornaria a mulher mais rica do Reino Unido.

— Talvez eu me torne com o meu próprio trabalho, não à custa do sofrimento dos outros.

Ele deixou os papéis sobre a mesa e tomou as mãos de Sarah novamente.

— Fuja comigo, sou capaz de largar tudo para passar o resto de minha vida ao seu lado.

Sarah paralisou, não esperava uma proposta como aquela. Deu um passo atrás.

— Estou grávida. — Acariciou o ventre.

— Cuidarei dessa criança como se fosse minha. Podemos ter vários filhos, seremos felizes...

— Não posso, Edward. Meu coração não lhe pertence e você merece alguém que o ame de verdade.

Ele baixou os olhos, desapontado, e deu alguns passos até a janela. Sarah respirou fundo, agradecendo a distância. Não tinha a intenção de magoá-lo e lamentava intimamente que, mesmo que inconscientemente, tivesse lhe dado esperanças.

— Diga-me, o que posso fazer para retribuir o que fez por minha família?

— Não precisa fazer nada, não se considere em dívida comigo.

— Parou por um instante pensativa. — Mas, se quiser me ver feliz, entregue a meu marido as terras de Manchester.

Edward assentiu e lhe entregou os títulos de posse. Aproximou e tentou beijar os lábios de Sarah, entretanto ela virou o rosto e, logo que os lábios lhe tocaram a face, afastou-se. Ele a olhou num silencioso pedido de desculpas.

— Não a decepcionarei como primeiro-ministro.

— Sei que não, fará a diferença.

Quando Thomas percebeu que Edward partiria, saiu de trás da porta. Seguiu até o corredor, tomado por uma onda de adrenalina. Queria socá-lo, esmagar a cara de Edward Baldwin, mas não podia negar que estava feliz com o desfecho da conversa. Respirou fundo, ainda tentando controlar os impulsos, mas a situação pedia cautela. Sarah se negara a abandoná-lo, ele seria pai, teria a própria família. Ela ainda o amava. As informações fervilhavam em sua mente.

Ao ser informado de que Edward estava ali para ver Sarah, sua intenção era participar da conversa. Mas se deteve, precisava dar a ela o direito de escolha. Fora prudente, não se arrependia.

Seguiu para o quarto, ansioso, precisava pensar em uma maneira de fazer a mulher acreditar em seu amor.

Capítulo XVI

Sarah estava na biblioteca quando foi informada de que tinha visitas. Quando chegou à sala, encontrou o avô, David e Marie. Thomas parecia relaxado, nunca o vira sentado de maneira tão informal. Ela cumprimentou a todos e se sentou em uma cadeira afastada. Pediu chá e observou a conversa.

— Soube que apresentou um projeto de lei que garante indenização aos trabalhadores acidentados. — Lorde Granville falou para Thomas. — Os industriais estão indignados.

Sarah o olhou com curiosidade.

— Certamente não será aprovada.

— *Monsieur le marquis ...* — Marie falou timidamente.

— Pode me chamar de Thomas, Srta. Delage, somos quase irmãos.

Marie sorriu e Sarah se viu cada vez mais espantada com aquela conversa.

— Gostaria de agradecer os documentos que providenciou para mim. Nunca poderei retribuir.

— Faça meu irmão feliz, essa é a melhor maneira de retribuir.

Dois lacaios entraram trazendo as bandejas de chá. Sarah se sentia em um teatro, assistindo a um espetáculo.

— Onde estão aqueles biscoitinhos? — Lorde Granville procurava na bandeja antes mesmo de os criados colocarem as guloseimas na mesa.

— Sarah não tem tido muito tempo, vovô — respondeu Thomas rapidamente. — Está empenhada nas pesquisas para aprimorar a produção da tecelagem. Tem pensado em investimentos na sericultura.

Como ele sabe?, perguntou-se ela.

Thomas se adiantou e serviu chá para a esposa.

— Sem açúcar e sem leite. — Fitou Sarah como se tentasse desvendar sua alma. — Limão?

— Sim, por favor.

Atordoada com o comportamento do marido, ela passou a mão pela nuca.

— Está se sentindo bem, meu amor?

— Estou bem, obrigada.

Alheia, observava todos conversarem animados e o marido exalando simpatia.

Sra. Pattel entrou carregando uma bandeja cheia de tortinhas de amora. Mas o pior estava por vir, quando o duque e Lucy chegassem. Sem entender, Sarah se levantou.

Earnest entrou carregando uma enorme caixa.

— Tenho um anúncio a fazer. — Thomas colocou as mãos na cintura da mulher, antes mesmo de os mais recentes convidados se acomodarem. — Sarah está grávida.

Um frenesi tomou a sala. Em meio a cumprimentos, Sarah se viu perdida. *Como ele sabe?* Olhou interrogativa para Pia, que estava no canto, sorrindo. Ela negou sorrindo.

Os homens tomavam brandy e fumavam charutos, enquanto ela permanecia sentada, sem dizer nenhuma palavra.

— Minha querida, lorde Baldwin oferecerá um baile para comemorar a posse de Edward — Lucy informou. — Deveria acompanhar seu pai.

— Ela irá comigo, Lucy. — Thomas pegou a mão da esposa e beijou-lhe os nós dos dedos. — Fazemos questão de parabenizar o primeiro-ministro, não é mesmo, meu amor?

Sarah olhou feio para o marido e se retirou. Estava no limite. *Como ele ousava agir daquela maneira?* Encenara deliberadamente na frente da família, fazendo-a de boba. Bateu a porta do quarto de hóspedes que estava ocupando, fazendo as paredes vibrarem. Arremessou as almofadas no chão.

Thomas pediu licença aos convidados, pegou a caixa nas mãos de Earnest e seguiu a esposa. No quarto, Sarah parecia furiosa, mas não podia recuar.

— Não abriu seu presente. — Deixou a caixa em cima da cama.

— Como soube? — perguntou com as mãos na cintura.

— Willian estava desconfiado, então, quando ouvi você contando...

— Ouviu minha conversa com Edward? — esbravejou.

— Aquele patife não sabe o quanto me controlei para não...

— É por isso — jogou-se na cama —, está tentando me agradar porque teme que eu aceite a proposta de Edward e fuja com ele.

— Não é isso. — Ele se ajoelhou. — Sarah...

— Você não tinha o direito de contar para todo mundo sem me comunicar.

— Desculpe. — Parecia arrependido.

— Por favor, deixe-me sozinha.

Thomas se levantou e caminhou até a porta. Antes de partir, olhou-a como se quisesse dizer alguma coisa. Precisaria de paciência, surpreendê-la não o havia favorecido, mas não desistiria. Faria tudo para que ficassem bem novamente.

Quando se viu sozinha, Sarah abriu a caixa. Uma manta bordada e sapatinhos combinando. Emocionou-se com o carinho do marido. O que estava acontecendo? Por que Thomas estava agindo daquela maneira?

Acompanhada do marido, Sarah chegou ao baile em comemoração da posse de Edward. Em vez de conduzi-la até as cadeiras e pegar o cartão dela, Thomas circulou ao lado da esposa cumprimentando alguns parlamentares.

— Precisa pegar meu cartão de baile — sussurrou no ouvido do marido. — As pessoas estão nos olhando.

— Não precisará de um cartão de baile, lady Hervey. Dançaremos juntos uma valsa e partiremos. Temos um compromisso logo cedo amanhã.

— Não podemos dançar juntos e você não é um apreciador da valsa.

— Não era. — Deslizou as costas dos dedos pelo rosto dela. — A partir do momento em que dançar com minha bela esposa, essa se tornará minha dança preferida. — Ele a levou até o centro do salão.

— Está fazendo isso para mostrar a Edward a quem pertenco. — Fez uma reverência curta e iniciaram a dança.

— Meu amor, eu não me daria ao trabalho, já que você mesma disse a ele que seu coração é meu.

— Nunca disse que meu coração lhe pertence. — Pisou-lhe o pé com vontade.

— Não com palavras. — Girou-a com elegância. — Ainda.

Sarah tentou se concentrar na valsa, Thomas estava incrivelmente sedutor. Parecia determinado a amolecer seu coração, ela sentia-se à beira de um abismo. Não conseguiria resistir por muito tempo. Quando a música terminou, ele a tomou pelo braço e, antes que alcançassem a saída, um cavalheiro se aproximou.

— Lorde Hervey. Lady Hervey. — Um velho amigo de David e de John fez uma reverência. — Concede-me a honra da próxima dança?

— Lamento, lorde Smith, mas a marquesa está indisposta — Thomas respondeu por ela.

Desviando-se dos convidados, conduziu-a até a carruagem, sorrindo abertamente. Era exasperante. Ele a testava, levava seus nervos ao limite.

— Não pode agir dessa maneira. Todos devem estar falando de nós. Dançou comigo, negou uma dança a lorde Smith e nem cumprimentamos Edward.

Thomas se aproximou e começou a soltar os botões do vestido de Sarah, ignorando as regras de etiqueta negligenciadas que ela enumerava. Dedicava-se, concentrado, a despir da esposa.

Sarah não conseguiria impedi-lo, sentia falta do toque do marido. Fechando os olhos implorou:

— Por favor, pare de me torturar.

— Minha intenção é deixá-la confortável. — Mordiscou-lhe o pescoço. — Vire-se. Como você disse? — Desamarrou o espartilho. — Com essa coisa você fica como um frango enjaulado?

Thomas abaixou o vestido, retirando-o. Sarah não o impediu, estava somente com as roupas de baixo e se virou para ele.

— Por favor, Thomas, não faça isso, eu reconsidero minha proposta, posso ser sua amante.

Ele a despia completamente.

— E a parceria nos negócios? — sussurrou ao ouvido dela, fazendo-a arrepiar-se.

— Também — respondeu ofegante.

Ele se desfez do casaco e começou a desabotoar as calças.

— Sabe, minha querida marquesa, receio que sua proposta esteja aquém das minhas expectativas — sussurrou enquanto a trazia para mais perto. — A Srta. Delage ministrou alguma aula sobre carruagens em movimento? — Puxou-a para o colo e Sarah gritou surpresa.

— O que quer de mim? — gemeu ao sentir o toque dele na intimidade úmida.

— Tudo — penetrou-a com ela no colo. — Acho que ficará mais confortável se montar em mim, tenho certeza de que aproveitou bem essa aula.

— Por favor, não brinque comigo, não brinque com meus sentimentos — implorou quando se sentou de frente para ele, em seu colo.

Thomas forçou a entrada estreita e gemeu quando se sentiu deslizar pela umidade de Sarah.

— Nunca amei ninguém como amo você. — Movimentava-se lentamente. — Nunca pensei em nenhuma outra mulher desde que me beijou naquela biblioteca. Só você. — Guiou os quadris de Sarah. — Só você, meu amor.

Diante daquela declaração, ela se entregou, aumentou o ritmo, apertando o corpo contra o dele. A adrenalina corria sob sua pele, a tensão da briga, a declaração de Thomas e o prazer que sentia eram tamanhos que temia não conseguir suportar. Era dele, seu corpo pertencia-lhe, não tinha como negar.

— Eu te amo, Sarah — murmurou enquanto se derramava dentro dela.

Aquelas palavras foram o suficiente para que ela se rendesse ao prazer que lhe consumia. Amaram-se entre declarações e juras de amor. Era impossível não retribuir tamanho carinho e devoção.

Quando chegaram em Groove House, Thomas pediu ao laçao uma manta. Envolveu Sarah ainda nua e a levou ao quarto no colo. O que os criados iriam pensar? — ela enrubesceu enquanto subiam as escadas.

Quando ele abriu a porta, Sarah se assustou.

Estava diferente, havia somente uma cama e, onde era seu quarto, havia uma pequena sala.

— Onde está minha cama? — perguntou confusa.

Ele apontou para o único leito que havia no quarto e a colocou no chão.

— A pergunta correta seria, onde está a nossa cama? — Tomou-a em um beijo carinhoso. — Não pretendo dormir longe de você um só dia, meu amor.

Ainda confusa, caminhou pelo quarto e se sentou em um canapé perto da lareira, enrolando-se na manta.

— Tudo que eu disse é verdade, Sarah. — Sentou-se ao lado da mulher, puxando-a para seus braços. Ficaram em silêncio por alguns instantes. — Por que não me disse que está grávida?

— Foi tudo tão de repente, a morte do seu pai, nosso desentendimento. — Suspirou, aconchegando-se no ombro do marido. — Não tive tempo para pensar em tudo.

Thomas deslizou a mão pelo ventre de Sarah e o acariciou.

— Vamos pensar juntos, meu amor. Daqui por diante faremos tudo juntos, um ao lado do outro. — Beijou-lhe os cabelos. — Tenho uma proposta a lhe fazer.

— Uma proposta? — Estremeceu e ele a apertou contra o corpo.

— Ofereceu-se para ser minha amante e sócia nos negócios, mas eu não me contentaria com tão pouco. — Inclinou-se para fitá-la. — Certa vez lorde Granville me disse que um dia me daria conta de que o amor estaria em minha vida e que o dia em que descobrisse isso veria que só tenho você e que você só tem a mim. Então lhe peço que seja parte de mim e que me deixe ser parte de você, até que possamos nos tornar um só. — Sarah o olhava com os

olhos marejados. — Meu coração é seu, Sarah, e, se antes não lhe prometi sentimentos, hoje a única coisa que tenho a lhe dar é o meu amor, pois nada mais importa.

— Eu te amo — ela declarou entre lágrimas.

Sarah levou os dedos aos lábios, ainda atordoada com o beijo que Thomas lhe dera antes de entrar na Câmara dos Lordes. Parada junto à porta de vidro, acompanhada do avô, observava o marido subir ao púlpito.

— Em primeiro lugar, gostaria de parabenizar lorde Edward Baldwin, o primeiro-ministro do Reino Unido. É com muito pesar que declino o Ministério de Relações Internacionais que me foi oferecido — declarou e Sarah olhou, assustada, para o avô. — Apesar de sermos governados por uma soberana, as mulheres deste país não têm espaço na política. — Um burburinho invadiu o ambiente. — Casei-me com uma mulher brilhante, uma dama que, ainda garotinha, estava entre muitos de vocês e que nos surpreende com sua posição justa e visionária. Uma mulher do futuro. Não poderei aceitar o cargo, pois jamais seria um ministro tão bom como minha esposa, e não irei decepcioná-la. Partirei para Suffolk e, ao lado dela, traremos a modernidade e a prosperidade para as terras que herdei. Honraremos nosso país oferecendo progresso. Deixo aqui a esperança de que um dia esta casa tenha cadeiras ocupadas por mulheres como a marquesa de Bristol.

Thomas deixou a sessão entre poucos aplausos e muitas vaias. Com a cabeça erguida, tomou a mão da esposa, que estava visivelmente emocionada.

Ela esperou que chegassem à carruagem e se jogou nos braços do marido, beijando-o com paixão.

— Por que não me disse que Edward lhe ofereceu um ministério?

Thomas a ajeitou no colo e lhe ofereceu um sorriso torto.

— Certamente foi a maneira que ele encontrou de tê-la em seu governo.

— Você não está em seu juízo perfeito... — Alisou-lhe o rosto.

— Tudo que disse... sabe que a maioria queria matá-lo.

— Não me importo. — Beijou-a com carinho. — A única coisa que importa é que vamos para Suffolk cuidar de nossas terras e ver nosso filho nascer forte como um touro.

— E se for uma menina?

— Deus me ajude!

FIM...

Epílogo

No jardim de Groove House, Sarah alisava a barriga, enquanto Thomas massageava-lhe os pés. O clima estava agradável e aproveitavam o desjejum ao som dos pássaros. Apesar do desconforto da gravidez, ela deleitava-se com o cuidado do marido.

— Preciso ir à tecelagem, hoje começam os testes com a máquina que veio da França — Sarah informou passando geleia no pãozinho.

— Vou pedir que tragam as amostras para você. Não sairá de casa nesse estado.

— Thomas! Estou bem, não vou ficar em casa enquanto você sai para trabalhar.

— Não sairei mais, ficarei ao seu lado e trabalharei em casa.

Mesmo que quisesse, não conseguiria brigar. Derreteu-se quando ele beijou seus tornozelos inchados.

Ao ouvir o som de passos, os dois viraram para o caminho que dava acesso a casa. Marie corria com os cabelos soltos e, quando se aproximou, Sarah viu que a amiga chorava.

Thomas se levantou rapidamente e puxou a cadeira para que ela se sentasse.

Ofegante e chorando compulsivamente, Marie recusou e se jogou de joelhos.

— Por favor, Sarah, ajude-me — implorou com as mãos juntas.
— Só você pode me ajudar.

...

Leia a
A Cortesã

Disponível no Amazon:

<https://www.amazon.com.br/dp/B07FKCTY83>

A Cortesã

Prólogo

Paris, janeiro de 1851.

A imagem refletida no espelho não revelava sua alma. Ela nunca imaginou vestir-se de maneira tão voluptuosa. Estava acostumada a ver mulheres com decotes fartos e bochechas coradas pelo excesso de *rouge*, entretanto nunca se imaginara daquela maneira. Marie Bourdon nascera e crescera dentro da casa de tolerância que pertencera à sua avó. Era a segunda herdeira na linha de sucessão do *Palais des Plasirs*, o bordel mais famoso de Paris.

Não se lembrava da avó, mas sempre ouvia sobre ela com demasiado entusiasmo. A famosa madame Bourdon construíra a elegante *maison clodes* com a herança deixada pelo marido. Um empreendimento inovador, que ocupava meia quadra em Montmartre, no coração da boemia parisiense. A imponente construção de quatro andares funcionava como cabaré, casa de jogos e bordel. O Céu e o Inferno dos endinheirados europeus.

Todas as damas de companhia residiam no último andar, cada uma tinha seu quarto para viver e receber os clientes. Marie nunca se deitara por dinheiro, valorizava sua virtude e, mesmo sabendo que era o destino das mulheres da família Bourdon, nunca quisera isso para si.

Fora abandonada pela mãe ainda bebê. O pouco que sabia era que Cécile Bourdon se apaixonara por um nobre inglês e que partira, deixando para trás a prostituição e a filha. Marie crescera nos corredores do antro que sempre considerara o purgatório e, ao completar doze anos, foi obrigada a trabalhar.

Sua tia, a nova madame Bourdon, cujo nome de batismo nem mesmo Marie conhecia, era uma mulher cruel, que contabilizava todos os gastos da sobrinha e os cobrava constantemente.

A fim de um dia conseguir quitar sua dívida, Marie trabalhava servindo as mesas do grande salão de jogos, confeccionando roupas para as dançarinas do cabaré e para as cortesãs. Trabalhava dia e noite, mas a dívida com a tia era abatida a conta gotas.

Mesmo com vinte e três anos, uma idade avançada, a virtude de Marie era cobiçada pelos frequentadores do *Palais des Plaisirs*. Corriam apostas pelos salões e ela acreditava que madame Bourdon lhe permitia postergar a estreia esperando alguma oferta exorbitante no leilão da virtude da sobrinha. Tinha planos de fugir, mas não conseguia sequer um franco, toda gorjeta que recebia era tomada. Ainda que se escondesse, a alcoviteira sempre a encontrava.

Naquela noite fora obrigada a se vestir como uma rameira, o uniforme novo que deveria usar. Contemplava o vestido escarlate com ironia, ela mesma o havia feito. Ajeitou as extravagantes plumas que ornavam seus cabelos, posicionou alguns cachos na lateral do colo para tentar disfarçar o decote e respirou fundo. Seria uma noite longa e odiosa.

Se soubesse que sua vida mudaria depois daquela noite, David não estaria tão maravilhado com tudo que via. O filho mais novo do marquês de Bristol aceitara o convite de lorde Philip Smith, o visconde de Derby, para uma breve temporada em Paris e, com o primo John a tira colo, estava a caminho de um dos maiores bordéis da França.

No coração de Montmartre, o movimento de carruagens e pessoas não fazia jus ao adiantado da hora. Lanternas vermelhas iluminavam o beco estreito que dava acesso à entrada do *Palais des Plaisirs*. Era uma casa imponente, bem-cuidada, um convite para o pecado. Logo na entrada, mulheres seminuas recepcionavam os cavalheiros com um cálice de um líquido transparente, cortesia da casa.

Foram encaminhados ao salão de jogos enevoado por uma fumaça densa de tabaco. Havia dezenas de mesas espalhadas e vários jogos eram oferecidos. Dados e carteados pareciam ser os preferidos entre os frequentadores. A bebida rascante ainda formigava na língua, deixando um gosto amargo.

Philip os conduziu até uma mesa afastada, certamente para explicar as regras do estabelecimento. John e David nunca haviam visto nada parecido em seus parques vinte anos; aquela era a primeira vez que visitavam Paris. Muito diferente das diversões monótonas encontradas na Inglaterra, aquela noite prometia ser memorável.

— O que me dizem? — Philip estava confortavelmente esparramado em uma cadeira de braços, com um sorriso malicioso.

— Nunca imaginei que pudesse existir um lugar como este — respondeu David enquanto John, alheio à conversa, observava cada detalhe a sua volta.

O visconde de Derby era um homem vistoso, um libertino consumado. Herdara o título há dois anos e, pelos quatro cantos de Londres, corria o boato de que, aos trinta anos, finalmente resolvera encontrar uma esposa. Philip parecia um frequentador assíduo do lugar, oferecia sorrisos e olhares maliciosos às damas libidinosas que circulavam pelo salão.

— Quero aquela — David anunciou com os olhos fixos na mulher de cabelos cor de cobre, dona dos olhos mais verdes que já vira.

Uma gargalhada rouca e cruel tomou o ambiente, Philip parecia se divertir à sua custa.

— Vá até aquela mesa e dê seu lance. — O visconde apontou com o queixo, um sorriso perigoso nos lábios. — Há tempos tenho dado lances, e nenhum deles parece ser o suficiente para Marie.

— Marie... — repetiu David ainda a observando.

Seria uma tolice competir por aquela dama, notoriamente ele não era o único a desejá-la. Correndo os olhos pelo salão, viu os espectadores, que pareciam despi-la com os olhos.

—Talvez seja o momento de acabar com a concorrência — murmurou Philip coçando o queixo. — Acho que não vieram aqui para jogar, desçam por aquela porta e verão o melhor espetáculo de can can de toda Europa.

David e John se levantaram e seguiram pelo caminho indicado pelo Visconde. Philip ergueu a mão e chamou seu objeto de desejo.

Ao reconhecer o visconde de Derby, Marie sorriu educadamente. Ele a chamava, como sempre fazia quando ia ao *Palais des Plaisirs*. Caminhou até ele desviando dos clientes mais inconvenientes. Não podia negar que aquele homem era um belo exemplar inglês; o *habitué* mais cobiçado entre as concubinas. Era conhecido pelo desempenho na cama e pelas gorjetas generosas. Ela endireitou o corpo tentando recuperar um pouco da dignidade que o vestido lhe roubara.

— Minha querida Marie. — Ele se levantou rapidamente quando ela se aproximou e beijou-lhe a mão. — Confesso que nunca a vi tão... — avaliou seu decote demoradamente e deixou a língua passear pelos lábios preguiçosamente— exposta.

— *Monsieur* Smith. — Fez uma reverência obsequiosa. — São os novos uniformes.

— Por favor, sente-se.

— *Pardon, monsieur*, não poderia. Caso deseje, posso chamar Victória para lhe fazer companhia.

— Gostaria da sua companhia.

— *Monsieur*...

— Somente uma conversa. — Levantou-se e puxou a cadeira para que ela se sentasse. — Prometo não tomar muito de seu tempo.

Marie estremeceu, sabia que mesmo escondida madame Bourdon estaria observando aquela cena. A dona do *Palais des Plaisirs* não frequentava os salões a menos que usasse máscara para esconder a terrível cicatriz em seu rosto. Mas todos sabiam que vivia se esgueirando para observar tudo o que acontecia.

— Imagino que não esteja se sentindo confortável com o novo uniforme — Philip a trouxe de volta para o presente. — Não posso negar que o vestido revela suas qualidades, mas não é nem de longe apropriado para uma dama.

— Não sou uma dama.

Marie o fitou curiosa, Philip a contemplava de maneira diferente, não da maneira que sempre o fazia; dessa vez havia um brilho distinto em seus olhos. Sentiu as bochechas corarem.

— Ainda. Mas algo me diz que essa vida não é para uma *mademoiselle* tão preciosa.

Marie desviou o olhar, era estranho como aquele homem podia enxergar sua alma.

— Por favor, não fique encabulada. — Havia um sorriso vitorioso em seus lábios. — Confesso que tenho que me redimir por meu comportamento tolo nas últimas vezes que estive aqui. Eu deveria ter percebido que é diferente de todas as mulheres que já conheci.

— Diferente?

— Essa vida não é para você. Está escrito em seus olhos. — Tomou um gole do vinho que apareceu na mesa, nem percebera que a bebida havia sido servida. — Sortudo será o cavalheiro que a tirar daqui. — Tocou a mão dela suavemente. — Imagino que já tenha ouvido várias propostas.

— Ninguém nunca me ofereceu algo parecido — sua voz soou esperançosa demais.

— Eu ficaria encantado em ser o primeiro, entretanto, em meu país, não se propõe algo tão importante a uma dama a menos que se tenha certeza do assentimento.

Marie sentiu-se tentada. Estava disposta a se tornar amante de *monsieur* Smith. Era sua única chance de fugir dali. Doaria sua virtude de bom grado, era tudo o que possuía, o trunfo para se libertar das garras de madame Bourdon.

— E como uma dama poderia dar indícios de seu interesse? — perguntou esperançosa, certa de que a sorte havia lhe sorrido.

— Case-se comigo. Diga que me aceita como seu marido e lhe darei o mundo.

O ar lhe faltou, Marie não esperava por aquilo. Piscou algumas vezes tentando recobrar a consciência do torpor que a invadia. *Casar?* Marie Smith, a viscondessa de Derby.

— O senhor está se divertindo à minha custa. — Levantou-se abruptamente.

Philip se colocou de pé elegantemente.

— Desculpe-me, jamais poderia propor algo assim num lugar como este. — Beijou-lhe a mão demoradamente.

Ainda sem acreditar no que estava acontecendo, Marie deixou-se levar e, quando percebeu, abria a porta de seu quarto para o futuro marido.

No dia seguinte quando acordou, encontrou uma rosa vermelha na cama, acompanhada de uma nota de Philip.

*Minha Querida e doce Marie,
Jamais me esquecerei desta noite.
Estou voltando para Londres para preparar sua chegada.
Em breve voltarei para buscá-la.*

Gratidão é uma palavra profunda, que só é real quando transborda dentro da gente. Gratidão, para mim é uma filosofia de vida, faz parte da minha alma. Sou grata a tudo que passei, ao que fui e ao que sou agora. Sou grata pela oportunidade de escrever mais um livro, em uma casa editorial como a The Books.

Nunca poderei expressar a minha gratidão pelas pessoas que passaram na minha vida, mesmo que por algum motivo não tenham permanecido. Minha sincera admiração e mais uma vez gratidão, por ter o melhor amigo, designer, que mergulha de cabeça nas minhas loucuras. Paulinho, amo você!

Sou grata pela família que tenho, mesmo pequena ela é enorme em amor. Jamais poderia esquecer daquelas que topam qualquer

história louca que invento, que me ajudam, dão pitacos e contribuem para o meu crescimento: Deh, Stellinha, Pati, Jones, Line, Bah, Gil, Val, Rose, Michaelly... e tantas outras.

Acima de tudo, gratidão por quem se aventura nas páginas que escrevo, pelos que se deixam tocar pelas minhas histórias. São vocês que me fazem continuar e tentar ser melhor a cada dia.

Obrigada! Essa única palavra nunca seria suficiente para expressar meu amor e gratidão, por vocês e pela vida.

Que tal colocar a Série Damas Perfeitas na sua estante?

editoraportal.com.br

Outros Livros da Autora

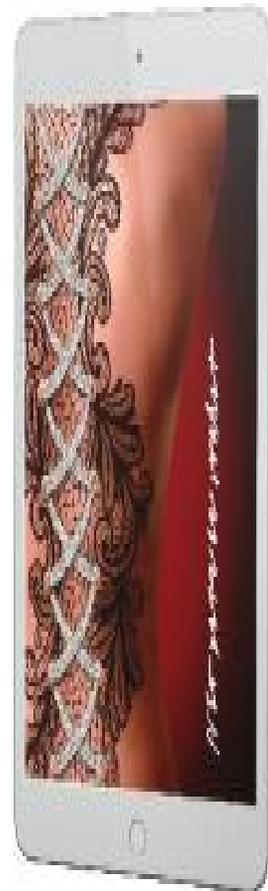
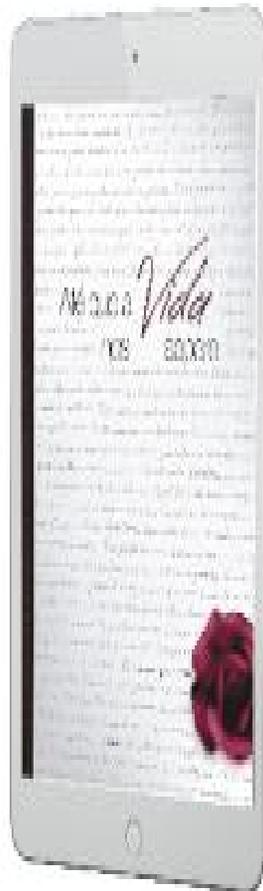
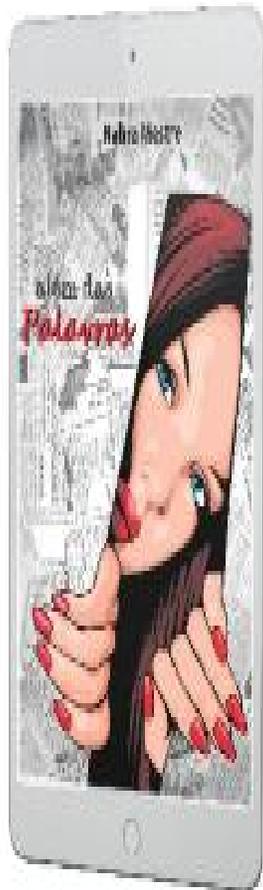


Table of Contents

[Prólogo](#)

[Capítulo I](#)

[Capítulo II](#)

[Capítulo III](#)

[Capítulo IV](#)

[Capítulo V](#)

[Capítulo VI](#)

[Capítulo VII](#)

[Capítulo VIII](#)

[Capítulo IX](#)

[Capítulo X](#)

[Capítulo XI](#)

[Capítulo XII](#)

[Capítulo XIII](#)

[Capítulo XIV](#)

[Capítulo XV](#)

[Capítulo XVI](#)

[Epílogo](#)